Agrupamento de Escolas Abade de Baçal - Bragança
Junho 2013 | Ano XXIII Nº 54
www.outrapresenca.com

OP outraPresença

As histórias de João Tordo

encontros,3

Pensar a interioridade

O interior é visto por muitos como o parente pobre do país, mas há quem encontre nele motivos para nele viver. verso e reverso, 16-17

Debater a crise

No âmbito do projeto "Parlamento dos Jovens", os círculos eleitos a nível dos distritos defenderam as suas ideias na sessão nacional que decorreu em Lisboa, na Assembleia da República, nos dias 6 e 7 de Maio. O debate não podia ser mais atual: como ultrapassar a crise jogos de poder, 12-13

Encontros BE

Março foi o Mês escolhido para a inauguração da biblioteca da escola sede do agrupamento, com a presença de Teresa Calçada, coordenadora nacional da Rede de BE, que participou também no I Encontro da Rede de Bibliotecas de Bragança. escola viva, 4-5

Vencer desafios

Foram muitas as competições em que os alunos de todas as escolas do agrupamento se envolveram: olimpíadas de Biologia, Matemática e Português; campeonatos e concursos de leitura; escrita e ilustração de contos; pintura em azulejo; competições desportivas. Também este ano, pela primeira vez, os alunos de 4º ano realizaram exames nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática.
Ao longo deste jornal pode encontrar um pouco de cada uma destas atividad

Entrevista com os protagonistas de *Três dedos abaixo do joelho*

Contornos do branco

Seguindo a linha do anterior número do OP, neste dedicam-se algumas páginas ao branco. De conotação globalmente positiva, muitos são os elementos aos quais esta cor se vê associada.
Alguns deles são aqui partilhados com todos numa fusão entre a realidade e a ficção, o terrestre e o sobrenatural, o físico e o psicológico, o concreto e o simbólico. Escola viva, 3

Efeitos da crise

A palavra crise entrou no vocabulário de todos. A cada dia que passa, há mais dificuldades económicas, mais desemprego e mais preocupações que podem chegar ao limite da própria sobrevivência. Para compreendermos a abrangência deste drama político, económico e social que se chama crise, vamos revisitar outras crises que antecederam a crise atual e avaliar o seu impacto na região onde vivemos. terra nossa, 14-15

Uma noite de sonho

que cena! 21-23

João Tordo- Venturas e desventuras de um homem com luz

Adriana Nascimento, 10ºB

Numa tarde em que a temperatura era baixa em Bragança, o auditório da Escola Secundária Abade de Baçal aqueceu com o calor humano de todos aqueles que puderam ouvir o escritor João Tordo. Na plateia, alunos (alguns oriundos de uma turma da Escola Augusto Moreno) e alguns professores ansiavam pelas palavras do jovem escritor.

A boa disposição e o à vontade do escritor foram evidentes desde o início. Relativamente à sua relação com a escrita, referiu que um dos seus primeiros escritos fora um poema de amor, quando frequentava o Secundário. Na altura, e tal como o escritor adiantou, não lhe foi muito útil já que o poema não teve o fim esperado: "a rapariga deitou o poema ao lixo". João Tordo adiantou alguns pormenores desta história de amor não correspondida tornando o ambiente com os alunos bem mais descontraído.

João Tordo formou-se em Filosofia, em Lisboa, e depois rumou a Londres para se licenciar em Jornalismo, profissão que ocupou durante cerca de nove anos. Foi para Nova Iorque em 2002, onde estudou Escrita Criativa. Aqui não se limitou a estudar, mas também trabalhou em alguns cafés da cidade, como explicou. E foi na cidade que nunca dorme que escreveu o seu primeiro romance "não nascemos escritores, mas alguma coisa de nós tem vontade de compreender o mundo", disse. Para escrever romances é preciso "ver o mundo e viver o mundo", acrescentou. Nos cinco romances publicados, está parte do seu mundo, as personagens são frequentemente construídas a partir de pessoas que fazem parte da sua vida, embora nos romances ganhem autonomia. A escrita é também "uma oportunidade para o escritor se vingar do mundo" e "para ajustar contas com a realidade". Talvez por isso alguns dos seus amigos lhe tenham pedido que não os colocasse nos livros. E ele não foge a este efeito espelho. Depois de muito tempo sem escrever, disse ter-se fechado "em casa com uma depressão enorme" e visto todos os episódios do Dr. House. "Então comecei a escrever um romance no qual há um escritor que tem uma depressão", contou o escritor. Também o facto de ser um irmão gémeo já foi narrado nos livros.

Foi-lhe atribuído o prémio José Saramago, pela obra literária: "As Três Vidas", no ano de 2009 e assegura que esta distinção mudou completamente a sua rotina: viu o número de entrevistas crescer de uma forma colossal, o que foi fundamental para o êxito com os leitores.

Questionado sobre a definição de literatura, referiu que esta "é uma coisa feita por pessoas que já leram mais livros do que aqueles que escreveram, é aquilo que se faz para dar resposta ao que aparentemente não a tem".

Elisa Ramos, professora bibliotecária da AM, quis saber se em "os Homens sem Luz" haveria influência de Malraux, pois sentia que o livro era uma reflexão . João Tordo referiu que a existir essa influência, não era consciente, mas que o livro fora escrito, quando atravessava uma fase boa menos boa da vida em que precisava de explicar o que se passava com ele, mas atrás de outros – as personagens do seu livro.

O seu escritor de eleição é Paul Auster.

Fundamentalmente, numa obra, é o 1º parágrafo o que exige um grande esforço "para que tudo fique perfeito".

A sessão terminou com a leitura do "Conto de Natal" por um grupo de alunos do 10ºB.

Momentos da sessão com João Tordo, cuja apresentação foi feita por Adriana Morais, aluna do 12ºA

Alguns momentos da sessão: João Tordo com a professora bibliotecária da Escola; apresentação do escritor pela aluna Andreia Morais

Editorial

Fernando Calado*

Quando pretendemos fazer uma análise sociológica das mudanças que ocorrem nas instituições, ou organizações, ao longo do devir histórico é frequente consultar a imprensa de várias épocas, no sentido de validar a investigação para dar consistência a uma teoria.

Nesta perspectiva, para compreender as profundas mudanças no sistema educativo ao longo do tempo, dos métodos de ensino-aprendizagem, das motivações, da história do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, é sem dúvida, obrigatório a consulta aos números editados da Revista Presença e do Jornal escolar "Outra Presença".

E aqui há uma história de entusiasmo, de gosto pela escrita, de motivação científica e tecnológica, mas também afectiva, criando uma dinâmica motivadora para tornar a escola num espaço atractivo, onde o processo de aprendizagem seja um prazer, numa linha de construção permanente.

E logo verificamos que o Agrupamento de Escolas Abade de Baçal fez uma longa caminhada da antiga Escola Industrial e Comercial de Bragança, para a Escola Secundária da Sé, Escola Secundária Abade de Baçal/3 e actualmente Agrupamento de Escolas Abade de Baçal.

E toda esta mudança, não foi só de nome, mas também de níveis de ensino, ficando o registo para a História e o testemunho de boas práticas plasmado, primeiro nas páginas da revista escolar "Presença" a que se seguiu, na senda da qualidade e dinamização da comunidade escolar, o Jornal "Outra Presença"

Dois tempos, duas leituras do mundo, duas formas diferentes de comunicar, mas sempre o mesmo ideal de tornar a escola num espaço muito atractivo, numa escola cultural, onde os alunos cresçam em idade, sabedoria e humanismos, rumo à cidadania que torna o homem mais feliz e responsável.

Muito me honra, no entusiamo dos primeiros anos como docente na Escola Secundária da Sé, em colaboração com outros colegas, ter estado na fundação do Jornal "Outra Presença". Era um tempo em que o jornal nascia da mestria do recorte de imagens e textos para de seguida ser fotocopiado. Depois surgiu a novíssima possibilidade de recorrer aos primeiros e raros computadores que permitiam a paginação. A Escola ainda não tinha recursos informáticos e a paginação era feita num jornal local. Hoje, a "Outra Presença" tem meios próprios, um importante apoio informático e tecnológico e sobretudo a vontade, empenho e formação científica da docente da escola, Luísa Diz Lopes, coordenadora do jornal e do Clube de Jornalismo que há muitos anos abraçou esta causa. A motivação que Luísa Lopes, outros docentes e alunos, bem como o apoio incondicional das diversas direcções da escola, permitiram uma forte tradição do jornalismo no meio escolar que despertou nos alunos quase uma paixão pela escrita e pelo jornal "Outra Presença" que paulatinamente se tornou numa referência a nível Nacional, tendo ganho vários prémios para os melhores jornais escolares.

Estou quase de partida da minha escola, aproxima-se a aposentação. Mas é uma honra e um privilégio, neste último ano ter regressado ao Clube de Jornalismo do nosso Jornal "Outra Presença" e sentir a vida duma redacção onde os alunos, com um entusiamo enorme se transformam em autênticos jornalistas na elaboração da reportagem, na procura da notícia, na investigação jornalística e mesmo na paginação. Escolas assim fazem a diferença, fazem-nos acreditar que a vida é uma coisa muito bonita e que o Jornal "Outra Presença" dá um sentido estético, ético e cultural à escola que é o orgulho de todos nós. Os homens passam o que ajudaram a construir fica. Em jeito de despedida desejo que o Jornal "Outra Presença" fique para sempre recordando o passado, engrandecendo o presente, preparando o futuro.

Projetar, Sonhar, Criar, SER

O Departamento do 1º CEB

A dinâmica expressa pelo título que damos a este artigo pretende, em retrospetiva, registar os processos criativos e formativos, que ao longo do ano letivo que agora termina, foram desenvolvidos pelo Departamento do 1º Ciclo e cujo vetor de orientação foi a promoção do sucesso académico e do desenvolvimento pessoal e social dos alunos e de todos os intervenientes educativos.

A criação de um ambiente caloroso, seguro, estimulador de aprendizagens significativas ocorreu não só pelo investimento e valorização da componente pedagógico-curricular da responsabilidade dos(as) docentes titulares de turma e de professores de apoio às turmas, mas também de uma equipa alargada de professores dinamizadores de projetos transversais e abrangentes que possibilitaram a realização de atividades e tarefas diversificadas, ativas, socializadoras e integradoras.

Sustentados nos princípios psicopedagógicos de teorias construtivistas e desenvolvimentistas procurou-se valorizar os quatro pilares da educação propostos por Jacques Delors (1986), a saber: aprender a conhecer/saber; aprender a fazer; aprender a conviver e aprender a SER/VIVER.

E todos vivemos intensamente!

Experiências, protocolos, provetas, medições …, em todas as turmas, escolas e situações; leituras em família, na sala, biblioteca, no auditório, convívio e jardim; escrita criativa, cartões, quadras, contos, dramatizações; contagens, dobragens, cálculos, problemas, maquetas, ciência matemática em ação; teatro, corpo, voz, silêncio, respeito por si e pelos outros; adereços, diferentes personagens, papéis e acções; consultas, ocorrências, datas comemorativas, rastreios, e a Saúde Escolar a funcionar; tradições e património a valorizar, diferentes culturas e etnias a apoiar …; ocupação sadia dos tempos livres, com a família a colaborar.

Investimento, motivação, entusiasmo!…

E foram concursos, exposições e muitos prémios conseguidos, sentimentos e emoções!

Positivas? Muitas!

Negativas! Algumas!

Constrangimentos? Também!

Não em termos de recursos humanos, mas físicos e materiais. O distanciamento e dispersão entre as EB1 não permitiu a consecução de algumas intervenções planeadas que permitiriam, sobretudo às escolas do meio rural, estabelecer laços de maior proximidade e convivialidade.

Mas habituados a ultrapassar os obstáculos conseguimos adquirir um manancial de recursos pedagógico-didáticos que nos enchem de orgulho e vontade de continuar…

O desenvolvimento de projetos em todas as turmas do 1º Ciclo visou a aquisição e promoção de competências cognitivas, afetivas e relacionais, ético-morais, culturais e de relacionamento inter, intrapessoal e comunitárias, de valorização e ocupação criativa dos tempos livres e o estreitar de relações de complementaridade entre a Família-Escola - Comunidade. A intervenção ocorreu a nível micro, meso, macro na perspetiva de Bronfenbrenner.

Ficha Técnica
Edição e propriedade da Escola Secundária Abade de Baçal de Bragança
Tel. - 273322163/273322462;
email - outrapresenca@gmail.com;
edição digital-www.outrapresenca.com;
Coordenação - Luísa Diz Lopes .Redacção - Clube de Jornalismo .Autor do Logótipo - Rui Garcia .Grafismo e Fotografia - Clube de Jornalismo - Edição e paginação - Clube de jornalismo, Luísa Diz Lopes . Revisão - Clube de Jornalismo, Olinda Oliveira
Clube de Jornalismo - Professores: Ana Luísa Alves, Albino Falcão, Fernando Calado, Luísa Diz Lopes - Alunos - Adriana Pires, Adriana Nascimento, Ana João Guerra, Ana Sofia Lourenço, Berta Gonçalves, Duarte Augusto, Guilherme Morais, Guilherme Moreira, Helena Anes, Mariana Lopes, Micael Gomes, Rafaela Correia, Ricardo Silvano, Sofia Rodrigues, Teresa Aguiar
Projectos em Interacção - Biblioteca/CRE; Clube Europeu; Desporto Escolar; Grupo de Saúde Escolar; Media@ciência . Outros Colaboradores -
Impressão - Diário do Minho
Tiragem - 1000 exemplares

RBB Rede de Bibliotecas de Bragança

I encontro RBB arranca com inauguração de portal das Bibliotecas de Bragança

Luísa Diz Lopes

O portal das Bibliotecas de Bragança foi apresentando durante o I Encontro da Rede de Bibliotecas de Bragança, que decorreu nos dias 8 e 9 de Março e que juntou cerca de 200 participantes.

Este portal será um suporte de pesquisa e divulgação a distância, que promoverá a partilha e a aquisição de conhecimento, e um espaço virtual onde estará disponível o acervo de todas as bibliotecas integradas no projeto "Rede de Bibliotecas de Bragança", cujo protocolo foi assinado pelos representantes das instituições que o integram.

Subordinado ao tema "Leituras em Rede: Inovação, Acesso e Inclusão Social" o encontro, que resultou da organização conjunta das Bibliotecas e da Câmara Municipal de Bragança

A primeira comunicação honrou-nos com as palavras da Coordenadora Nacional da Rede de Bibliotecas Escolares, Teresa Calçada, que mostrou a importância da leitura enquanto promotora da integração plena dos jovens na sociedade e, não sendo a leitura uma faculdade inata, salientou a necessidade de as bibliotecas investirem na formação de leitores proficientes, acompanhando a evolução tecnológica que apresenta os livros em diversos suportes.

Esta evolução nos suportes e hábitos de leitura foi tema de outras reflexões que conduziram a uma viagem até à infância/juventude e aos livros na altura eram lidos ("Na encruzilhada dos livros e dos leitores") e à constatação de que, apesar dos livros serem outros, muitas são as linhas que os unem; que alertaram para a emergência de novos tipos de literacia associados à leitura e para os novos textos que os "média" oferecem e que exigem novas formas de abordagem da leitura e da escrita, às quais estão ligadas as ferramentas que a tecnologia tem criado e que estão disponíveis online, democratizando o acesso a elas e impulsionando o aluno a evoluir de recetor a criador dos seus próprios conteúdos e conhecimentos ("Narrativas transmedia e formação de leitores"); que abriram as portas da web 3.0, depois de uma incursão pelas bibliotecas da web 1.0 e web 2.0, aliciando com a possibilidade de um assistente na web ao qual pudéssemos colocar as questões e cujas respostas apresentassem já a informação credível e essencial, mas salientando a necessária formação ao nível da literacia da informação e a importância dos metadados e de uma correta indexação de todos os ficheiros que são disponibilizados em linha ("Rumo à Biblioteca 3.0: tecnologias, mitos, tendências"); que mostraram como as redes sociais se podem transformar em espaços que potenciam uma leitura social pela partilha, pela integração num grupo com hábitos e gostos de leitura semelhantes, pelas sugestões que o perfil de leitor suscita ("As redes sociais e a leitura social: livros, autores, editoras, histórias e amigos"), nessa comunidade em que os amigos são leitores e os "gosto" se direcionam para livros ou comentários a propósito dos mesmos.

Momento de assinatura do protocolo entre as instituições cujas bibliotecas integram o portal

Mas nem todos os formatos da leitura são novos, há, outros, antigos, que merecem ser lidos e reinventados em forte relação com o texto que suportam ou os suportam. São as imagens, cuja leitura e riqueza metafórica surgiram neste encontro através de um livro infantil, A fábrica das palavras, que mostraram a necessidade de ensinar os alunos a ler essas imagens e não as evitar, porque o olhar inevitavelmente é atraído para elas, o que exige o desenvolvimento de estratégias de leitura de textos multimodais ("Os textos que a leitura dá a ver").

A preocupação com a formação de leitores proficientes, capazes, portanto, de pesquisar, selecionar, processar e produzir informação e conhecimento, e com a inclusão de todos neste universo foi evidente nos projetos que foram apresentados, como, por exemplo, os jornais escolares, uma revista júnior de investigação, *Era uma vez… uma imagem e outras histórias*, a *Bibliomóvel*, *Ciência em linha*, *Um toque no futuro*.

Uma biblioteca plural congrega elementos materiais e humanos capazes de criar oportunidades que permitam ao aluno ser ativo, crítico e consciente e, consequentemente, compreender e encontrar autonomamente forma de resolver os desafios que a sociedade lhe coloca. Desta sua capacidade depende a concretização dos objetivos a que se propõe. Mas estes dependem, também, da capacidade de os agentes educativos se integrarem neste novo paradigma e proporem aos seus alunos oportunidades enriquecedoras de aprendizagem. Pode a escola negar esta oportunidade aos seus alunos?

As animadas tertúlias de um Homem inquieto

Equipa da Biblioteca da Escola Abade de Baçal

No dia 23 de maio teve lugar, na Biblioteca da Escola Abade de Baçal, a apresentação do livro "As animadas tertúlias de um Homem Inquieto", da autoria de Jorge Nuno. O evento, dirigido à Comunidade Educativa, foi organizado pela equipa da Biblioteca da Escola e contou com a presença de um razoável número de alunos e professores do mesmo estabelecimento de ensino. Marcaram ainda presença amigos e convidados do autor.

A apresentação da obra, a cargo da Dra. Elisete Conde, permitiu a sua contextualização e um conhecimento sobre as personagens e a ação em que a mesma decorre. Os presentes foram ainda brindados com a declamação de alguns dos poemas que constam do livro.

De acordo com o autor, antigo professor da Escola, "esta é uma história simples, de gente simples e decorre na ambiência turbulenta de uma sociedade em ebulição, sujeita diariamente a transformações. Retrata a forma de ser, estar, pensar e agir de um pequeno grupo de pessoas, tendo como personagem central um desempregado de longa duração, rodeado do seu núcleo de amigos."Como pode ler-se no prefácio da obra, o tema, para além de leve e sugestivo, como que nos convoca para a realidade, fazendo-nos lembrar uma reportagem sobre a crise dos nossos dias.

As próximas sessões de apresentação deste livro, editado pela Pastelaria Studios Editora serão a 30 de maio (Miranda do Douro) , 22 de Junho (Livraria Centésima Página, Braga) 1 e 12 de Julho (Biblioteca Municipal Alhos Vedros, Moita)

Jorge Nuno falando da sua experiência enquanto escritor

Inauguração da BE/CRE Abade de Baçal

Ricardo Silvano,8ºA

Teve lugar no passado dia 7 de Março a cerimónia oficial da inauguração da Biblioteca da Escola Secundária Abade de Baçal.

Esta Biblioteca, com mais de sete mil livros catalogados, está instalada num amplo espaço com dois andares, devidamente equipada, com mobiliário de exposição dos livros, espaços de leitura e ainda uma secção com computadores destinados à consulta e à elaboração de trabalhos. Esta biblioteca é um espaço acolhedor e atractivo com amplas janelas viradas para a cidade e para o castelo.

Estiveram presentes na cerimónia de inauguração um número significativo de membros da comunidade escolar, professores, alunos e funcionários.

Na mesa de honra da cerimónia estiveram presentes a Presidente da Comissão Administrativa Provisória, Teresa Sá Pires, a Coordenadora das Bibliotecas Escolares, Teresa Calçada, a Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Bragança, Fátima Fernandes, a Directora do Centro de Formação da Associação de escolas Bragança-norte, Elizete Conde e a Coordenadora inter-concelhia das Bibliotecas, Rosário Caldeira.

No uso da palavra a Diretora da Escola, Teresa Sá Pires congratulou-se com a presença de todos os presentes e manifestou o seu contentamento pela inauguração deste magnífico espaço de cultura e lazer, referindo que a "biblioteca é um lugar mágico". Teresa Sá Pires considera que uma biblioteca é um espaço de promoção da liberdade. Terminou a sua intervenção agradecendo à professora Paula Romão o trabalho e apoio que durante muitos anos dedicou à biblioteca.

A Vereadora da Cultura, Fátima Fernandes felicitou a escola e a sua direcção pelo facto de possuírem uma biblioteca de tão grande qualidade, inserida na rede de bibliotecas. Dirigiu ainda uma palavra de grande apreço para com a equipa que durante tantos anos vem editando o Jornal da escola "Outra presença" que já é uma referência a nível nacional.

Usaram ainda da palavra, Rosário Caldeira e Elisete Conde que se congratularam com a inauguração deste espaço fundamental à vida escolar.

Encerrou a cerimónia a Coordenadora das bibliotecas, Teresa Calçada tendo felicitado a escola pela magnífica biblioteca que possui:"As bibliotecas festejam a palavra e tornam-nos menos ignorantes. Aqui hoje festejamos." Acrescentou ainda: "Uma escola não é uma escola se não tiver uma biblioteca" E concluiu: "Em momentos em que estamos deprimidos devemos ir a um local de cultura".

De seguida teve lugar a apresentação de um trabalho elaborado pelos alunos do curso de Multimédia com testemunhos de vários professores e funcionários que ao longo dos anos trabalharam na biblioteca.

A cerimónia terminou com um momento de poesia e com a oferta à Dr.ª Teresa Calçada do livro "Há homens atrás dos montes" da autoria do professor desta escola, Fernando Calado.

Teve ainda lugar um momento de convívio onde todos os presentes partilharam o bolo comemorativo.

Teresa Calçada, numa comunicação de defesa da leitura e das bibliotecas escolares; os alunos que vestiram a pele de Camões, Sophia e Florbela; pormenor da exposição patente na biblioteca

CNL - Desafios literários

Helena Anes, Sofia Rodrigues - 8ºA

A primeira fase do Concurso Nacional de Leitura, que se realizou no dia 9 de Janeiro de 2013, pelas 14:30 na Biblioteca da Escola Secundária Abade Baçal, foi ganha por Marta Genésio, do 8ºA, no escalão do 3ºciclo e por Vanessa Lameiras, do 12ºC, relativamente ao ensino secundário.

Participaram nesta eliminatória 5 alunos do 3ºciclo e 8 do secundário, sendo os três primeiros classificados em cada escalão apurados para a segunda fase, que se realizará na biblioteca Municipal de Mirandela e onde estarão todos os alunos selecionados das diferentes escolas do distrito.

Para realizar a prova, os alunos tiveram de ler previamente as obras selecionadas a nível de escola pela biblioteca em articulação com a área disciplinar de português. Os alunos de 3ºciclo leram "As Aventuras de João sem Medo" de José Gomes Ferreira e "O Mundo em que vivi" de Ilse Losa.

"A Queda de um Anjo" de Camilo Castelo Branco e "As Intermitências da Morte" de José Saramago, foram lidas pelos alunos do secundário.

O Concurso Nacional de Leitura visa divulgar obras literárias elevar os níveis de literacia dos participantes.

O júri da prova escrita era constituído pela equipa da biblioteca.

Para a segunda fase, que se realizou em Mirandela, os alunos do 3ºciclo tiveram de prestar provas de leitura de "Coração Sem Abrigo" de José Jorge Letria e "A Culpa é das Estrelas" de John Green e os do secundário de "Quanto Mais Depressa Ando, Mais Pequena Sou" de Kjersti Annesdatter Skomsvold e "Trás-os-Montes" de Tiago Patrício.

Os alunos vencedores desta fase distrital pertencem aos Agrupamentos de escolas Miguel Torga (3º ciclo) e Emídio Garcia (Secundário) que representarão o distrito na final.

Grupo de alunos que representou o agrupamento

Nível de Ensino	Nome	Ano/Turma	Classificação	Ordem
3º ciclo	Marta Genésio	8ºA	19	1º
	João Silva	9ºA	17	2º
	Flávio Vaz	9ºC	16	3º
Secundário	Vanessa Lameiras	12ºC	50	1º
	Cláudia Miranda	12ºC	47	2º
	Francisca Reis	12ºE	47	2º

As Bibliotecas e o desenvolvimento da leitura e das literacias na Escola do século XXI

No cumprimento da missão da Biblioteca Escolar (BE), traçámos um Plano de Atividades, no início do ano letivo, tendo em conta os objetivos prioritários da sua função na Escola e na comunidade.

Identificámos necessidades de aprendizagem, desenvolvemos estratégias de ensino e avaliámos processos e impactos, ainda não terminados. Por vezes, unilateralmente, mas quase sempre, em articulação com o currículo, a Equipa da BE trabalhou em conjunto com Professores, Departamentos e demais parceiros educativos (Escolas, Biblioteca Municipal, Arquivo Distrital…) para que as aprendizagens se tornassem mais significativas, e operacionalizadas de forma plural, interdisciplinar ou de enriquecimento curricular.

> A principal preocupação dos Professores Bibliotecários deve ser uma "prática centrada na aprendizagem, baseada em evidências, que tem como centro os conceitos fulcrais: a construção do conhecimento e a compreensão.
>
> Ross Todd (2011).

Foi um ano diferente, trabalhámos num contexto escolar mais alargado, várias escolas, cinco Bibliotecas, contudo procurámos ter uma visão clara e partilhada, em relação ao que devemos entender por educação e Projeto Educativo de Agrupamento e do papel que a BE detém na colaboração efetiva que lhes deve prestar.

Num tempo marcado pela informação digital, contribuímos, também, para o desenvolvimento de metodologias adaptadas às necessidades de aprendizagem dos alunos da escola do século XXI, ao integrarmos a Rede de Bibliotecas de Bragança.

O Portal RBB www.cm-braganca.pt/rbb/ está, agora, à distância de um clik, operando a mudança no acesso ao catálogo informático das Bibliotecas do Concelho.

RBB assinala Dia Mundial do Autor Português

O Dia Mundial do Autor Português foi celebrado em Bragança, no passado dia 22 de maio, numa iniciativa da Rede de Bibliotecas de Bragança (RBB).

As Escolas da Cidade responderam com entusiasmo e alegria, comparecendo no Polis, espaço de excelência para espraiar as cores e os ritmos que o tema assinalava, O MAR.

Fernando Pessoa, Sophia de Mello Breyner, José Jorge Letria, José de Sousa Braga, Saramago, David Mourão Ferreira, Eugénio de Andrade, Manuel Bandeira, Camões, Antero de Quental, Fiama Pais Brandão… foram os autores presentes, entre outros.

As Escolas do Agrupamento Abade de Baçal marcaram presença, num extenso Estendal de Poesia, com uma exposição de caravelas, alusivas aos Descobrimentos, com a oferta de poemas aos presentes, dramatização de um excerto dos Lusíadas e vários Poemas musicados de Fernando Pessoa e Florbela Espanca.A festa da leitura, expressiva, dramatizada e cantada aconteceu numa envolvência poética, conquistando os participantes e transeuntes.

Sempre mar

Eternamente abençoados sejam os mitos, os símbolos imutáveis do mar desenfreado, oceano de tentações descobridoras aplanadas pela energia dos lusos, na aventura sem equivalência da História Universal. O mar eternizável, arrebatador tem odores de maresia, notas quentes e orientais, segredos de alquimias e um desafio irresistível numa ternura interpretativa, quando a maré vaza…

Depois é a raiva de todas as "insatisfações" e irreverência, com a fúria desmedida das ondas altaneiras, que se estampam em "pepitas" de luz e contradições nas fulvas do areal.

Vestido com um xaile de seda azul esverdeado, o grande oceano enche-se de brios com os murmúrios das sereias, ninfas e tágides vestidas de noite, algemadas em corais, algas, búzios, conchas e estrelas-do-mar…

Brilhante e acetinado, enrola-se numa melodia de agitação, de tranquilidade, de tristeza e de ternura, libertando-se em segredos milenares e em cheiros de versos soltos…

Orgulhosamente, molda-se em fados e desfados, tece "rimas" abertas, mostrando o seu gigantismo abraçado das mudanças climáticas e pelo ritual das frenéticas gaivotas esvoaçando em poentes de oiro.

Como uma "écharpe", é símbolo de leveza, liberdade, doçura, encanto e inconstância, mas SEMPRE MAR…

Fernanda Tiago.

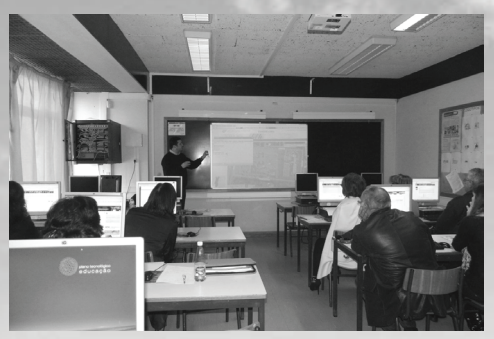
O mar enrolou a leitura

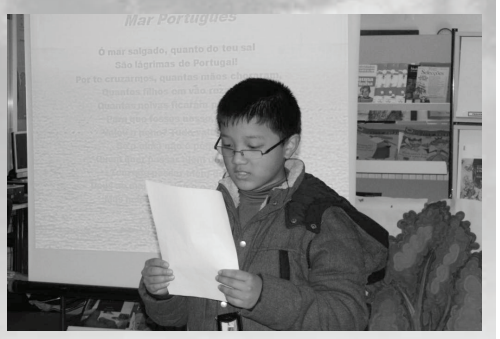
Elisa Ramos

A Semana da Leitura no Agrupamento de Escolas Abade de Baçal decorreu em ambientes variados, em todas as escolas do Agrupamento, animando alunos, convidados, a família, instituições e a comunidade educativa em geral. O MAR foi pretexto de leituras de Sophia, José Jorge Letria, Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, Maria Alberta Menéres, Pessoa, Saramago, Camões, Manuel António Pina, Mia Couto, …

Eloquentes momentos foram vividos em partilha de leituras com a comunidade (PSP, BVB, GNR, CVP), onde a criatividade surpreendeu, ou na Biblioteca Municipal, onde aLeR+ estiveram 25 alunos e professoras, numa tarde de saborosas leituras com Saramago, Alexandre Dumas, Mário de Carvalho, John Boyle, Isabel Allende, Eça, George Orwell, José Rodrigues dos Santos, Jostein Gaarder, entre outros, apresentados com mestria por alunos do 9º ao 12ºanos.

Em múltiplos encontros e nas várias Bibliotecas, marcaram presença várias turmas, dos diferentes anos, em painéis de leituras poéticas, narrativas, dramatizadas ou musicadas.





Pelo 7.º ano consecutivo, a nossa escola respondeu ao desafio lançado pelo Plano Nacional de Leitura, este ano subordinado ao tema "A Leitura e o Mar". "Esta iniciativa convoca a leitura para mostrar a relevância histórica e cultural do mar na construção da identidade do povo português, ajudando a (re) descobrir a pluralidade de dimensões do mundo." (PNL)

Assim, a nossa Biblioteca Escolar, ao longo de toda a semana, promoveu atividades que, através da leitura, visavam dar a conhecer o mar e a sua envolvência.

Foram várias as atividades desenvolvidas pelas diferentes turmas, com o apoio dos docentes de português:

- Leituras interturmas/ interciclos:
-Leituras dramatizadas, entre as quais se destaca "Vamos salvar o mar", apresentada pelos alunos do 7.º A, ao 1.º ciclo e ao pré-escolar;
- Elaboração e apresentação de um conto envolvendo todas as turmas do ensino pré-escolar, primeiro e segundo ciclos;
- Partilha de saberes com os utentes do CSPI;
- Recolha, ilustração e exposição de poesia subordinada ao tema "O Mar";
- Palestra "Conviver com o sol", promovida pela Associação Trans-Disciplinar.

Esta foi uma semana muito enriquecedora, em termos teóricos, falta complementar este conhecimento com a realidade do mar. Este foi o grande desejo manifestado pelos alunos: " Professora, e vamos ver o mar?", foi a frase que mais se ouviu durante as atividades.

Fica o desejo!

A equipa da BE
EBI/JI de Izeda

Leituras partilhadas
na Biblioteca Adriano Moreira

Teresa Aguiar(12ºA) e Sofia Rodrigues (8ºA)

Um grupo de alunos do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal reuniu-se voluntariamente na Biblioteca Adriano Moreira, a convite da coordenadora das bibliotecas do agrupamento, Elisa Ramos, e das professoras de português, Paula Romão e Luísa lopes, para partilhar experiências de leitura.

Para os jovens de 3º ciclo e secundário, a iniciativa revelou-se bastante frutífera, já que todos ficaram a saber muito mais sobre diversos livros de diferentes géneros, temas e autores, abrindo deste modo o leque para futuras leituras.

José Saramago, Albert Camus, Mário de Carvalho, Uri Orlev, Alexandre Dumas, José Gomes Ferreira, Jostein Gaardner, John Boyne, Eça de Queirós, George Orwell foram alguns dos escritores cujas obras enriqueceram a tarde das duas dezenas de jovens que se reuniram em nome dos livros.

Os jovens apresentaram-se e falaram um pouco do livro que tinham lido, sintetizando a história e a sua reação ao livro.

Encontros como este prometem repetir-se para que os alunos possam continuar a partilhar o gosto pelos livros.

À conversa com ... Albino Falcão

Equipa da BE de Izeda

No âmbito da Semana da Leitura, que decorreu na Escola E.B.I/J.I de Izeda entre os dias 11 e 15 de Março, visitou a nossa escola o professor/escritor Albino Falcão com o qual tivemos o prazer de fazer abertura desta semana dedicada ao livro e à leitura.

No período da manhã, os mais pequeninos puderam satisfazer a sua curiosidade e conversar um pouco com o escritor acerca da obra "Helena e os Lobos" e, principalmente, sobre o conto "Os amores de Cristina".

No período da tarde, Albino Falcão visitou a nossa feira do livro, onde foi surpreendido pelos alunos do 5.º A com a leitura de acrósticos construídos por eles próprios tendo em conta a biografia do autor. Seguiu-se um momento de partilha na qual os alunos questionaram o escritor acerca da sua obra e dos diferentes contos. Foi um momento muito enriquecedor que deixou nos alunos que não tinham lido algum conto, a vontade de o fazer.

Acróstico do aluno Artur Castro

Alma transmontana!
Leal ao seu povo muito amado
Bragançano de origem e coração
Impossível esquecer o seu nome!
Na Augusto Moreno é professor
O singular e notável escritor!

Fez uma coletânea de contos
Alimentou costumes e tradições
Louvou histórias de outros tempos
Com Trás-os-Montes em pano de fundo
A sua dedicação e entrega infinita …
Orgulha e engrandece os transmontanos!

Artur Castro
5.º A
EBI/JI de Izeda

A festa das palavras

A poesia subiu ao palco

Berta Gonçalves, 12ºA

Surpreendido com tantas "crianças insufladas" num espetáculo pensado para encantar os mais pequenos com a magia da poesia, Pedro Lamares, "O Fraseador", prendeu o público nas malhas das palavras que ia apanhando nos livros que salpicavam o cenário e contribuíam para o ambiente mágico que assinalou o Dia Mundial da Poesia, no Teatro Municipal de Bragança.

Dedicado a João Paulo Seara Cardoso, homenageando com ele o Teatro de Marionetas do Porto, que fundou, o espetáculo foi também uma homenagem a todos os poetas e personagens, cujas vozes, reinventadas pelo fraseador, se cruzaram com pedaços de vida e revelaram como Pedro Lamares se tornou um fraseador e o seu percurso dedicado à poesia, ao sonho e ao teatro. Desde a escolha da profissão à seleção da designação mais correta para esse ofício, que parece ter surgido por acaso quando o poema de Manoel de Barros, poeta brasileiro, veio ter consigo e o encantou, resolvendo-lhe o problema que há tanto sentia. Agora não era declamador, nem "diseur", nem contador de histórias, nem recitador. Era fraseador.

Os episódios soltos contados foram intercalados com poemas de Manuel António Pina, Almada Negreiros, Walter Hugo Mãe, Gonçalo Tavares, Ribeiro Couto, Eugénio de Andrade, Fernando Sylvan, António Gedeão, Álvaro Magalhães, João Paulo Cardoso, Jorge Sousa Braga, Luísa Ducla Soares, Mário Henrique Leiria, Ribeiro Couto, mostrando que a riqueza da poesia reside na multiplicidade de sentimentos que desperta, na originalidade do olhar que observa a vida e nas constantes interrogações que coloca.

E tudo isto acontece de forma muito simples, como muitos poemas mostraram.

Cartaz de promoção do espetáculo

Leitura em família

Equipa da BE de Izeda

Mais um ano escolar a decorrer e, tal como o ano escolar, também o projeto Leitura em Família tem vindo a dar os seus frutos.

Implementado no meio rural, mais concretamente nas escolas do 1.º Ciclo em Izeda e Parada, tem sido um apoio indispensável ao incentivo da leitura em família.

Este projeto tem vindo a ser desenvolvido ao longo do ano letivo, repartido por duas etapas diferenciadas: na primeira "A Família dá uma Ajudinha", a professora responsável (Cândida Pires) fez a entrega dos livros aos alunos de acordo com as suas características e capacidades, para serem trabalhados com a ajuda dos familiares. Cada obra foi interpretada/ representada de uma forma original, através de atividades/construções lúdicas, abrindo um campo de possibilidades à imaginação. Este trabalho resultou no emergir de um mundo de magia, dando vida às personagens de cada obra, pois a história contada no livro é agora visível a três Dimensões.

O objetivo primordial deste projeto (fortalecer a criatividade e o apelo à leitura com a participação da família) esteve bem patente em cada trabalho. Foi percetível empenho e envolvimento da família na "construção" de cada história dando-lhe um outro encanto.

No final desta primeira fase, os trabalhos foram expostos durante semana da leitura (11 a 15 de março) na escola EBI/JI de Izeda, e posteriormente esteve patente ao público no átrio da Biblioteca da Escola Sede.

Registam-se alguns destes trabalhos: FOTOGRAFIAS……..

A segunda etapa, "Leitura construtiva" foi desenvolvida ao longo do 3.º período, envolvendo a escrita nas diferentes dimensões (resumo, sopa de letras, final diferente, jogos, etc.) A interação escola/família continua a ser um elemento fundamental na concretização das atividades.

Exposição de trabalhos na Biblioteca da escola de Izeda

23 de Janeiro

Na irreverência do tempo num plural de cores de tons azul cobalto, deslizando para o azul turquesa, com a sinfónica harmonia da brisa e, quando a madrugada se desenhava em matizes de vida estendia-se o dia 23 de Janeiro de 1932.

Nessa temporada, com um sorriso aberto de optimismo, Francisco Maria e a doçura da paz da Inês embalavam, alegremente, um menino de rosto arredondado, cujos olhos azuis harmonizavam com o negro azeviche do cabelo.

Nesse dia em que a luz era mágica, o José Tiago aquietava-se no regaço ameno da Inês, enquanto o curioso e delicado Fernandinho dava cambalhotas e girândolas de sorrisos, nas suas convicções de irmão mais velho.

Neste percurso de uma história real e por entre aromas agridoces de manjericão, tangerina, sândalo, baunilha e almíscar, e com a intensidade balsâmica dos anos, na imparável força dos dias, o José Tiago brincava agora ao pião com o voluptuoso e simpático Fernandinho e com a bem comportada e serena Lourdes que saltava à corda.

Com confluências de absorver, interrogar, rumar e lutar cresceu, progressivamente, o José Tiago, com convicções assumidíssimas, sem medos, e seguro do seu carácter honrado, força hercúlea e grandeza de alma.

Olhando em frente, enérgico, exigente e optimista, por entre encantos, assimetrias e enamoramentos, casou com a mais venturosa, elegante e doce Clotilde. Corria o mês de Julho…

Por entre céus em dias claros e a frescura agreste e aromática dos anos abriu-se, com naturalidade, o "livro" da minha existência e o mundo com a claridade do sol, para o meu talentoso e empreendedor irmão, o Jorge Tiago.

Traduzindo e somando sentimentos e paixões, continuando a destapar o labirinto dos anos e, numa síntese tranquila e autêntica, casei com o singular, inteligente e tremendamente sério, Carlos Alberto; o Jorge encontrou o olhar tranquilo, afável e romântico da Maria Manuela.

Neste leque de emoções diferentes, requintadas, informais, clássicas e destemidas, com notas de afetos nasceu na tranquilidade dos dias o meu meigo, urbano e entusiasta Eduardo.

Afirmando-se, rigorosamente, no "universo" feminino com aromas de lírios, jarros, lavanda e musgo, nasceu com o vigor do eucalipto e com a beleza das sereias, a minha Carolina.

Neste "écran" das nossas vidas, por entre óleos de alecrim, alfazema e citrinos, surgem os meus sobrinhos. O moderno e intenso Francisco, e o João com o seu espírito muito "cool" e vocacionado para a multimédia.

Nesta poção de equilíbrio, energia e tranquilidade, para ti, que nos olhas com a doçura do amor, lembro-te que és absolutamente, fantasticamente e grandiosamente, PAI.

Fernanda Tiago.

Competições Nacionais de Ciência
Pmat - desafios matemáticos

Paula Rodrigues

Decorreu no dia 6 de Março de 2013 a primeira fase das competições nacionais do projeto PMate em colaboração com a Universidade de Aveiro.

O Departamento de Matemática e Ciências Exatas da nossa escola, assumiu mais uma vez a responsabilidade de dinamizar esta atividade. Inscreveram-se nas várias competições: Diz3(3º e 4º ano); Diz+(5º e 6ano); EQUAmat(7ºao12ºano); língua EMREDE(3ºciclo) cerca de 430 alunos. Participaram as escolas: Abade Baçal, Augusto Moreno, Colégio Sagrado Coração de Jesus, Escola Secundária Miguel Torga e Escola Básica e Secundária de Alfândega da Fé. As provas decorreram das 8h30min às 17h15min com normalidade.

Os nossos alunos obtiveram os seguintes resultados a nível nacional:

Na prova Diz3, posição 355 de 1060 equipas,(Soraia Silva e Maria Beatriz Coelho), na prova Diz+, posições 9, 18 e 23 de 1441 equipas, (Anaisa Moura e Ana Luisa Fernandes/João Carlos Palma Ferreira e Carlos Genésio/ Rodrigo Saraiva e João Paulo Pires), na prova EQUAmat, 7º ano as posições 11, 69 e 77 de 691 equipas (Mariana Magalhães e Ana Luís Afonso/ João Pedro Neves e Cândido Domingues/Marlene Martins e Diane Oliveira); 8ºano as posições 7, 16 e 20 de 605 equipas, (Bruno Gomes e Tiago Freitas/ João Dias e António Pereira/ Inês Marrão e Inês Fernandes); 9ºano as posições 36, 65 e 100 de 561 equipas, (José Vicente e Boris Fernandes/ Joana Pimentel e Alexandre Rebelo/ Rodrigo Afonso e Gonçalo Xavier), na prova Língua EM REDE, posição 4, 5 e 6 de 67 equipas (Sandro Mesquita e Ricardo Silva / Sara Correia e Jenifer Fernandes/ João Vale e Ricardo Silvano).

Foram selecionados para a segunda fase que decorreu nos dias 23 e 24 de Abril oito alunos de primeiro ciclo, trinta de segundo ciclo e cinquenta alunos de terceiro ciclo.

Nesta fase onde participaram 171 escolas a nível nacional o nosso agrupamento ficou em 25º lugar, a nível distrital ficou em 1º lugar.

Na prova diz3, posição 63 de 497 equipas (Rita Pires e Beatriz Constâncio), na prova diz+, posições 15 e 34 de 808 equipas (João Carlos Palma Ferreira e Carlos Genésio/ João Feliciano e Gonçalo Rodrigues), na prova equamat 7ºano, posições 113, 149 e 190 de 575 equipas (Mariana Magalhães e Ana Luís Afonso/ Ricardo Gomes e Daniel Ramalho/Pedro Rodrigues e Diogo Filipe), na prova equamat de 8ºano, posições 26, 70, 91 e 97 de 631 equipas (Bruno Gomes e Tiago Freitas/ António Pereira e João Dias/ Inês Fernandes e Inês Marrão/ Helena Anes e Sofia Rodrigues), na prova equamat de 9ºano, posições 95, 171 e 242 de 668 equipas(José Vicente e Boris Fernandes/ Rodrigo Afonso e Gonçalo Xavier/ Vladislav Buynovky).

O departamento agradece o empenho de todos os que possibilitaram aos alunos do nosso agrupamento a participação nesta actividade, em ambas as fases e felicita os nossos alunos pelo seu envolvimento e pelos resultados obtidos nas várias provas.

A importância do estudo da Matemática

Gonçalo Esteves, 12ºE

Atualmente, tal como já acontecia há muitos anos atrás, desde que o ser humano criou a linguagem numérica e começou a desenvolver o seu estudo, de diversas formas, a matemática e o seu desenvolvimento têm-se revelado indispensáveis no quotidiano do homem, ajudando-o a resolver e a simplificar inúmeros problemas complexos.

Segundo uma reportagem publicada no Jornal de Notícias, em média, uma pessoa utiliza e recorre, cerca de duas vezes por dia, a processos matemáticos, para tentar encontrar uma solução para os seus problemas diários. A jardinagem é uma atividade em que se denota, quase sempre, a presença da matemática para calcular áreas, perímetros ou volumes de canteiros.

Todas as sociedades e comunidades que habitam o planeta, desde aquelas mais pobres e menos desenvolvidas, até às mais ricas e bastante desenvolvidas, têm a sua própria linguagem numérica, pois o estudo da matemática e o conhecimento dos números tornou-se fundamental. No continente africano, muitos governos de países mais pobres têm pedido auxílio ao nível da educação, recrutando professores voluntários que se comprometem a ensinar as crianças, principalmente ao nível da matemática e dos números.

Desde que comecei a aprender matemática e a conhecer a sua lógica, a minha vida facilitou-se bastante ao nível da resolução de problemas que me surgem diariamente. Através do conhecimento que adquiri sobre probabilidades e combinatória, consegui racionalizar as minhas apostas em "jogos de sorte" e aumentar as minhas probabilidades de os conseguir vencer.

Em suma, o estudo da matemática é algo vital para o homem, pois auxilia-o em inúmeras situações que, à partida, não teriam resolução.

Aveiro…aqui vamos nós!!!!

Raquel Paulino

Este ano voltei a participar no concurso Pmate, e adivinhem… fui a Aveiro!

No dia 22 de abril lá estávamos nós, às 6 horas e 20 minutos da manhã, à espera que o autocarro que o autocarro arrancasse.

A viagem foi sempre animada, com gargalhadas a cada momento.

Ao chegarmos à Universidade de Aveiro, quase todos ficámos nervosos. Quem não estava nada preocupado era o meu parceiro Carlos. Ele dizia:

-Se nos correr mal, ninguém nos bate.

Isso deixava-me menos nervoso, mas tinha sempre aquela voz a falar-me na cabeça:

-É uma daquelas situações que me vai correr mal.

Já a fazer a prova vi que não devia perder a calma, pois estava a ser fácil. Tão fácil que eu e o Carlos fizemos a melhor pontuação da escola: 17222.

Os professores deram-nos os parabéns e ficámos mais 20 minutos na universidade. Seguidamente fomos para o Centro Comercial de Aveiro, almoçar e ver as lojas.

Estivemos lá cerca de 2 horas. Eu comprei 2 chupas (um para mim e outro para a minha irmã) e um videojogo. Valeu a pena sair de casa!

Mal partimos voltou a risota no autocarro não custando nada a passar a viagem. Às 6 e 10já estávamos em Bragança outra vez!

Na verdade, foi muito boa, mas… muito curta esta viagem!

João Carlos F. Palma Ferreira, 6º H

Jovens do 2º ciclo na competição em Aveiro

Competições Nacionais de Ciência

Olimpíadas da Biologia

Guilherme Morais, 8ºA

No dia 7 de Fevereiro, no Agrupamento de Escolas Abade de Baçal realizou-se a primeira eliminatória da Olimpíadas da Biologia, desafio destinado aos alunos do ensino secundário, ao qual responderam 33 alunos dos 11º e 12º anos.

A ausência dos alunos de 10º ano deve-se, segundo os professores responsáveis pela aplicação dos testes na escola, ao facto de a prova ter apenas um escalão e incidir sobre os conteúdos de Biologia de todos os anos do secundário, o que poderá colocar em desvantagem os mais novos. Isto não tem, no entanto, invalidado que os primeiros lugares sejam, por vezes, ocupados por estes. O motivo, embora válido, não explicará completamente a situação, já que este ano, pela primeira vez, os alunos de 10º ano respondiam só a um conjunto de questões.

Quanto aos participantes, os seus testemunhos mostraram que o prémio não foi a maior atração mas antes o facto de estes encararem esta prova como um modo de preparação para o exames que realizarão no final do ano letivo. Este foi, aliás, um dos incentivos dados pelos professores Odete Santos e César Malaínho, dois dos docentes envolvidos, que salientaram que esta iniciativa "poderá motivar os alunos para o estudo da disciplina e é, também, um momento de preparação para o exame, já que as questões suscitam a reflexão e a curiosidade". Lamentaram, por isso, que a prova decorresse num período em que muitos alunos têm testes de avaliação e em que há aulas a decorrer, que não podem ser dispensadas.

A prova, de realização individual, era constituída por questões de escolha múltipla que incidiam sobre conteúdos dos três anos do ensino secundário. É a segunda vez que a escola participa nesta atividade, que culmina com a participação do vencedor nacional nas Olimpíadas Ibero-Americanas.

Olimpíadas do Português

Luísa Diz Lopes

Ana João Guerra, Lúcia Gomes, Rui Liberato e Teresa Aguiar, do 12º ano, obtiveram os 180 pontos necessários para passarem à segunda fase das Olimpíadas de Língua Portuguesa e representaram a escola na prova que decorreu no dia 13 de maio, no Agrupamento de Escolas Aurélia de Sousa, no Porto, um dos parceiros dinamizadores deste projeto, e que contou com mais 10 alunos das outras escolas participantes, do ensino secundário, e um do básico.

Incentivar o bom uso da língua portuguesa pelos alunos do 3º ciclo do ensino básico e secundário é o propósito que está na base da iniciativa, que resulta de uma parceria estabelecida entre a Associação de Professores de Português, a Direção Geral de Educação e o Agrupamento de Escolas Aurélia de Sousa, que assegura esta primeira edição experimental e para a qual foram convidadas quatro escolas, além da escola anfitriã, da região norte, já que neste ano piloto, o objetivo era dinamizar uma competição regional que incidisse sobre o uso da língua portuguesa. O Agrupamento de Escolas Abade de Baçal respondeu com com prazer, ao convite do Agrupamento Aurélio de Sousa para participar nesta iniciativa, "uma vez que só um grupo muito restrito de escolas foi convidado para participar e esse facto é o reconhecimento do trabalho dos nossos alunos e docentes. Em segundo lugar tenho a certeza de que os alunos terão feito o seu melhor e, simultaneamente, representado o nosso Agrupamento com o empenho e dedicação que lhes é habitual pelo que estão todos de parabéns.", referiu Teresa Sá Pires, diretora. do Agrupamento.

Numa primeira fase, os alunos realizaram na sua escola, num horário comum a todas as envolvidas, uma prova elaborada pela escola promotora da iniciativa que testava o desempenho dos alunos nas competências de leitura e conhecimento explícito da língua. A segunda fase decorreu no Agrupamento de Escolas Aurélia de Sousa, tendo sido admitidos os alunos que obtiveram classificações iguais ou superiores a 90 pontos no ensino básico e 180 no secundário. Na nossa escola quatro alunos do ensino secundário foram admitidos para a fase seguinte.

Os docentes da área disciplinar de português consideraram útil a iniciativa, já que permitiu que os alunos testassem os seus conhecimentos em provas diferentes das que habitualmente lhes apresentam e, por isso, tentaram mobilizá-los. Relativamente à prova em si, os docentes consideraram que era bastante abrangente, abordando diferentes domínios gramaticais e tipologias textuais também variadas, o que permitiu que os alunos verificassem de forma clara as falhas que tinham e, também, que os docentes interviessem posteriormente no sentido de as colmatar. "É, por isso, uma experiência bastante enriquecedora, mas deveria realizar-se durante o segundo período, já que o mês de maio torna-se sempre mais complicado para os alunos que realizam provas de exame final.", referiram.

Os alunos selecionados gostaram da experiência e do convívio com os colegas das outras escolas. Consideraram ter sido bem recebidos e agradoulhes a inesperada visita guiada com que foram brindados na cidade invicta. Os resultados da segunda fase serão disponibilizados brevemente.

Campeonato de Literatura e da Língua Portuguesa

Esmeralda Gonçalves

Ao longo do ano letivo, decorreu o VI Campeonato de Literatura e Língua Portuguesa.

Os alunos, repartidos em dois escalões, um para os do 3º Ciclo e outro para os do Ensino Secundário, tiveram que responder a dez ou vinte perguntas, conforme o escalão a que pertencem.

Este campeonato permite-lhes alargar os seus conhecimentos literários sobre obras e autores portugueses e estrangeiros. Também lhes permite lembrar obras estudadas ao longo da sua escolaridade.

Além da vertente literária, a variedade de perguntas sobre o correto uso da língua portuguesa pretende que os alunos reflitam sobre determinadas regras para evitarem certas incorreções bastante vulgarizadas.

A final foi disputada, no terceiro período, pelos alunos que obtiveram as melhores classificações nos testes realizados nos dois primeiros períodos do ano letivo. Foram apurados três vencedores para o terceiro ciclo e três para o ensino Secundário.

Assim, o primeiro prémio do escalão dos alunos do ensino básico foi atribuído ao Pedro Afonso, o segundo ao João Silva e o terceiro ao José Silva, todos alunos da turma A do nono ano.

Relativamente ao ensino secundário, os premiados foram Cláudia Miranda e Ana Luísa Vara para os primeiro e segundo lugares, respetivamente, ambas alunas da turma C do 12º ano, e Luís Rafael Afonso para o terceiro lugar, aluno do 11º ano, turma A.

Parlamento dos Jovens
Jovens do básico aprovam medidas para vencer a crise

Nos dias 6 e 7 de maio, 63 escolas portuguesas participaram na Sessão Nacional do Parlamento dos Jovens – Básico –, que decorreu em Lisboa, na Assembleia da República, tendo como tema de debate "Ultrapassar a Crise".

Micael Pires Gomes, 9º C

A partida estava marcada para as 5h30, hora a que os deputados (Gonçalo Xavier e João Silva), a professora responsável, Olinda Oliveira, e eu, jornalista do "Outra Presença", Micael Gomes, partimos rumo a Lisboa, mas o autocarro enviado pela Assembleia da República devia ainda levar os restantes deputados, jornalistas e respetivos acompanhantes pertencentes ao círculo eleitoral de Bragança, do Agrupamento de Escolas de Carrazeda de Ansiães, e ao círculo eleitoral de Vila Real.

Uma vez em Lisboa, ao fim de sete horas de viagem, o condutor dirigiu-se imediatamente à Assembleia da República. Tendo chegado antes da hora prevista, ainda nos foi possível desfrutar um almoço rápido no McDonald's.

Às 14h00, tiveram início as reuniões das Comissões, tendo lugar na 3ª Comissão os deputados do círculo eleitoral de Bragança, juntamente com os do Porto, Leiria, Faro e Viseu, com a presença de dois deputados de cada um dos círculos eleitorais de Viana do Castelo e Lisboa.

Michael Seufert, Deputado do CDS-PP, da Comissão de Educação, Ciência e Cultura, acompanhado por Joaquim Ruas, Assessor do Parlamento, e por Pedro Delgado Alves, Deputado do PS, deu início à reunião da 3ª Comissão, saudando os deputados, professores e jornalistas presentes.

A condução dos trabalhos estava a cargo dos dois Deputados da Assembleia da República e da agenda desta reunião constava o debate, na generalidade e na especialidade, dos Projetos de Recomendação aprovados nos círculos eleitorais do Porto, Leiria, Faro, Bragança e Viseu para aprovação de um texto com o máximo de cinco medidas e a seleção de três perguntas a apresentar aos Deputados da Assembleia da República na Sessão Plenária.

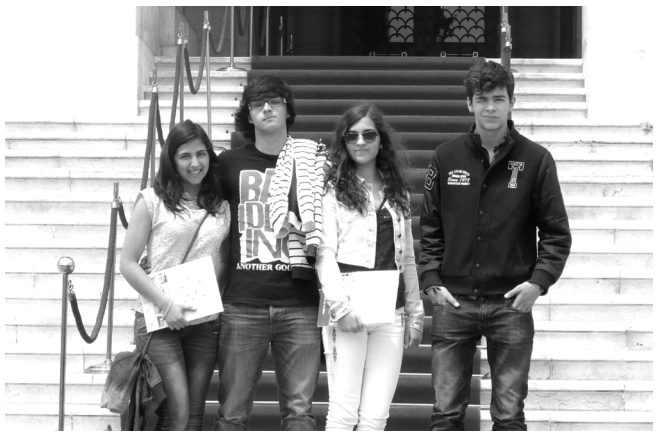
Os Projetos de Recomendação aprovados nos círculos eleitorais foram apresentados pelos respetivos representantes e discutidos, primeiramente na generalidade, para esclarecimento dos conteúdos das propostas de cada círculo e votação para apurar qual o projeto que serviria de base ao Projeto de Recomendação da Comissão, tendo cada círculo eleitoral um total de dez minutos para o fazer, não sendo permitida uma intervenção individual superior a dois minutos.

A apresentação dos projetos foi feita de acordo com a distribuição dos círculos eleitorais na mesa da Comissão, sendo dada a palavra primeiramente ao círculo eleitoral de Bragança. "Basicamente o nosso projeto tem a finalidade de, se possível, favorecer a balança económica de exportações e importações do país e ao mesmo tempo investir no sector primário, incentivando assim o crescimento, e apostar nas obras públicas, aumentando assim o poder de compra e diminuindo o descontentamento da população…" – palavras de Gonçalo Xavier, porta-voz.

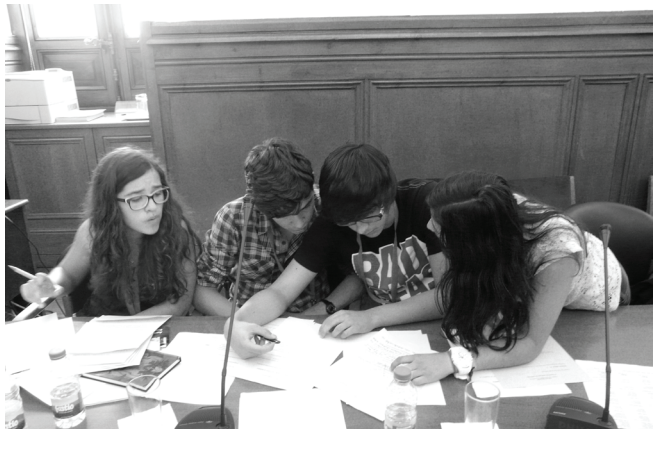
No fim da apresentação de todos os trabalhos, o porta-voz do círculo eleitoral de Leiria fez uma pergunta a Bragança relativamente à 2ª medida, que se baseia em incentivar a construção de obras públicas, sendo a sua dúvida a seguinte: "Donde é que veio o dinheiro para incentivar a construção destas obras?" O porta-voz do círculo eleitoral de Bragança respondeu-lhe que o Estado sempre terá dinheiro, o único problema será a sua má gestão, defendendo também que esta medida leva ao aumento dos postos de trabalho.

Bragança teve a oportunidade de fazer a sua pergunta ao círculo eleitoral de Leiria, face à 4ª medida, que se resume em baixar o IVA, por isso foi-lhes perguntado se o mesmo baixasse, qual o imposto que aumentaria. Foi-nos respondido que com a diminuição do IVA, se aumentaria o consumo dos produtos nacionais.

De seguida, o círculo eleitoral de Bragança, dirigindo-se ao do Porto, afirmou que, na sua opinião, a medida três consistia na junção das medidas dois e três e criticou também a medida quatro, que defendia os microcréditos como possível medida para ultrapassar a crise, com a qual não concordou, pois na sua opinião, a mesma causaria mais prejuízo. Como resposta, o Porto defendeu que possíveis catástrofes naturais destruiriam as culturas de muitos agricultores e este tipo de programa de créditos servia como fundo de apoio aos mesmos.



A reunião foi interrompida pelo Hino da Turquia em homenagem ao Presidente deste país, em visita a Portugal. Apesar desta situação, a reunião continuou e a Catarina, do nosso círculo, dirigiu-se a Viseu criticando a medida número três, que afirmava que a troika devia fazer trabalho de fiscalização para confirmar se Portugal cumpre com os seus objetivos, algo que já faz na



Para muitos participantes, esta experiência vivida na Casa da Democracia não será esquecida e será talvez repetida nos próximos anos.

atualidade. João Silva perguntou novamente ao Porto, relativamente à 4ª medida, como tornar o ato de Bengali numa instituição multinacional e como resposta foi-nos dito que este programa teve início num banco e tem como principal função ajudar os mais desfavorecidos a iniciar um pequeno negócio e com isso crescer. Gerou-se entre Bragança e o Porto uma discussão à volta da 4ª medida deste círculo eleitoral, tendo Bragança defendido que o programa de microcréditos se baseia apenas num contrato verbal e não há garantias de pagamento do mesmo.

Chegado o momento de votação dos Projetos de Recomendação, Bragança apenas obteve quatro votos, enquanto o Porto registou dezasseis, o que lhe garantiu que o seu Projeto fosse tomado como projeto-base, durante o debate e votação na especialidade, em que era possível eliminar uma medida do texto-base, alterar a redação e aditar uma medida que constasse de um dos outros Projetos. Foi então aditada a medida número quatro de Leiria.

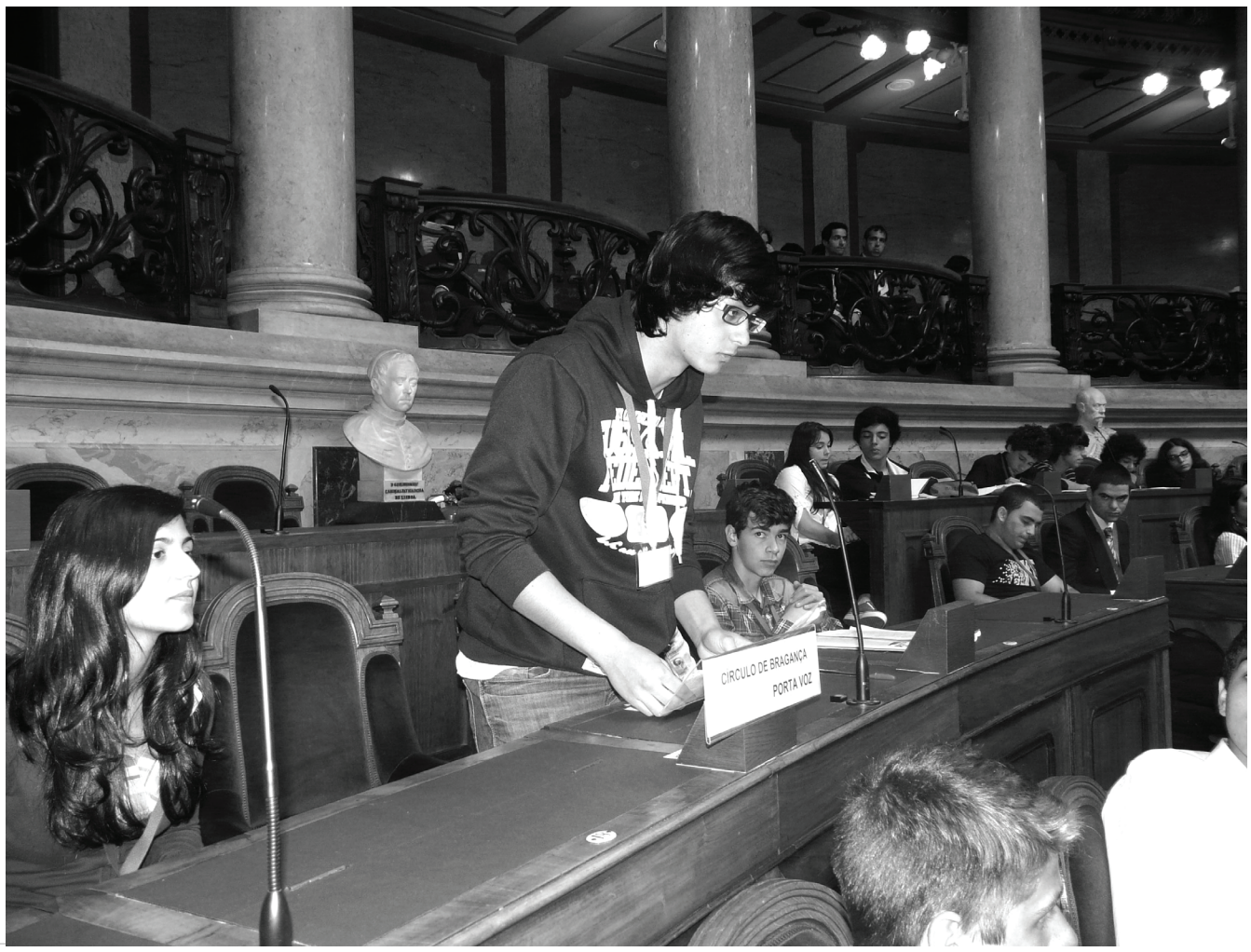
No final da reunião, foram selecionadas três perguntas destinadas a ser apresentadas aos diferentes Deputados da Assembleia da República que estariam presentes na Sessão Plenária, no dia seguinte, em representação dos Grupos Parlamentares.

Durante a tarde, foi proporcionada aos jornalistas e aos professores responsáveis uma visita guiada ao palácio de S. Bento. No final das reuniões das Comissões, um agradável lanche esperava os participantes, antes do programa cultural previsto: a atuação da Tuna «Master Classe», de Moimenta da Beira, na Sala do Senado, onde iria decorrer a Sessão Plenária. Uma grande animação invadiu este espaço que, no dia seguinte, seria lugar de trabalho. Depois do espectáculo, foi oferecido um jantar no Palácio de S. Bento aos participantes e acompanhantes, antes de partirem para os respetivos alojamentos no Inatel e Pousadas de Juventude.

A abertura solene do Plenário pelo Presidente da Comissão de Educação, Ciência e Cultura, em substituição da Presidente da Assembleia da República, teve lugar às 10 horas do segundo dia de trabalhos. Seguiu-se a apresentação de perguntas a Deputados da Assembleia da República. Tanto perguntas como respostas refletiram bem as preocupações com a atual situação que o país está a atravessar. Seguiu-se o debate da Recomendação à Assembleia da República, a nível nacional, que viria a ter 10 medidas. Às 12 horas, o Presidente da Comissão de Educação, Ciência e cultura respondeu às perguntas dos jornalistas das Escolas. Cerca das 13 horas, os trabalhos foram interrompidos para o almoço no Palácio de S. Bento e, de tarde, o debate continuou depois das 14 horas, tendo sido submetido a uma votação final global o texto daí resultante, que passou a constituir a Recomendação, a nível nacional, à Assembleia da República.

No encerramento da Sessão Nacional do Parlamento dos Jovens esteve presente o Presidente de Comissão de Educação, Ciência e Cultura, em substituição da Presidente da Assembleia da República. Os participantes regressaram a casa nos autocarros que os tinham conduzido a Lisboa no dia anterior, enviados pela Assembleia da República. Para muitos participantes, esta experiência vivida na Casa da Democracia não será esquecida e será talvez repetida nos próximos anos.

Momentos da sessão na assembleia da República e os jovens do Círculo de Bragança com as duas de Murça que com eles defenderam as medidas,



A crise que veio para ficar

A palavra crise é uma constante no vocabulário de todos nós que nos debatemos, em cada dia que passa, com mais dificuldades económicas, com mais desemprego e mais preocupações que podem chegar ao limite da própria sobrevivência. Para compreendermos a abrangência deste drama político, económico e social que se chama crise, vamos revisitar outras crises que antecederam a crise atual e avaliar o seu impacto na região onde vivemos.

Guilherme Morais, Marta Genésio - 8ºA
Fernando Calado

Atualmente, todos nós ouvimos falar de crise, contudo convém entender o seu verdadeiro significado. A crise é um conceito utilizado em vários ramos do saber, nomeadamente, na sociologia, na política, na economia, na medicina, entre outros. Mas a crise de que vamos falar pode ser definida, genericamente, como uma fase de perdas a vários níveis, verificando-se um profundo desequilíbrio económico, social e político.

A título de exemplo e de comparação das alterações que se verificaram na sociedade iremos, sucintamente, caracterizar as duas grandes crises do século XX, nomeadamente as crises de 1929 e a crise de 1983. A compreensão sociológica destas crises vai permitir-nos identificar as principais alterações e dificuldades que se estão a verificar na sociedade portuguesa com a atual crise que estamos a viver.

A grande crise ou depressão de 1929

A crise de 1929, também conhecida como grade depressão económica, teve início em 1929 e persistiu ao longo da década de 1930. Esta crise é considerada um dos piores momentos da História, como também uma das maiores ressecções económicas do século XX

As principais consequências desta crise foram as elevadas taxas de desemprego, as quedas drásticas na produção industrial, a desvalorização da moeda e as quebras vertiginosas da bolsa de valores. As ações na bolsa de valores de Nova Iorque foram as mais afetadas, dando origem à chamada Quinta-feira negra em que o valor das ações caiu a níveis nunca vistos e milhares de acionistas perderam num só dia avultadas somas de dinheiro e outros perderam todos os seus investimentos.

Esta grande depressão fez sentir os seus efeitos um pouco por todo o Mundo. Em Portugal não se se manifestou com tanta intensidade, embora se tenha notado uma acentuada quebra nas exportações e a redução da atividade económica o que originou um aumento significativo do desemprego.

Por outro lado diminuíram o envio das remessas dos emigrantes fragilizando ainda mais a economia e levando à desvalorização da moeda.

Os efeitos desta crise, no âmbito político, deram origem ao aparecimento de fortes partidos de extrema-direita, como por exemplo o nazismo na Alemanha, comandado por Hitler e em Portugal à ditadura protagonizada por Oliveira Salazar e mais tarde por Marcelo Caetano e que durou até ao 25 de Abril de 1974

Crise de 1983 – O Fundo Monetário Internacional (FMI) entra no país

A crise de 1983 teve muitos pontos comuns com a crise de 1929. De salientar as elevadas taxas de desemprego e as quedas dramáticas na produção agrícola, a elevada dívida externa, a queda da economia e muitas falências

Viveu-se então em Portugal um período de grande contestação social e frequentes manifestações.

"O programa aplicado foi muito exigente. Portugal recebeu 650 milhões de dólares do FMI - 3,5% do produto interno bruto da altura - e em troca aplicou cortes nos salários e no subsídio de Natal da função pública, aumentou os impostos e congelou as contratações e o investimento público. Além disso, avançou ainda com a desvalorização do escudo 13%, de forma a ganhar competitividade, tornando as exportações mais baratas e apetecíveis"

Portugal nessa época ainda tinha o escudo, ou seja uma moeda própria e a sua desvalorização veio a ajudar a ultrapassar a crise e a promover as exportações.

A crise que sentimos todos os dias na atualidade

Portugal vive hoje uma situação de crise económica, social e política que se agrava de dia para dia. Há quem considere a atual crise em Portugal, como a mais grave que se viveu nos últimos 150 anos.

De referir que esta crise está a fazer sentir os seus efeitos não só em Portugal mas em muitos países, principalmente da Comunidade europeia.

Assim, em 2011, o país, confrontado com uma elevadíssima dívida externa e com uma profunda crise económica e financeira viu-se obrigado a pedir ajuda. Num comunicado do Governo, os portuguese foram informados: "O Governo decidiu dirigir à Comissão Europeia um pedido de financiamento", a terceira vez no espaço de 30 anos

Esta crise é caracterizada, sobretudo, pela estagnação da economia e o aumento do desemprego que em Portugal atinge quase um milhão de portugueses. A dificuldade dos Bancos também estão a originar com que as PME não possam recorrer ao crédito e assim aumentar a produção e criar mais emprego.

A austeridade, em parte imposta pela Troika, faz com que o se fragilize o Estado social e diminuam os apoios aos cidadãos, nomeadamente no âmbito da saúde, da educação e da segurança social.

O corte nos vencimentos retrai o consumo e assim a economia também não cresce.

Naturalmente as consequências da crise também se fazem sentir no Distrito de Bragança, principalmente nas cidades e vilas onde a principal atividade económica assenta no sector do Estado, nomeadamente nos funcionários públicos.

Com a redução dos vencimentos da Função pública todo o comércio se esta a ressentir, pois as pessoas são obrigadas a reduzir drasticamente ao consumo.

Já é notório o número de falências que se verificam em todo o distrito, nomeadamente na cidade de Bragança, afetando principalmente o pequeno comércio tradicional. Um dos sectores mais penalizado pela crise é o sector da construção civil, pois as habitações não se vendem pela recusa dos empréstimos bancários para a compra de habitação e também pela redução dos rendimentos das famílias.

Por outro lado, o decréscimo do número de alunos em todos os estabelecimentos de ensino contribui para fragilizar ainda mais a precária economia do distrito de Bragança

No meio rural o impacto da crise não se sente tanto em virtude de ainda se praticar uma agricultura e uma pecuária, muitas vezes de sobrevivência que minimizam as dificuldades.

Por isso, o objetivo central da economia portuguesa tem de ser o reforço da competitividade das empresas que permita aumentar, de forma sustentada, as exportações.

Sem dúvida, como nas crises anteriores, Portugal irá superar esta crise, só não sabemos quando, nem quando haverá um sinal de esperança para os milhares de desempregados que não vislumbram o mais ténue sinal de luz ao fundo do túnel.

Para documentar o impacto da crise no comércio tradicional em Bragança, entrevistamos um empresário do ramo livreiro e material escolar, tendo em conta a diminuição da população escolar e da importância que as escolas tinham na economia local, bem como a diminuição dos rendimentos das famílias

Uma certa pobreza envergonhada

Principalmente nas vilas e cidades já se notam grandes dificuldades, nomeadamente no acesso aos bens de primeira necessidade.

O fenómeno da fome já está presente em muitas famílias, sobretudo quando os dois membros do casal estão desempregados.

Por outro lado, aumenta uma certa pobreza envergonhada que cada vez mais recorre a Instituições sociais que fornecem gratuitamente alimentos, ou refeições confecionadas e outros serviços.

Esta foi uma breve abordagem à crise profunda que atinge principalmente a comunidade europeia e que se faz sentir no quotidiano de todos nós que vivemos numa sociedade, numa cidade, numa família que se debate com enormes dificuldades e muitas incertezas.

Efeito da crise em direto

Outra Presença: Tem sentido a crise no volume de vendas na papelaria?

Livraria: Nós não somos excepção, como é óbvio, nota-se em todos os sectores, na livraria também porque as pessoas precisam mais de alimentos do que de livros. Embora se precise de ambos, as pessoas dão preferência à alimentação em detrimento dos livros.

O.P.: E tem sentido um decréscimo de clientes?

Livraria: Como é óbvio sim, a concorrência via internet é acentuada e há outros mercados e nota-se também em termos de clientes. Além disso o poder económico diminuiu, por isso diminuíram as compras.

O.P.: Em termos de vendas, diminuiu muito?

Livraria: E o reflexo da crise, nota-se, claro.

O.P.: vendem-se menos livros?

Livraria: Os livros escolares, por norma, as pessoas são obrigadas a comprar, nos livros escolares não se nota a crise. Nos livros não obrigatórios nota-se, só as pessoas com poder económico é que compram, as outras pouco, ou nada.

Ourivesaria: A venda de ouro também diminuiu. Tem a ver com a moda, mas também com a menor disponibilidade financeira dos consumidores e, ainda, porque, face à crise, o perigo de assaltos aumentou. As pessoas preferem, por isso, materiais menos cobiçados.

Mas o negócio do ouro deve dar lucro porque tem aberto diversos espaços de compra deste metal.

A verdade é que as pessoas moderam-se e compram prendas de valor mais baixo.

Por esta pequena amostragem da atividade do comércio tradicional é notório o impacto negativo da crise.

Também, utilizando uma abordagem empírica que resulta duma visita ao comércio tradicional da cidade de Bragança, constata-se um baixo número de clientes, muitas lojas já encerraram e a construção civil está sem atividade, em contraste com anos anteriores que era um sector em forte expansão.

Tudo isto origina um elevado desemprego, obrigando, principalmente os jovens, a optarem pela emigração o que origina a "exportação" da nossa mão-de-obra mais qualificada e mais produtiva.

A importância do voluntariado nas idades mais jovens

Joana Pombo, 12º D

O voluntariado e a solidariedade devem estar connosco desde o primeiro ao último dia das nossas vidas.

Desde sempre, que se ouve falar na "boa ação do dia". E qual é o homem que não a quer fazer? São gestos simples, que não custam nada e que nos fazem sentir bem ao ajudar aqueles que m ais precisam. São gestos como ajudar um cego a atravessar a rua ou carregar os sacos a uma senhora idosa ou, até, socorrer uma criança que se tenha magoado enquanto brincava no parque infantil, por exemplo.

Tal como no voluntariado se põe em prática, de outra forma, a nossa solidariedade, os jovens deveriam associar-se a organizações. É o caso das organizações não-governamentais (ONG), como, por exemplo, a Cáritas, a Cruz Vermelhas, a Green Peace, entre outras. Estas duas primeiras praticam todo o tipo de ajuda seja ela monetária, através de mão-de-obra ou de bens materiais.

Desde pequena que me dá prazer ajudar e sinto um grande interesse em contribuir com tudo o que estiver ao meu alcance, para ver os outros felizes. Como exemplo, posso referir as minhas férias de verão, pois costumo pôr em prática o meu gosto pelo voluntariado, no Museu Abade de Baçal, ajudando as crianças a passar uns dias ótimos. Em troca tenho os sorrisos de todas elas.

Em suma, o Homem não deve deixar aqueles que mais precisam para trás, pois às vezes "um sorriso vale mais do que mil palavras".

"Mensagem" o relembrar de um passado glorioso

Berta Gonçalves, 12ºA

"Ó mar salgado, quanto do teu sal/ São lágrimas de Portugal" assim começa um dos mais emblemáticos poemas de "Mensagem" de Fernando Pessoa, que nos conduz à época áurea dos descobrimentos, bem diferente daquela que o poeta habita.

Este vive num dos períodos mais conturbados da história do nosso povo, a passagem da monarquia para a república e a humilhação decorrente do ultimato Inglês , mas apresenta nesta obra uma visão sonhadora e positiva acerca do nosso futuro. Mais do que uma narração, esta obra é uma reflexão que pretende elevar a alma triste e cansada dos portugueses para que estes, tomando consciência do que foram, possam acreditar no que ainda podem vir a ser.

"Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,/ Define com perfil e ser/ Este fulgor baço da terra/ Que é Portugal a entristecer".

Estes versos defendem a atualidade de Pessoa mas este não desiste. Convoca as glórias do passado português desde a sua origem mítica, com Ulisses a dar-nos ser, até à época das descobertas, tempera-as com mitos fortemente nacionalistas - o Sebastianismo e o Quinto Império - e incentiva-nos a ouvir as vozes que ecoam na sua obra a acreditar que Portugal é um "fulgor baço" de "terra a entristecer" e que não tem rei nem parece ter lei. É a perceção atual dos portugueses face ao seu país.

Exaltando, assim, o potencial glorioso de um povo cuja história antevê a realização de um sonho imperial.

O importante é acreditar no messias que num dia de nevoeiro nos vai resgatar das trevas e que permitirá que o Quinto Império se erga. O importante é acreditar.

Esta é a base do mito Sebastianista. Pessoa exalta os feitos de D. Sebastião e não o rei em si. O essencial é tudo aquilo que ele representa, a loucura, o sonho e não o que ele foi, o rei desaparecido na batalha de Alcácer Quibir que está vivo e vai regressar para garantir a independência de Portugal - "É O que eu me sonhei que eterno dura,/ É Esse que regressarei."

A obra encerra a ideia de que se há de formar um Império espiritual, baseado no passado, na mitificação dos heróis e dos seus feitos, pois estes são "a lenda que fecunda a realidade", um Império dirigido por Portugal . Por isso, são muitas as referências à luz: a da espada dos heróis que ilumina o caminho, a da madrugada "irreal do Quinto Império" que já "doira o Tejo", a do brilho dos heróis que, embora apagado, existe.

Vivemos sem esperança, entristecidos com a desgraça e o mirrar da Republica. É natural que assim seja porque quando todos os dias ligamos o televisor e vemos os noticiários, constatamos que o desemprego aumenta, corta-se nisto ou naquilo, aumentam os impostos, diminuem os salários e o poder de compra. Mas esta que é uma das piores crises de todos os tempos não passa exclusivamente pela economia. É também uma crise de valores, de cultura, e o pior que tudo, de esperança e confiança.

A luta, o heroísmo, a crença, o idealismo de uma nação predestinada a vencer dificuldades parecem não ser suficientes neste combate . Por isso é importante relembrar a mensagem transmitida na coletânea de poemas de Fernando Pessoa.

"Tudo vale a pena se a alma não é pequena".

Vencemos o mar, passámos para lá do impossível, conseguimos fazer o que mais ninguém conseguiu e vivemos num país em que se desvaloriza a desgraça, em que reina a discórdia e o negativismo. Mas também vivemos num país que sabe sonhar, imaginar e não perder a esperança. Num momento em que "Tudo é incerto e derradeiro./ Tudo é disperso, nada é inteiro."? Bastará sentir que " Ó Portugal, hoje és nevoeiro... / É a Hora!" para ganhar forças e lutar?

Interioridade: ent

Numa altura em que as cidades parecem cada vez mais saturadas e o interior se

Énas grandes civilizações que se vive a vida ao máximo. Constituem o sítio ideal para os ávidos de cultura, conhecimento, dinamismo e evolução.

Teresa Aguiar , 12ºA

Será eterna a discussão sobre qual o melhor sítio para viver: se nas serenas localidades do interior, se nas dinâmicas metrópoles. Viver nas grandes cidades do litoral tem, como tudo, algumas desvantagens que são, no entanto, irrelevantes em relação às inúmeras vantagens que traz. São o coração de todos os países, e Portugal obedece à regra, onde tudo acontece e a qualidade de vida atinge o seu auge.

Permitem viver uma atividade cultural intensa pois é por onde passam as digressões dos artistas mais conhecidos e as exposições internacionais entre outros eventos culturais importantes. Nas grandes cidades há também mais espaços culturais como teatros, cinemas e bibliotecas e o facto de a população ser grande e diversificada permite que existam espaços especializados, por exemplo, num determinado estilo de música ou cinema, o que não acontece nas cidades, menores, do interior.

Na educação também ganha, uma vez que as grandes universidades se situam nas metrópoles. O nosso país é um excelente exemplo disto: as melhores universidades localizam-se no Porto e em Lisboa, encontram-se mesmo no *ranking* das melhores universidades mundiais. Também a educação em faixas etárias inferiores pode ser de melhor qualidade pois haverá maior disponibilidade de recursos e ferramentas.

Nas cidades maiores a indústria é também mais desenvolvida, precisamente devido à proximidade da costa litoral o que faz como que a oferta de produtos e serviços seja superior e exista, também, muito importante no momento de crise que atravessamos, maior oferta de emprego e mais oportunidades de desenvolver uma carreira. Como há maior concorrência entre os estabelecimentos comerciais, os preços são, no geral, inferiores.

Muitos defendem que no litoral é inevitável uma vida de ansiedade e stress. No entanto, é um facto universal que nada é mais calmante que um passeio à beira-mar, algo acessível todos os que vivem no litoral. São uma constante em todas as grandes cidades, enormes espaços verdes que permitem que estejamos em direto contacto com a natureza, sem perder em relação ao interior. Em adição, a proximidade ao mar favorece a síntese de vitamina D pois as pessoas estão mais expostas ao sol e também existe uma concentração superior de iodo na atmosfera, um elemento essencial ao homem. Tem-se, desta forma, o melhor de dois mundos. É nas metrópoles que se encontram os hospitais centrais, que oferecem muito mais especialidades e tratamentos diferenciados. Assim, concluímos que também existem várias vantagens ao nível da saúde.

Nas palavras de Eça de Queirós "Nada facilita mais uma civilização que um bom clima". É indispensável referir o clima ameno, sem as temperaturas extremas, altas e baixas, que se experienciam no interior, e que nos permite desfrutar ao máximo do sem número de regalias que a civilização tem para nos oferecer.

Em conclusão, é nas grandes cidades que se vive a vida ao máximo aproveitando todo o seu potencial pois maximiza todos os confortos que nascem da vida em sociedade. Constituem o sítio ideal para os ávidos de cultura, conhecimento, dinamismo e evolução.

rave ou oportunidade?

encontra cada vez mais despovoado, o Outra Presença desafiou duas alunas a refletirem sobre a vida no interior,

Como caraterizar a vida no interior? Ar puro, ambiente, saúde, calma, poupança, segurança, satisfação, cultura, educação e, por tudo isto, qualidade.

Mariana Lopes, 11ºA

Interioridade é um conceito frequentemente encarado de forma negativa. Por isso, quando há interesse em abordar o tema, omitem-se as suas vantagens. Se tivermos em conta o número reduzido de pessoas que vive no interior em relação à população total do país, podemos dizer que, dessas desvantagens e defeitos enumeradas pela maioria, poucas são as que são apontadas por pessoas que realmente experimentaram os efeitos de viver fora do litoral. Não conhecem bem o interior e, por isso, o estereótipo criado acerca destas regiões é, muitas vezes, falso.

Acordar de manhã e poder ouvir o silêncio, sem o incomodativo som do tráfico, não é, definitivamente, para todos. Acordar de manhã e ter a oportunidade de respirar um ar não poluído, de ouvir a natureza em vez de barulhos antrópicos e de sentir calma e serenidade são vantagens exclusivas de quem opta por viver no interior, longe das grandes cidades mais industrializadas. Talvez seja essa a razão da menor ansiedade que caracteriza o dia-a-dia dos habitantes destas cidades.

Além desta calma, e em parte decorrente dela, pode acrescentar-se o sentimento de segurança. Os espaços são mais pequenos, a percentagem de pessoas desconhecidas/estranhas é muito menor, o que diminui a ocorrência de crimes.

Andar a pé e conseguir chegar a todo o lado num curto espaço de tempo também não é para todos. As curtas distâncias características de cidades mais pequenas e compactas são também uma vantagem de viver no interior. De facto, como as cidades são menos industrializadas e têm uma taxa populacional menor, isto reflete-se no seu tamanho e o que encontramos no interior são cidades menores, onde para uma pessoa se deslocar de um sítio para outro pode (e deve) optar por caminhar, o que é mais saudável e económico.

O facto de as distâncias serem curtas traduz-se num menor dispêndio de tempo, aumentando a quantidade de tempo livre disponível, que pode ser canalizado para satisfazer os interesses e necessidades de cada um, e que contribui para uma maior realização e satisfação pessoal.

Assim, caminhar e usufruir de tempo livre, aliados à calma e à falta de poluição já referidas, criam condições propícias ao desenvolvimento de uma vida muito mais saudável.

Poder-se-ia ficar por aqui, mas são ainda outras as vantagens de viver no interior. Poder cultivar e produzir alimentos por conta própria também não é algo ao alcance dos habitantes das cidades do litoral. No interior, pelo contrário, há uma íntima relação da cidade com o campo, principalmente devido à proximidade entre estas duas realidades, que leva a que não seja possível separá-las. Ainda que pareça que é quase insignificante, a verdade é que o dinheiro que se poupa faz a diferença e, em tempos de crise como os que atravessamos, é muito benéfico. É, por isso, fácil concluir que a produção privada de alimentos conduz não só a uma poupança económica, como a uma alimentação mais saudável, uma vez que os alimentos cultivados são, na sua maioria, altamente recomendados pela roda dos alimentos.

Por fim, é importante refletir acerca do aspeto cultural e educacional. A verdade é que a quantidade de eventos culturais é mais reduzida no interior, devendo-se isto à falta de população. No entanto, hoje em dia é fácil ter acesso à cultura de maneiras muito variadas e muitas vezes sem sair de casa, como através da Internet que hoje nos proporciona, por exemplo, visitas guiadas por galerias de arte. Nunca será o mesmo visitar uma galeria de arte online ou num museu, mas os dois tipos de visitas assemelham-se e um habitante do interior tem de aproveitar as opções que lhe oferecem da melhor maneira que puder. O facto de o acesso à cultura ser mais difícil suscita também um maior interesse pelos acontecimentos culturais quando estes surgem. E, ao contrário do que muitos pensam, as cidades do interior têm excelentes espetáculos teatrais, exposições e encontros. Não passam por elas concertos de bandas internacionais, mas estes estão reservados apenas para as grandes metrópoles e é uma oportunidade para uma visita a esses espaços. Mais do que quantidade, é necessário qualidade. E esta existe no interior e mais acessível.

Quanto à educação, esta não é de menor qualidade no interior do que no litoral. A única diferença neste aspeto é a diversidade de oportunidades de aprendizagem e de escolha, que pode influenciar a produtividade e desenvolvimento de um aluno mas que não se relacionam diretamente com estas. Os estabelecimentos e os docentes são igualmente qualificados em qualquer lugar, daí que a qualidade seja equivalente apesar das pequenas diferenças.

Viver no interior não deve nunca ser encarado como uma desvantagem porque na realidade não o é. É preciso conhecer, saber e aproveitar o que as regiões têm para oferecer sem pensar naquilo que poderia ter e sem esperar mais do que o que é real e possível. A falta de oportunidades é compensada rapidamente pela oferta destas de um modo diferente e alternativo, e conduz diretamente à diminuição das tentações, o que também ajuda na poupança económica.

Como caraterizar a vida no interior? Ar puro, ambiente, saúde, calma, poupança, segurança, satisfação, cultura, educação e, por tudo isto, qualidade.

A importância do Teatro

Cláudia Miranda 12ºC

O teatro, enquanto manifestação artística plural, foi criado, não só para entretenimento dos indivíduos, mas também para lhes ensinar algo.

Na sociedade humana, o teatro pode assumir várias funções. Existem diversos tipos de teatro, nomeadamente, o teatro clássico que pretende cativar as pessoas e revelar as suas emoções. São exemplo disso duas peças dramáticas criadas pelo dramaturgo William Shakespeare, "Hamlet" e "Romeu e Julieta". A primeira aborda temáticas como a luta pelo poder e a segunda retrata as vicissitudes de dois apaixonados cuja relação é minada pelo ódio entre duas famílias.

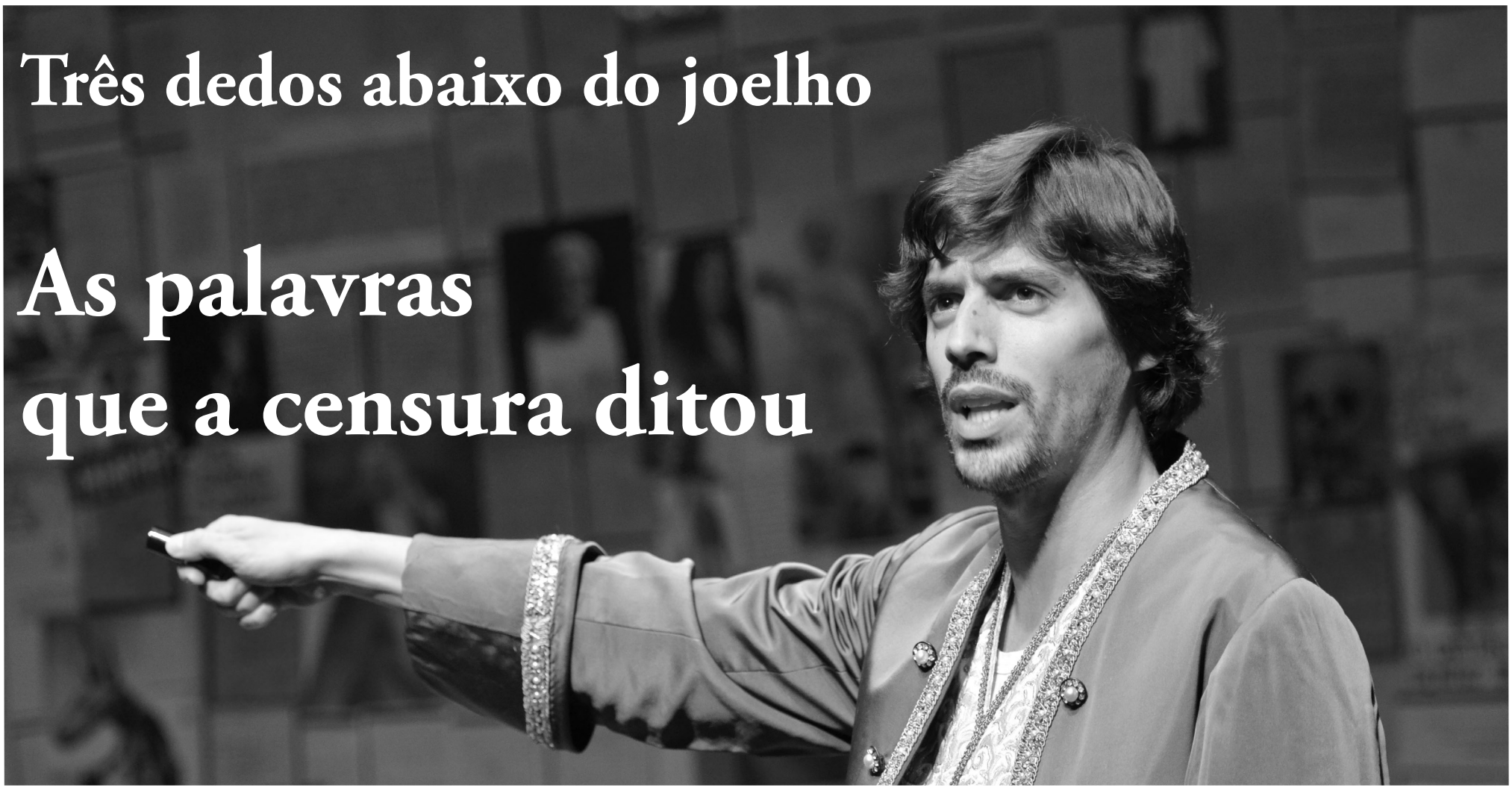
Por outro lado, o teatro épico ou brechtiano não pretende cativar o público, mas sim levá-lo à reflexão, fazendo com que coloque as emoções de lado e reflita sobre as injustiças sociais ou políticas. Um bom exemplo é a obra "Felizmente há Luar!", de Luís de Sttau Monteiro, que, através de um acontecimento histórico passado, pretende denunciar o Estado Novo, época de ditadura, crueldade e opressão.

Através destes destas duas tipologias, pode perceber-se que o teatro tem como funções, na sociedade humana, o apelo ao sentido crítico ou aos sentimentos, que leva a alterações ao nível da mentalidade e das atitudes dos indivíduos.

Posto isto, através do que foi dito, é possível entender que o teatro assume um papel fulcral e, ainda que não pareça, central na vida do ser humano e da sociedade. Portanto, deve ser valorizado por todas as suas vertentes, nomeadamente a educativa e a lúdica.

Três dedos abaixo do joelho

As palavras que a censura ditou



Outra Presença: Como surgiu a ideia desta peça?

Tiago Rodrigues: No jornal Público, a certa altura, em 2005, saiu a notícia de que o arquivo da censura dos textos dramáticos, escritos durante a ditadura, estava disponível na torre do Tombo. Ao fim de trinta e tal anos, tinha sido tornado público e eu resolvi visitar, por curiosidade. Mas, quando comecei a ler, sobretudo os relatórios dos censores, aquilo que diziam sobre o teatro, achei interessante fazer uma peça a partir daquele arquivo. Não sabia ainda muito bem como, mas sabia que havia ali muito material. O que me interessava era o pensamento por trás das afirmações, das decisões, dos relatórios. Foi logo aí que surgiu a ideia, ainda que tenha demorado algum tempo a concretizá-la.

OP: O título surgiu a partir de uma frase utilizada pelos censores. Por que razão escolheu esta frase e não outra?

TR: Três dedos abaixo do joelho era a medida da saia que as atrizes podiam utilizar. Escolhi essa frase porque associa-se censura no teatro habitualmente às restrições linguísticas e afirmações políticas. Na realidade, aquilo que eu percebi do arquivo foi que a esmagadora maioria da censura era moral. Não quer dizer que a censura moral não seja política também, mas não visava questões ideológicas, mas sim questões como a liberdade, neste caso, da mulher, e o direito à livre expressão, no que tocava a poder criticar e dar uma opinião. Achei que este título representava, por um lado, a censura moral e sexual e, por outro, uma censura específica do teatro, tinha a ver com o figurino da atriz e mostrava uma restrição extremamente precisa e absurda. Porquê três e não quatro dedos? Servia para quantificar o que não podia ser dito nem que fosse de forma absurda. Achei, por isso, que era uma das expressões que podia dar origem ao título da peça, como muitas outras usadas pelos censores.

OP: Como foi a experiência de mergulhar nesses arquivos? O que sentiu? A quantidade enorme de documentos não o desmotivou?

TR: Todas as obras artísticas, se nós formos sérios, são trabalhosas e há momentos em que nos apetece desistir. Isso acontece quer tenham ou não pesquisa documental. Nesta peça é mais notório esse trabalho, porque é evidenciada toda a documentação envolvida. Em qualquer espetáculo, o trabalho é proporcional ao prazer e este deu-me prazer suficiente para continuar a pesquisa, o que resultou em nove meses em viagens à Torre do Tombo. Esta experiência foi para mim uma descoberta. De certa forma, permitiu-me conhecer um lado da história do meu país num setor específico, o teatro, e descobrir muitas coisas que não sabia, o que me surpreendeu e fascinou. Tudo o que é representado nesta peça era revelado apenas nos relatórios enviados ao inspetor-chefe. Aos artistas era apenas dada a decisão final, logo eles desconheciam os argumentos usados para que a sua peça fosse cortada ou impedida de subir ao palco.

OP: Uma das perguntas que os censores colocavam era "Qual é a verdadeira intenção do autor?". E, nesta peça, qual é a verdadeira intenção do seu autor?

TR: Há várias intenções nesta peça. Por um lado, pretende-se pegar num discurso representativo de uma época bem conhecida do povo português e mostrar esse discurso a esse mesmo povo. Embora sejam discursos de outros tempos, relacionam-se com a situação atual – isto é uma intenção, de certo modo, provocatória. Quando peguei nestes documentos associei-os imediatamente à atualidade.

Por outro lado, é também uma homenagem aos censurados pelos riscos que correram sem ceder, arriscando as suas carreiras, os seus empregos, e a própria vida em prol de umas meras palavras. Só de pensar nisso, sinto uma enorme dívida de gratidão. Até posso não concordar com o seu ponto de vista, mas eu tenho o direito de discordar e eles têm o direito de ter essas ideias. Eles mostraram isso através da sua arte. Carmen Dolores, por exemplo, só soube ao assistir a esta peça os motivos porque algumas propostas dramáticas suas foram recusadas.

Além de tudo isto, há uma terceira razão, talvez não a mais nobre, mas que foi aquela que mais me motivou a continuar: há aqui implícita uma vingança, que é transformar os censores em dramaturgos, passando aqueles que impediam a liberdade do teatro a alguém que faz esse teatro acontecer num palco. Apesar de tudo, no momento em que comecei a produzir teatro, estas razões perdem a sua importância, e ganha mais relevo o facto de ter e fazer parte duma equipa que acredita no trabalho que está a ser feito.

OP: Qual acha que é a função do teatro hoje em dia? Continua a ser uma "arma" perigosa como era considerada pela censura?

Gonçalo Waddington (GW): Eu acho que nós temos uma obrigação de arriscar, nem que seja perigoso para nós. Com isto quero dizer que é um risco de criação. Eu olho à minha volta e acho que há razões para sermos políticos de alguma forma. Quando eu digo político, não me refiro a política no sentido literal, mas sim ter uma opinião formada. O próprio facto de fazer teatro hoje pode ser considerado politicamente tendencioso...

OP: E isso pode ser considerado censura?

GW: Claro que sim! A censura hoje em dia é muito mais perigosa, pois não é tão visível como nos tempos da ditadura. O facto de hoje a sala ter estado cheia leva-nos a concluir que continua a haver razões para fazer teatro. O simples facto de o teatro tentar subsistir com as condições que hoje existem e com todas as dificuldades que a cultura atravessa já é um ato de rebeldia. Neste aspeto é um perigo, pois o teatro tem poder suficiente para criticar e conseguir passar esta crítica ao público.

OP: Os países têm muitas vezes dificuldade em ultrapassar épocas negras da sua história. Nós também temos uma dessas épocas e a censura existente no teatro é prova disso. Acha que o nosso país já conseguiu ultrapassar este período da sua história?

Fotos acima: ©MagdaBizarro

GW: Generalizar é complicado. Acho que tem a ver com a capacidade de compreensão de cada um, de acordo com a informação que está à sua disposição. Há muita gente que não fazia ideia da censura a que a cultura estava sujeita. Tinham ouvido falar da censura, mas era algo abstrato. Não a associavam a censores. Pelo menos nós, na nossa área, no nosso círculo de amigos. As pessoas sabem, mas é difícil avaliar, pois não há muita informação. Temos dois grandes traumas – a ditadura e, associada a ela, a guerra colonial. Não tivemos um processo de debate e de reconciliação. Tivemos aquilo que sempre se fez e se

Jornalistas do *Outra Presença* com o realizador e os atores, durante a con

Tiago Rodrigues, Gonçalo Waddington e Isabel Abreu são os rostos de um projeto que dá protagonismo aos censores para os retirar das sombras onde se ocultaram durante anos e mostrar o pensamento que justificou o corte e proibição de tantas peças de teatro durante o período do Estado Novo. Construída a partir da colagem de frases dos censores, "Três dedos abaixo do joelho" é um retrato bem humorado e cáustico da censura em Portugal, que percorre as salas de espetáculo do país. A sua riqueza resulta, ironicamente, da importância que a ditadura lhe dava: "Politicamente, só existe aquilo que o público sabe que existe". O teatro era perigoso pelo forte potencial de contágio que possuía e possui.

Uma peça que é, por isso, uma homenagem a todos quantos sofreram a ação dessa censura e cujos textos ecoam nesta peça: Sttau Monteiro, Bernardo Santareno, Brecht são alguns desses nomes. Bragança recebeu-a calorosamente no dia 2 de Fevereiro.

Por Adriana Pires e Ana João Guerra - 12ºA

continua a fazer: depois da morte de Salazar e da ditadura considerou-se a situação resolvida. Talvez essa falta de reflexão explique a situação atual: Portugal é um país de impunidade total, sabe-se que a corrupção e os corruptos existem, mas continuam soltos.

OP - O que falhou então?

GW - O que sempre falhou na democracia (e em 2014 ela faz 40 anos, logo não podemos continuar a justificar o presente referindo que o problema reside nas marcas que a ditadura deixou) é que ainda não colocámos a informação toda na mesa.

Por isso, é que é muito importante pesquisar na Torre do Tombo e encontrar entre esse passado milhares de peças que não chegaram a ser representadas.

TR - Houve uma equipa de duas ou três pessoas que analisou 9000 documentos. Os outros dois terços de arquivos que contêm documentos censurados estão nas mesmas caixas no Palácio Foz, onde funcionava o SNI - Sistema Nacional de Informação - nunca foram abertas e têm quase cinquenta anos. Não se investe no estudo da nossa história recente.

Acredito que muitos dos problemas do país resultam do desconhecimento da nossa história. Mesmo que quiséssemos saber, e não estamos programados para querer, pois tudo nos empurra para casa, para a televisão e para o comando, para o mínimo de conhecimento e para o máximo de entretenimento, não há interesse político em que isso seja falado. Nunca houve um processo organizado que visasse a compilação e organização da informação. Veja-se o caso de África do Sul, um dia depois da libertação de Mandela, os Tribunais de Reconciliação iniciaram o processo.

versa informal que mostrou a beleza do teatro

OP: Na peça é referido que o teatro é mais perigoso que o cinema. É mesmo assim?

TR: O teatro permite a interação com o público, um texto no palco é imediatamente uma mensagem. Hoje, por exemplo, houve pessoas que intervieram e os atores reagiram a essa intervenções. O cinema tem outro poder, conduz as pessoas para outra dimensão.

OP: Acha que o teatro imita a vida ou é a vida que imita o teatro?

TR: O teatro baseia-se na vida, mas para poder acontecer apela à imaginação.

OP: Acha que os portugueses têm bagagem cultural para compreender a mensagem do teatro como diziam os censores?

GW: O português não tem bagagem suficiente, ponto. Os censores escudavam-se no público como os programadores de televisão também o fazem. "Eu não deixo os meus filhos verem a casa dos segredos, mas é o que os portugueses querem." Argumentam que é o programa mais visto, mas não dizem que isso acontece porque é aquele que passa em horário nobre e no qual é feito um maior investimento.

Isabel Abreu (IA) - Parece que não há uma verdadeira vontade de dar às pessoas a opção de escolha. O público educa-se e os portugueses não são exceção. Isto implica muito trabalho e esforço, que se inicia no âmbito escolar. Não acredito que o povo português seja diferente. Temos é que apostar. Muitas pessoas defendem que é uma tarefa impossível, e com esta desculpa evitam envolver-se. É esta atitude conservadora típica do nosso país que não fomenta a mudança.

TR: Está na constituição portuguesa que o governo tem a obrigação de apoiar a cultura, em todos os domínios. São princípios básicos da democracia ocidental que não são respeitados pelos nossos políticos. O que se vê hoje em dia é uma sobreposição de valores económicos a valores culturais e morais. Não basta incutir estes princípios, é preciso viver de acordo com eles e respeitá-los.

OP: Acha que o objectivo da arte se perdeu e que esta é vista apenas como um fundo de lucros?

IA - A arte não tem muita importância para a maioria das pessoas. Estou convencida de que o desaparecimento desta não iria interferir na vida da maior parte da população. É importante não esquecer que nem sempre foi assim. Até há pouco tempo existiam cinemas ambulantes e inúmeras companhias de teatro amador e as pessoas apoiavam estas iniciativas. Uma das iniciativas que mais sucesso tem tido é o Plano Nacional de Leitura que me parece tem tido resultados positivos na educação dos alunos para a leitura.

TR: No entanto, é de salientar que não há exigência de hábitos de leitura, não há exigência de hábitos culturais.

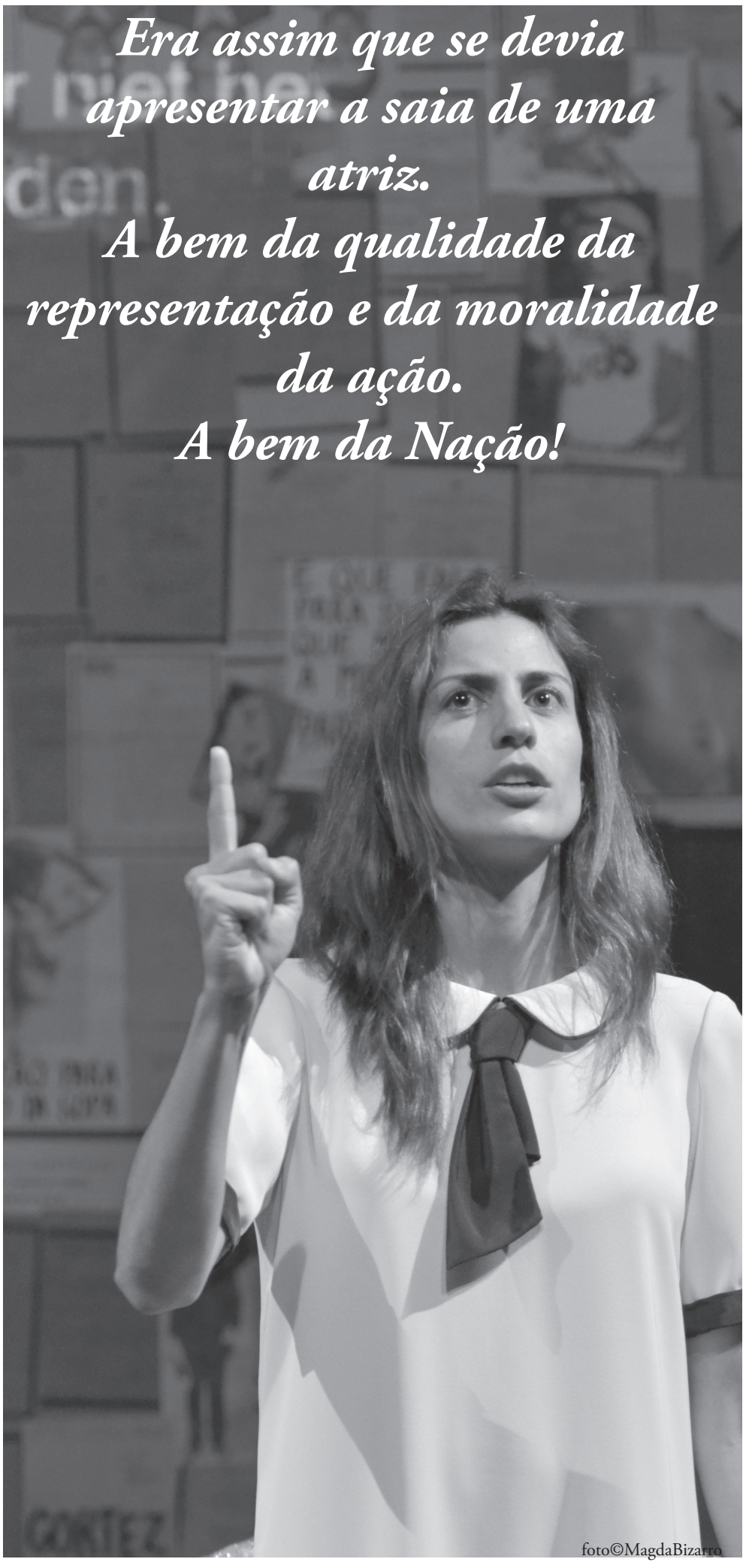
OP: Normalmente, a mudança do vestuário e dos elementos cénicos é feita atrás do pano. Qual é a intenção nesta peça ao fazer esta mudança à vista do público?

TR: Por um lado, para criar proximidade. No entanto, não há uma verdadeira intenção definida. De certa forma, cria transparência, mostra o que se pensa e o que acontece. É um espectáculo que mistura num só espaço os bastidores e o palco, o que é visto e o que não é visto, não tanto para mostrar os bastidores, mas mais para mexer com a percepção e a forma como as pessoas normalmente veem as coisas.

GW: Não há uma mensagem que esteja a ser veiculada. Não é o que vemos, o que ouvimos, mas sim o que pensamos que estamos a ver e a ouvir. Há uma vontade de levar o público a reflectir sobre isso.

IA: A peça acaba por ser a nossa própria interpretação dos relatórios mostrados, que poderiam ter várias interpretações.

GW: Os figurinos são peças do Teatro Nacional, acabando por contar um pouco da história do teatro. Não de uma forma organizada nem pedagógica, de certa forma até caótica, tornando-se numa espécie de "montanha" de desperdícios de outras peças da história do Teatro Português.



foto©MagdaBizarro

OP: Novos projectos?

TR: Imensos! Vou estrear uma nova peça, em Lisboa, chamada "Entrelinhas", escrita por mim, um monólogo. Está também no ar a série "Odisseia"no qual todos nós (os 3 presentes) participamos.

OP: Onde gostariam de ter estado no 25 de Abril?

TR: No largo do Carmo, com uma espingarda na mão, do lado do Salgueiro Maia.

Alunos de Izeda vencem Concurso nacional de Pintura em Azulejo

Nuno Cristóvão

Treze jovens da Escola de Izeda conquistaram o 1º prémio no escalão do 3º ciclo, do concurso de pintura em azulejo, de âmbito nacional, promovido pela Prebuild, SGPS, S.A. e dinamizado pela Empresa Viúva Lamego e pelas Lojas Izibuild, que lançaram o repto a todas os estabelecimentos de ensino do país para elaborarem um painel alusivo ao tema "O Futuro de Portugal". O segundo lugar neste escalão ficou também na cidade, conquistado pelo Agrupamento de escolas Emídio Garcia.

Adriano Ortega, Soraya Barranhas, André Urze, Carlos Paradinha, Cristiano Gonçalves, Kévin Loureiro, Lara Gomes, Luísa Esteves, Luís Tiago, Óscar Aragão, Paloma Bernardo, Ricardo Rodrigues e Tiago Veiga foram os jovens que, orientados pelo professor, idealizaram e concretizaram uma pintura num painel de azulejos cuja interpretação gráfica do tema proposto, "O Futuro de Portugal", assentou em três "pilares" – Natureza, traduzida pelo Sol, o Céu, a Terra e o Mar, as tradições e os recursos económicos.

A empresa Viúva Lamego disponibilizou a todas as escolas concorrentes um kit de trabalho, composto por 24 azulejos e um conjunto de tintas para pintura., ficando a finalização dos trabalhos – cozedura, acabamento e montagem da sua responsabilidade.

Do AEAB apenas se "aventurou" a aceitar este interessante desafio a Escola de Izeda que, com 13 alunos do 8º ano da turma D, se lançou com entusiasmo na concretização gráfica do tema.

Painel de azulejos premiado

Aproveitando a unidade de trabalho que os alunos estavam a desenvolver – A Comunicação, enquadrada na planificação prevista para o ano, foi somente necessário fazer um ligeiro ajustamento para dar cumprimento ao tema proposto.

Lançado o desafio, a fase inicial foi o de que cada aluno elaborasse três estudos/composições que dessem "corpo" ao tema. Dadas algumas directrizes aos alunos de modo a que as suas ideias se conformassem ao tema, nomeadamente os valores que nos pudessem identificar enquanto região – património edificado, cultural, económico e ambiental, os trabalhos começaram a tomar forma.

Depois dos estudos/composições realizados, os alunos seleccionavam um e passaram à fase de definição e consolidação gráfica da composição, realizando de seguida estudos cromáticos.

Concluída a proposta de painel, os alunos escolheram duas propostas, sendo os autores os alunos Adriano Ortega e Soraya Barranhas.

O painel concorrente resultou da conjugação dos elementos desenhados nas duas propostas seleccionadas. A fase final e a mais difícil deste desafio foi a aplicação da cor. Limitados aos 6 pigmentos de cor, disponibilizados pela organização, todos os alunos participaram entusiasticamente na mistura e aplicação da cor transferindo para o painel a satisfação de um trabalho partilhado por todos.

O Sol, elemento focal do painel "irradia" para os três "pilares", organizando-se a composição da seguinte forma: Céu marcado por linhas curvas significando o vento, gerador de energia (aerogeradores localizados nos montes); Terra marcadamente montanhosa, vestida do verde das árvores; Mar, onde um pescador no seu barco lança a rede para o fundo do mar. Um Careto, pleno de cor evidência a riqueza de Tradições populares e deixa espreitar ainda uma romaria e a cor dos foguetes que completam as festas tradicionais populares.

Em baixo, turma do 8º D envolvida no projeto e os dois alunos (Adriano e Soraia) que elaboraram as propostas de painel que deram origem ao painel final

Momento de poesia

I
Eu sinto a poesia
Como oração divinal,
Que sussurra ao coração,
Em sublime momento vital.
II
Orando digo- Senhor,
Sou poeta de paixão,
E oro por este dia
Que está em meu coração.
III
Sou poeta com prazer,
Sonho e falo ao pensamento,
Crio aspetos da vida
E os peço em casamento.
IV
Em minha paz, meu silêncio,
Na solidão, no evento,
Crio poemas sem fim
Porque Deus me dá talento.
V
Os poemas, que eu crio,
Estão cheios de sentimento,
Tal como as flores dos campos
Têm cores, têm pressentimentos.
VI
Com poemas vem a música
E os passarinhos chilreando,
Para abrilhantar este dia
Em que os poetas estão voando.
VII
Voando com suas mentes,
Ouvindo águas cantando,
Sentindo tão leve brisa
Neste dia que estão amando.
VIII
Amando as fantasias,
Sempre pedindo ao Divino
Que os sonhos, nunca se acabem,
Sonhos nobres de menino.
IX
Deus connosco estará sempre,
Nos ajudando a inspirar,
P'ra criar novos poemas
E ao mundo amar, amar.
X
Quando recitar ao Mundo,
Estes poemas, Senhor,
Todos sentirão na alma
A fragrância do amor.
XI
Assim gosto de viver,
Jamais pensarei em vão,
Com a mente crio poemas
E com amor, ao pobre estendo a mão.

Armando dos Santos
Formando da Formação Modular
Animação de Bibliotecas (EPRB)

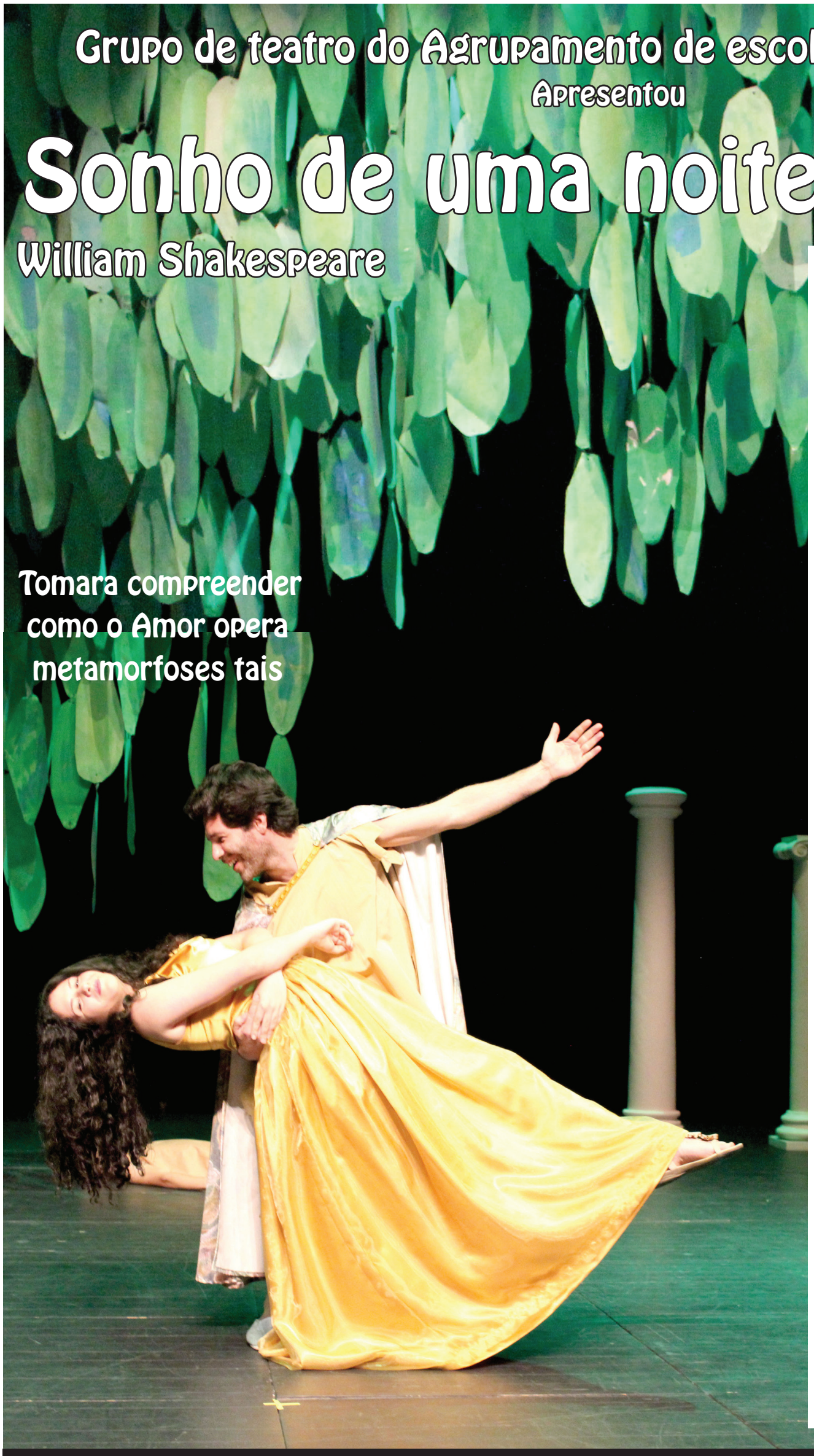
Grupo de teatro do Agrupamento de escolas Abade de Baçal

Apresentou

Sonho de uma noite de verão

William Shakespeare

Tomara compreender
como o Amor opera
metamorfoses tais



À vista estão…

Os cortesãos:

Magda Marabujo - Hipotenusa, a expressiva aia de Hipólita
António Gomes - Teseu, o poderoso duque de Atenas
Mariana Lopes - Hipólita, a intrépida noiva de Teseu
Ana Maria Taboada - Filóstrata, a eficiente mordoma dos recreios
Ana Luísa Anes - .Egina, mãe desgostosa de filha desobediente
Margarida Fernandes - Hérmia, a filha desobediente que ama Lisandro
Francisco Sá Pires - Lisandro, mancebo que ama Hérmia
David Ferrão - Demétrio, mancebo que ama Hérmia e é amado por Helena
Ana João Guerra - Helena, triste donzela que ama Demétrio e é repudiada

Os Mesteireiros, atores improvisados:

Fernando Alves - Marmelo, que virá a ser o Prólogo
César Alves - Canelas, que virá a ser o Píramo
António Xavier - Trombas, que virá a ser o Luar
Vítor Minhoto - Rabote, que virá a ser o Muro
Ricardo Gonçalves - Esfomeado, que virá a ser o Leão
Miguel Lebreiro - Gaitinhas, que virá a ser a Tisbe

Os seres fantásticos da Floresta:

César Malainho - Oberon, o vingativo e poderoso rei dos génios
Teresa Aguiar - Titânia, a irascível e sentimental rainha das fadas
Carlos Gonzalez - Robim, o irreverente trasgo, que serve Oberon
Aléxia Fernandes - morena e estonteante fada
Andreia Rodrigues - loira e etérea fada
Cláudia Rodrigues - morena e radiante fada
Cristiana Mendes - morena e entusiasmante fada
Diana Borges - morena e esfuziante fada
Joana Gonçalves - loira e brilhante fada
Sara Freitas - ruiva e irreverente fada
Virgínia Ferreira - morena e resiliente fada

Longe da vista, mas presentes, estão…
João Ortega, António Sá, Mário Ortega, na cenografia
Fernanda Brás Alves, nos figurinos
João Machado, Mário Geraldo, Marta Balesteiro, na operação de som
Elza Simão e 11º ano do Curso Profissional Multimédia, no design
Paula Romão, na encenação

E os agradecimentos vão para…
Direção do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal
Pais e encarregados de educação dos alunos participantes
Clube de Jornalismo do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal
Funcionários do Teatro Municipal de Bragança
Público que tão fervorosamente aplaudirá os espetáculos

"É certo o aldeão ditado: o bem de cada um por Deus lhe está guardado. O embaralhar da sorte ao cabo tudo irmana; João, sempre, afinal, acerta com Joana. Seu testo a cada vaso o Céu é que o destina. Viva quem vem à luz com tão ditosa sina!"

Comédia em dois atos e meio onde as paixões são o centro de todas as questões.

Esta é a história de uma noite...
Uma noite de verão sonhada na primavera, uma única noite onde os espíritos desafiam o sentido do verdadeiro amor, numa guerra fantástica de fadas, poções e romances desencontrados.
Numa noite de verão, um mundo pacato e insuspeito está prestes a ser incendiado pelo desejo e pela paixão. E a loucura toma conta de todos aqueles que amam...

Escrita, provavelmente, em 1595, e correspondente a uma fase inicial da sua carreira, esta é uma das mais surpreendentes comédias de Shakespeare. Nela, estão já evidentes as suas capacidades imaginativas e a sua sensibilidade para retratar a grandeza das emoções humanas.
Assim...

Era uma vez... um *Sonho de uma noite de Verão*

Berta Gonçalves, 12ºA (texto), Adriana Pires, 12ºA (fotografia)

No dia 10 de Maio subiu ao palco do Teatro Municipal de Bragança a peça "Sonho de uma noite de Verão" de William Shakespeare representada pelo Grupo de teatro da escola, numa atuação hilariante que fez as delicias do público com os seres élficos, mitológicos e terrestres cuja relação resultou numa deliciosa mistura entre a magia e o real.

Um cenário fantástico e um guarda-roupa de excepção criaram um ambiente idílico e misterioso propício a todos os equívocos ocorridos naquela floresta de sonho e enganos.

Os equívocos entre Helena, Hérmia, Demétrio e Lisandro, os ciúmes e "traquinice" de Oberon e o distraído e irreverente Trasgo proporcionaram a todos os espetadores momentos muito gratificantes e, simultaneamente, deram-lhes a conhecer mais uma obra de um dos maiores dramaturgos de sempre. E, claro, ninguém conseguiu ficar indiferente aos peculiares mesteireiros e às suas "cabeças de burro" e à absurda história que ensaiaram e, mais absurdo ainda, representaram nas bodas de Teseu.

Tal como é hábito, a professora Paula Romão conseguiu algo que todos acham dificílimo: que jovens amadores representassem uma peça não contemporânea e com uma linguagem riquíssima, mas difícil. Isto poderia ser um entrave e resultar numa reacção negativa por parte do público, mas muito pelo contrário, como os aplausos finais e gargalhadas durante o espectáculo mostraram.

Também a seleção musical foi fantástica: Gershwin, Mozart, Beatles, Jeff Dana, Madness, Haendel, The Cardigans, Mendelssohn, A. R. Rahman, Gavin Friday, Joseph Strauss, Vangelis, Sérgio Godinho e Queen, entre outros..Era extremamente difícil manter-nos presos às cadeiras uma vez que houve inúmeros momentos de música que convidavam a subir ao palco e participar também na representação.

Uma hora de puro divertimento e muitas gargalhadas que será para muitos inesquecível. Não só para quem viu mas, com toda a certeza, também para quem representou.

Tal como todos os anos, os finalistas presentes no palco foram homenageados no final tendo sido chamados a receber aplausos individualmente. Momentos que acredito terem sido, sem dúvida alguma, extremamente gratificantes e mais um dos marcos que a nossa escola deixa nos seus corações.

É totalmente impossível abandonar esta escola sem levar connosco as recordações de todas as peças representadas ao longo do nosso percurso escolar, mas uma peça como esta, tão divertida, é algo especial e inesquecível.

Fazer parte do grupo de teatro foi uma experiencia deveras enriquecedora (Ana Anes/Egina, mãe de Hérmia)

Fazer parte do grupo de teatro escolar foi uma atividade da qual guardo muitas boas recordações, uma vez que foi um projeto que contribuiu imenso não só para a criação de novas amizades, mas também para o meu crescimento enquanto pessoa. (Cláudia Rodrigues/Fada)

Fazer parte deste grupo de teatro foi uma oportunidade única e extremamente gratificante, visto que através desta arte realçamos valores como a entre ajuda e a amizade (Sara Freitas/Fada)

Agradeço a todos os que conviveram comigo no Grupo de Teatro da Escola Abade de Baçal durante estes três anos! Foram muitas emoções... (Francisco Sá Pires (Lisandro)

*Não há palavras que descrevam a emoção de estar em palco e saber que tanta coisa depende de nós! (*Vitor Minhoto (Rabote / Parede)

Sou o mais velho actor deste grupo de teatro, quer (obviamente!) em idade, quer em anos de representação. Mas todos os anos volto porque a vivência das personagens das fantásticas obras literárias que levamos cena, a muito divertida ligação criada entre todos os colegas actores, encenadora e restantes elementos do grupo e a adrenalina dos momentos em cima do palco fazem desta uma das melhores experiências do ano lectivo. (César/Oberon)

Foi uma experiência única e memorável. Era um grupo muito unido, o que proporcionou momentos inesquecíveis e uma dinâmica fantástica. Representar Helena foi um grande desafio, até porque nunca tinha participado antes no teatro escolar. Receber esse papel foi uma surpresa e uma grande honra. Apesar de ser uma personagem indignada com a vida e com o amor, tudo acaba bem, como deveria ser. (Ana João Guerra/Helena)

Foi um grande desafio estar a altura de uma personagem tão carismática como Titânia. No fim, todo o esforço valeu a pena, pois não há nada como sentir o público a reagir às nossas falas e ações, principalmente quando partilhamos o palco com grandes amigos. (Teresa Aguiar/Titânia)

Participar no teatro da escola penso que é uma experiência que não se deve perder. Apesar de requerer muita dedicação e algum tempo, é definitivamente algo que vale a pena. A personagem que encarnei, Hérmia, era uma personagem com uma personalidade forte que lutava pelo que queria... Foi uma experiência incrível poder dar vida a tal personagem. (Margarida/Hérmia)

O teatro escolar é uma atividade diferente de todas as outras porque não só estimula a nossa expressão oral e a nossa memorização, como também nos torna mais cultos e proporciona momentos de grande animação. Sextas-feiras à noite sem ensaio do teatro não são, definitivamente, a mesma coisa. (Mariana/Hipólita)

CA Nova Geração

PUBLICIDADE 01/2012

JUNTOS
CRESCEMOS MELHOR.

No Crédito Agrícola temos soluções personalizadas que acompanham os Jovens em todos os momentos importantes da sua vida.

Contas à Ordem | Cartões | Contas Poupança | Soluções de Financiamento

Uma tarde com o Diário de Notícias

Berta Gonçalves, 12ºA

O concurso "professor do ano" foi o mote para a palestra realizada no passado dia um de Março na nossa escola. Momentos muito bem passados com o jornalista João Céu e Silva, trabalhador do DN desde 1989.

A palestra iniciou-se com uma breve saudação por parte da diretora a João Silva e ao público presente. Seguidamente o profissional presenteou a assistência com uma compilação de vários testemunhos, dos seus colegas, acerca do que é ser jornalista. Uma conversa dirigida a todos os que pensam seguir jornalismo tornou-se numa agradável "tarde com o DN" onde João Céu e Silva apresentou o seu testemunho.

Num tom extremamente descontraído falou das sua experiências enquanto jornalista. O que foi trabalhar na noite em que começou a guerra, uma viagem num veleiro, o encontro com Vítor Gaspar no Japão ou a conversa com José Saramago foram alguns divertidos momentos da sua carreira que quis partilhar com a audiência.

Este jornalista explicou, ainda, que a sua vida é na rua, ou seja, que é o jornalismo de rua, o contacto direto com o público que mais o enriquece, uma vez que é assim que se pode construir uma boa história. Nas suas palavras, para se poder contar algo é necessário ouvir diferentes vozes e, no final, ter a capacidade de saber o que é ou não verdadeiro. É assim que o jornalismo é feito, de diferentes olhares, perspetivas sobre um determinado acontecimento.

Esta conversa terminou com um debate e a elaboração de um curto texto síntese do encontro por alguns dos alunos presentes em conjunto com João Céu e Silva, que foi imediatamente publicado no jornal *online* do Diário de Notícias.

E quem melhor que o próprio jornalista para nos mostrar a que se passou: "Uma conversa entre os alunos e o jornalista João Céu e Silva sobre as histórias do jornalismo, que clarificou dúvidas e curiosidades de alguns "pretendentes" sobre carreiras profissionais nesta área, seguido de um debate."

Da rosa-dos-ventos à roda do vento

Fernanda Silva

Decorreu no espaço da biblioteca a exposição dos trabalhos realizados pelos alunos do 3º ciclo no âmbito da disciplina de Geografia.

Os trabalhos da "rosa-dos-ventos" realizados pelos alunos do 7º ano e "instrumentos de meteorologia" pelos alunos do 8º ano, participaram nos concursos subordinados aos mesmos temas e cuja entrega de prémios decorreu no dia 10 de Abril " Dia do Agrupamento".

O elevado número e variedade de trabalhos expostos revela o interesse e empenho demonstrado pelos alunos que, para além das tradicionais rosas-dos-ventos, construíram diferentes instrumentos de meteorologia (cataventos, anemómetros, pluviómetros, termómetros) utilizando materiais reciclados.

Também estiveram em exposição os trabalhos relacionados com os temas " Catástrofes Naturais" realizados pelos alunos do 8º ano que deram largas a sua criatividade apresentando, vulcões, tornados, deslizamentos de terra, terramotos entre outros e os trabalhos dos alunos do 9º ano relacionados com o tema " Atividades económicas" onde era possível visualizar trabalhos sobre a agricultura, pesca, e energia.

Os prémios do concurso " A melhor rosa-dos ventos" foram atribuídos aos alunos: 1º prémio - Marlene do 7º B; 2º prémio - David do 7º B; 3º prémio – Vitor e Diogo do 7º C

No concurso " Instrumentos de meteorologia" os prémios foram para os seguintes alunos:1º prémio - Joana Sofia do 8º C; 2º prémio - Tiago Miguel do 8º A

3º prémio - Sérgio Silva do 8º C

Uma viagem pela Seara Nova

Clube de Jornalismo

O Museu Abade de Baçal acolheu a exposição comemorativa dos 90 anos da revista "Seara Nova" cuja inauguração decorreu no dia 8 de Dezembro no Museu Abade de Baçal.

Numa sessão que contou com cerca de uma centena de participantes, viajou-se pela história da revista e inevitavelmente pela de Portugal, com uma incidência maior na importância deste órgão de comunicação durante o estado novo. Uma dupla viagem "Não é fácil regressar. Estou nervoso, apesar dos meus setenta anos. É bom respirar este ar puro da cidade tão diferente da pardacenta Bragança dos anos 50. Um tema de nove meses de Inverno, mas com calor suficiente para fazer viajar e acolher a mensagem seareira." Um tema que, segundo Rui Vilar, tem tradição de luta e solidariedade: "Muita gente passou por aqui e foi ajudada pelas pessoas a sair do pais. O Nordeste foi por isso um canal de liberdade e os homens que ajudaram eram uns idealistas que habitavam um mundo real." Destacando a similitude existente entre a situação actual e o "Naufrágio dos anos 20" visível até no abandono forçado do país embora as questões sejam sobretudo económicas e a necessidade de reavivar o espírito de luta e a determinação Portuguesas. A exposição era constituída por doze painéis e algumas vitrinas, onde figuravam livros que atestam a forte actividade editorial da revista e, entre outros documentos importantes, uma carta de Irene Lisboa.

Os painéis sintetizam o percurso da revista por décadas, desde o seu nascimento em 15 de Outubro de 1921, apresentando o registo cronológico dos principais acontecimentos durante esse período, excertos significativos e as cinco melhores capas.

Criada numa época marcada por uma forte crise política, social, ideológica e de valores, os seus fundadores – Augusto Casimiro, Azeredo Perdigão, Faria de Vasconcelos, Francisco António Correia, Luís da Câmara Reys, Raul Brandão, Raul Proença, Aquilino Ribeiro, Ferreira Macedo e Jaime Cortesão – encaravam-na como um órgão de intervenção, que lutasse pelos valores da cultura, ética, justiça e progresso.

Esta "intervenção foi uma constante ao longo da sua existência, na denuncia dos perigos fascistas que se adivinhavam logo entre 1921 e 1926, na critica à republica, na visão idealista de construção de uma nova sociedade alicerçada na inteligência e na cultura, na conspiração contra a ditadura militar, na visão corporativista da sociedade." Também Rui Vilar salientou na revista o ser "a voz da consciência mais reputada durante a ditadura." Aberta a novas ideias, foi integrando colaboradores jovens o que permitiu a sua expansão e uma maior tiragem.

No 25 de Abril de 1974 foram impressos trinta mil exemplares, e conseguiu segundo"incorporar no seu seio diversas tendências, socialistas, comunistas, católicos progressistas e muito independentes".

Com a implementação do regime democrático, os conflitos ideológicos acabaram por se refletir na equipa da revista e ela entra em clara decadência tornando-se menos organizada e as suas publicações mais irregulares.

No presente a tiragem é de cerca de três mil exemplares, foi reestruturada, tem um site onde pode ser consultada a sua história, o índice do ultimo impresso, dossiês temáticos e, por isso, a exposição não está virada para o passado, mas para o futuro, com "a convicção de que é um periódico ímpar na impressa portuguesa", que os cerca de 400 colaboradores que tem ajudarão a construir.

A viagem pela história, a reflexão sobre o presente que ele suscita e como, segundo Nuno Maia, "a liberdade é também uma missão dos museus" o museu Abade de Baçal é o lugar certo para a exposição.

Sessão de inauguraçao e apresentação da exposição e visita guiada do Clube de Jornalismo, orientada pelo Dr. Nuno Maia.

Em baixo, imagem dos painéis da exposição

Exames de 4º ano
uma nova experiência

Albino Falcão

Para muitos alunos do primeiro ciclo do ensino básico o ano letivo 2012/2013 marca o inicio dos exames nacionais que passarão a ser realizados no final de cada ciclo de ensino. Fomos ao encontro de alguns desses alunos para conhecermos os seus receios e expectativas, bem como a sua opinião sobre os exames nesta fase do seu percurso escolar.

De um modo geral os alunos mostraram algum nervosismo momentos antes da realização das provas: "Senti-me nervosa... porque era o primeiro e tinha medo de errar muita coisa." (Beatriz Coelho); "Sentia-me com medo... Tinha medo que me faltasse algum material." (Lara Silva).

As opiniões dividem-se quanto à necessidade de realizar estes exames no final do quarto ano: "Concordo, porque já estamos preparados para ir para o segundo ciclo e assim já vamos mais descontraídos..." (Soraia Silva); "Acho que ainda somos muito novos." (Beatriz Constança).

Sem dúvida, os exames nacionais vieram alterar a rotina destes alunos que nos confessaram ter estudado um pouco mais que o habitual: "Deitei-me mais cedo, não vi muita televisão, tive que estudar mais. Aguentar mais tempo a ler livros..." (Soraia Silva); "Estudei mais que o habitual." (Beatriz Constança).

Embora todos os alunos entrevistados reconheçam que o exame de Português foi o mais difícil "... porque o Texto A era muito complicado." (Beatriz Coelho); "... porque tinha algumas perguntas difíceis e o primeiro texto era um bocado complicado.) (Bruno Barreira) todos eles esperam obter bons resultados.

Ciência Viva mostra projetos científicos escolares

A MOSTRA DE CIÊNCIA Ensino, Tecnologia e Inovação é promovida, anualmente, pelo Centro de Ciência Viva de Bragança e a nossa escola tem participado desde a primeira edição com vários projetos em várias áreas e de vários níveis de ensino.

Os objetivos desta mostra são, por um lado, proporcionar à comunidade escolar um local de apresentação e partilha dos projetos científicos desenvolvidos no contexto escolar por alunos e professores e, por outro lado, incentivar a comunidade em geral, a adotar uma participação ativa na aprendizagem científica, através de uma abordagem informal à ciência.

A VI edição deste evento, sob o tema "Viver na Terra" decorreu entre 17 e 26 de Abril e para participar nela os professores tiveram de desenvolver, antecipadamente, os projetos com os seus alunos, construir os materiais e elaborar os resumos a enviar ao Centro de Ciência viva para integrar o livro de resumos. A montagem e distribuição dos materiais na exposição foi, também, da responsabilidade dos professores envolvidos.

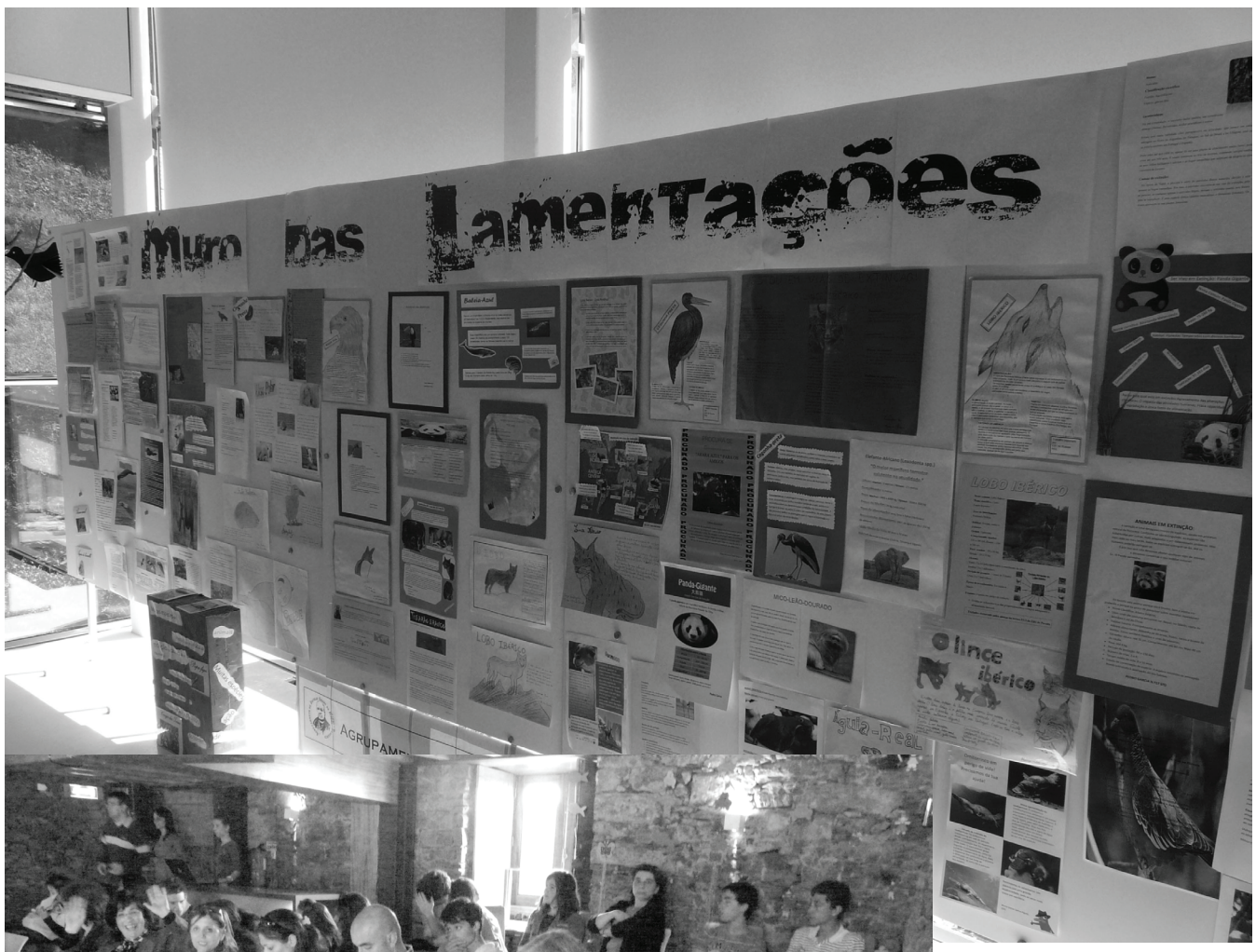
Neste ano o agrupamento participou na mostra através de um conjunto variado de trabalhos decorrente da participação de alunos dos vários ciclos de ensino que integram o agrupamento.

Escola EB 1, 2, 3 Augusto Moreno – "A vida na Terra"

EB nº6 Toural – "A água vai e vem" (ciclo da água) e "A beleza da geometria"

Escoal Secundária Abade de Baçal – "Muro das lamentações" (espécies em extinção) e "Reinos da Vida"

Como vem referido no livro de resumos desta mostra "a participação ativa dos alunos no desenvolvimento destes projetos nas escolas estimulados por professores dinâmicos, incrementa o seu interesse pela atividade experimental e proporciona uma compreensão mais abrangente de vários aspetos da ciências e tecnologia".



Sessão de abertura da Mostra de Ciência e pormenor de uma das atividades propostas pela escola: Muro das Lamentações.

Tentando compreender Saramago

Gonçalo Esteves (12ºD)e Lúcia Gomes (12ºE)

No dia trinta de abril de 2013, pelas catorze horas e trinta minutos, deslocou-se ao auditório da nossa escola a doutora Cidália Fernandes, professora de português e alemão em Penafiel.

Nascida em 1961, no concelho de Vila Flor, licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas, sendo, atualmente, autora de cerca de trinta e oito livros publicados.

Convidada pela biblioteca para apresentar recursos de preparação para o exame nacional de português aos alunos de 12º ano, levou a cabo uma sessão destinada à abordagem de "Memorial do Convento", obra literária de José Saramago, galardoada com vários prémios, nomeadamente os do Pen Club e do Município de Lisboa.

Depois de uma breve introdução sobre o seu trabalho, procedeu à apresentação de um livro de apoio aos finalistas do secundário, intitulado "Chamo-me José Saramago", o qual pretende melhorar os seus conhecimentos sobre a obra "Memorial do Convento". Foi referido que o livro em causa contém explicações relativas a cada sequência narrativa, às categorias da mesma e um glossário, analisando, então, globalmente a obra saramaguiana.

Na verdade, embora os alunos de 12º ano estivessem à espera de uma abordagem e de uma reflexão elaboradas e detalhadas sobre a obra de Saramago em questão, acabaram por se sentir dececionados com a palestra, na medida em que esta se desviou totalmente do assunto principal da sessão, já que foram nulas as abordagens profundas, perspicazes e explanatórias que a escritora levou a efeito acerca da diegese de "Memorial do Convento", algo que teria sido bastante útil aos mesmos porquanto irão realizar no final do ano letivo o exame nacional de Português, no qual este livro é um dos conteúdos temáticos a avaliar.

Ao longo da sessão, os alunos presentes foram interpelando a doutora Cidália. Perante a questão "Como classifica o narrador?", a escritora referiu que, em "Memorial do Convento", o narrador, tendencialmente heterodiegético e de focalização omnisciente, assume-se também como autor, devido à forte carga crítica que imprime à sua narrativa. Além disso, acrescentou que o estilo inimitável de Saramago se deve, entre muitos aspetos, à ausência de pontuação ortodoxa, consequência do facto de ele pretender aproximar a sua escrita da forma como as pessoas falavam, de modo a que as histórias não perdessem a sua genuinidade.

À pergunta "qual a personagem masculina mais rica da obra?", a doutora Cidália referiu que Bartolomeu Gusmão, padre que criou a "passarola" e foi perseguido pelo Santo Ofício, é a figura mais bela, porque, tendo o persistente sonho de voar, acabou por influenciar os restantes intervenientes da ação.

Por outro lado, Saramago também se perspetiva muito no sexo feminino, sendo disto exemplo Blimunda, mulher ativa, dinâmica, inteligente, intuitiva e, por isso, distinta das outras da sua época (século XVIII).

Por fim, a sessão terminou com uma pequena feira dos livros da autora, à entrada do auditório.

De facto, os alunos deslocaram-se ao auditório a fim de assistirem a uma sessão cujo tema seria somente "Memorial do Convento", o que não se verificou, pois, como já referimos, ela ficou muito aquém das espectativas dos assistentes, o que se pode corroborar com o facto da doutora Cidália ter feito um discurso permanente e altamente comercial. Portanto, esta acabou por não acrescentar nada de novo aos conhecimentos dos alunos sobre a obra. Além disso, achamos que a escritora não soube responder às questões colocadas de forma clara, direta e objetiva, facto que dificultou a apreensão das respostas por parte dos alunos, não se esclarecendo, assim, as dúvidas ou curiosidades destes.

"embora os alunos de 12º ano estivessem à espera de uma abordagem e de uma reflexão elaboradas e detalhadas sobre a obra de Saramago em questão, acabaram por se sentir dececionados com a palestra, na medida em que esta se desviou totalmente do assunto principal da sessão,"

Cidália Fernandes na nossa sala de aula

Escola Augusto Moreno, trabalho coletivo, 6.º G

Naquele último dia do mês de abril, o Auditório Vilarinho Raposo encheu-se de crianças e jovens para receber a escritora transmontana, Cidália Fernandes. O interesse e a alegria reinaram e a escritora seguiu com muita atenção as apresentações que os alunos de diferentes turmas fizeram das suas obras, Chamo-me José Saramago e Chamo-me Fernando Pessoa.

A nossa turma do 6.º G marcou a sua presença com a leitura de um belíssimo excerto da obra, Chamo-me … José Saramago.

Findo o encontro, a alegria e o entusiasmo não terminaram para a nossa turma. Não é que a simpática escritora, não fosse ela transmontana, ainda teve tempo e boa disposição para aceder ao convite que os colegas Luís Sauanes e Mariana Bento, em nome da nossa turma do 6.º G, lhe dirigiram!

Sentadinhos nos nossos lugares, aguardávamos que ela entrasse.

Oh, não acredito que ela venha.- Diziam uns. "

Vem, ela prometeu.- Afirmava a Mariana, muito convencida.

Vem, tende calma!- insistia o Luís, arregaçando as mangas muito ofegante, pois viera a correr.

Aí vem ela!- Sussurraram os alunos que se encontravam sentados nas mesas, quase em frente à porta, e que, com esta aberta, conseguiam ver o corredor e a porta da Biblioteca por onde a escritora sairia.

Perante dezoito pares de olhos cheios de admiração e timidez, a simpática escritora satisfez, com muita alegria, o nosso pedido, feito pela voz da destemida Mariana:

Conte-nos uma história da sua vida!E a nossa curiosidade foi satisfeita.

Tivemos a oportunidade de saber que o seu primeiro contacto com a escola se deu aos quatro anos de idade.

Cidália ouvia, de sua casa, mesmo ao lado da escola, na pequena aldeia do Pinhal do Norte, no Concelho de Vila Flor em Trás-os-Montes, as vozes dos meninos que liam e contavam alto. Aqueles sons, aquelas palavras enfeitiçaram-na!

E, um dia, depois de ter pedido insistentemente a sua mãe que também queria ir para a escola, como a irmã mais velha, aquela pôs-lhe uma sacola, maior que ela, a tiracolo, e lá foi a nossa menina para a escola, com quatro aninhos.

A professora acarinhava-a e dava-lhe toda a atenção, tal era o desejo e facilidade que a pequenina "aluna" mostrava em aprender. Na alma da pequena Cidália, aos quatro anos, as letras e os livros começaram a tomar forma. Aquela recordação transmitiu-no-la a nós com pormenores fantásticos e até parecia que estávamos a assistir a um filme.

Esse dia trinta de abril foi um dia especial e mágico. Gostámos muito de conhecer a escritora Cidália e da maneira como nos contou um pouco da sua história.

Foram momentos marcantes e divertidos e uma experiência enriquecedora para todos nós.

Foi emocionante estar tão perto de uma escritora!

Um abraço apertadinho de todos nós, Cidália!

Aqui lhe deixamos um poema muito simples:

Para nos presentear,
Cidália em nossa sala entrou.
Sua história nos contou,
Que nós ouvimos sem falar!

Ouvimos sem falar,
Não só para lhe agradar,
Momentos da sua vida,
Uma história de encantar!

Histórias verdadeiras,
Ouvimos relatar,
Pela voz de Cidália,
Que em nossos corações irá
[ficar!

Dois momentos da participação da escritora no agrupamento: sessão na escola sede, Escola Abade de Baçal e a escritora na sala de aula do 6ºG, na Escola Augusto Moreno

Juiz de linhas

Minhas queridas alergias...

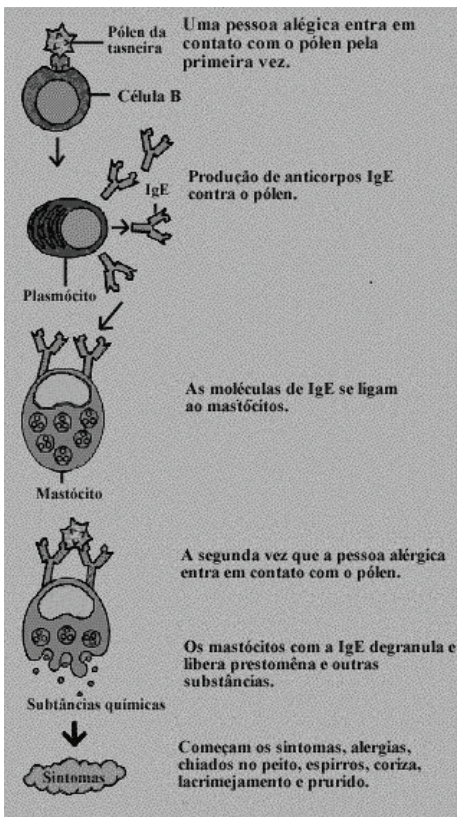
Adriana Nascimento, 10ºA

Todos os dias ouvimos falar de alergias e de que alguém está a sofrer com alergias. Mas afinal o que são alergias e como é que as células do nosso sistema imunitário interagem?

As respostas imunitárias visam a protecção do organismo. Contudo, por vezes, o delicado equilíbrio que envolve os mecanismos de regulação do funcionamento do sistema imunitário é rompido, surgindo doenças imunitárias. Essas doenças podem traduzir-se por reacções demasiado violentas, resultantes de uma hipersensibilidade do sistema imunitário ou por respostas insuficientes, genericamente designadas imunodeficiências. As alergias são precisamente respostas exageradas a determinados antigénios do meio ambiente designados alergénios, resultantes de uma hipersensabilidade do sistema imunitário relativamente a alguns elementos, como o pólen, os ácaros, venenos de insectos, entre outros elementos. O primeiro contacto com o alergénio não produz, geralmente, sinais ou sintomas. No entanto quando os linfócitos B, que são produzidos a partir das células estaminais na medula óssea, diferenciam-se em plasmócitos, produzem anticorpos de forma a combater o antigénio. Os antigénios são moléculas que são capazes de desencadear uma resposta específica de um linfócito.

Alguns tipos de alergia não resultam da produção de anticorpos, sendo antes uma hipersensibilidade medida por células. Frequentemente, este tipo de reacção alérgica está associada ao contacto directo e repetido com determinadas substâncias como, por exemplo, cosméticos, látex, alguns medicamentos e alguns metais.

Há vários tipos de alergias, como as respiratórias, as alimentares e as cutâneas. O diagnóstico para detectar se uma pessoa sofre com alergias pode ser feito de variadas formas, através da história clínica pessoal e familiar, testes sanguíneos e respiratórios ou em casos cutâneos, através das manchas avermelhadas e da comichão. As alergias alimentares são cada vez mais frequentes, cerca de um milhão de portugueses sofre de alergias alimentares. Muitas vezes confunde-se com intolerância alimentar mas enquanto na primeira o corpo desenvolve anticorpos em reacção a determinados alimentos, na segunda, 'o que existe é uma deficiência do organismo que não tem determinadas enzimas essenciais para digerir substâncias, como lactose ou o glúten.



O direito à Liberdade

Bárbara Fernandes 12ºC

A liberdade é um bem e uma necessidade essencial a que a população mundial tem direito.

Desde sempre, o ser humano lutou pela sua liberdade. Por exemplo, durante muitos séculos, todos os países pugnavam pelo território para adquirir dessa forma a sua independência. A luta pela nossa liberdade é um direito universal que todas as pessoas têm o dever de exigir. Foi o caso dos revolucionários do Vinte e Cinco de Abril, Dia da Liberdade, em Portugal, que lutavam para se poderem exprimir sem censura, terem uma vida melhor e livre de opressões.

Segundo um estudo levado a efeito por uma organização de defesa dos direitos humanos, a liberdade, a todos os níveis, não é uma realidade para todas as pessoas. Isto verifica-se principalmente nas culturas do Médio Oriente, onde as mulheres não têm liberdade de expressão, nem sequer vontade própria, sendo tratados de forma bárbara.

A ignorância do direito à liberdade por parte de indivíduos originou uma produção de filmes e livros com o objetivo de se mostrar essa realidade ao mundo, para que ocorra uma consciencialização das consequências dessa falta de respeito em relação aos direitos humanos. Por exemplo, o livro "Queimada", de Souad, retrata essa realidade, visto que a protagonista ficou com mazelas físicas e psicológicas para toda a vida devido à "escravidão" e violência a que foi sujeita.

Pelo exposto, conclui-se, então, que a liberdade é muito importante e significativa na vida de cada indivíduo e cada um deve lutar para poder obter a sua.

As lutas pelo poder continuam a ser uma realidade

Lúcia Gomes, 12º D

Hoje, como outrora, o homem empenha-se em lutas constantes e infindáveis pela obtenção de poder, visando a instauração de ideologias e medidas, num determinado país, ou a orientação dessa influência e domínio para um grupo restrito.

De facto, os indivíduos desejam cada vez mais o poder, atingindo esta ambição desmedida os seus trópicos e transformando-se numa obsessão mórbida e descontrolada que persegue o poder absoluto. Assim, esta má gestão de poder traduz-se em negatividades, como a hipocrisia, a opressão, o absolutismo e até o homicídio. Veja-se o exemplo do Estado Novo que, com a queda dos regimes totalitários, em 1945, procedeu a uma democratização aparente que iludiu os portugueses. Estes, então, revoltaram-se, criando oposição ao regime, através do MUD (Movimento de Unidade Democrática) e das eleições presidenciais, encabeçadas por Humberto Delgado, que, por ser tão destemido, foi morto, dando-se continuidade ao isolamento internacional, à repressão social e ao lema "Deus, Pátria, Família".

Embora os portugueses vivam, no tempo atual, livremente, essas lutas ainda se manifestam, porque a diferença partidária persiste, porque todos discordam das opções uns dos outros, mas quando se encontram no "poleiro" não praticam a teoria tão glorificada que, segundo eles, melhoraria a situação interna portuguesa, porque o povo está sempre descontente com algo.

José Sócrates, em 2011, afirmava convictamente que Portugal não necessitava de ajuda externa, apenas para reconfortar os seus semelhantes e esconder a podridão do seu governo, o que desembocou na austeridade; em cortes na saúde e na educação; na abolição de feriados; na asfixia social.

Não posso deixar de referir também a necessidade de liderança do homem, antes da Primeira Guerra Mundial, reduzindo o sexo oposto à lida doméstica e ao papel de boa mulher e mãe.

Concluindo, o homem é a causa dos problemas referidos, dada a sua incapacidade de aproveitar o poder de que usufrui e que tão ardentemente desejou.

Liberdade e responsabilidade

Joana Gonçalves 12ºC

Desde que a liberdade foi alcançada, as pessoas passaram a ter direitos e deveres e a ter livre-arbítrio em relação a todas as matérias.

Durante o 25 de abril de 1974, muitos músicos quiseram exprimir o que sentiam naquele momento de felicidade, de alívio, até, já que a revolução dos cravos mudaria para sempre a vida de todos e um mundo novo surgiria às gerações vindouras. A título exemplificativo, existe uma música que retrata o ambiente vivido naquele dia, pondo em evidência a transição da ditadura para um regime democrático: "Grândola Vila-Morena", de Zeca Afonso.

A liberdade de expressão permite ao homem exprimir a sua opinião acerca de variados assuntos, como, por exemplo, a política, o desporto, a literatura. Hoje em dia, veem-se publicadas centenas de obras cujo objetivo é dar a conhecer pontos de vista de pessoas ligadas a diferentes sectores.

Apesar do termo "liberdade" aludir ao livre-arbítrio e à vontade do homem, é necessário cumprir regras e anunciar direitos para qualquer pessoa, independentemente da raça, religião, etnia ou ramo profissional. A partir disto, o respeito pelo próximo surge, sendo também o passo a seguir para que também sejamos respeitados. Por exemplo, a liberdade alcançada pelas forças armadas após o 25 de abril de 1974, levou a que as pessoas não tivessem apenas deveres, mas também direitos, o que implicou uma grande responsabilização dos cidadãos.

Em suma, pode afirmar-se que a liberdade assenta no facto de cada indivíduo poder concretizar os seus anseios e aspirações, embora isso nunca deva afastá-lo da democracia nem do respeito pelos seus semelhantes.

Toca a mexer

Grupo disciplinar de educação física

No decorrer do presente ano letivo, e dando cumprimento ao Plano Anual de Atividades, a Área Disciplinar de Educação Física organizou e dinamizou diversos torneios e competições.O maior destaque vai para o desportivismo e espírito competitivo demonstrado pelos inúmeros alunos participantes e demais intervenientes.

No dia 14 de dezembro de 2012 realizou-se a fase escola do torneio compal air 3X3, das vinte e sete equipas que competiram, nos diferentes escalões, ficou apurada uma de cada escalão/género para a fase distrital que teve lugar na ES/3 Emídio Garcia, no dia 13 de março de 2013. A fase regional decorrerá no dia 25 de maio de 2013, na Póvoa do Varzim, e a nossa escola será representada pelas equipas masculinas de iniciados e juniores.

O corta mato escolar, realizado no dia 15 de janeiro, foi uma organização do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal com a colaboração do Agrupamento de Escolas Emídio Garcia, no qual participaram as quatro escolas que deles fazem parte num total de 402 alunos. Apesar das condições climatéricas não terem sido as melhores, levando à ausência de alguns inscritos, foi com satisfação que constatámos o grande êxito, que superou as nossas expectativas, não só pelo elevado número de participantes, mas também, pelo ambiente de alegria e motivação que a caracterizou.

O Corta mato distrital do Desporto Escolar realizou-se na Torre Dona Chama, no dia 24 de janeiro, e a nossa escola esteve representada por 21 alunos.

Na final nacional de corta mato que teve lugar em Coimbra, no dia 2 de março, o aluno Ruben Ferreira (9ºB) e o aluno Francisco Vaqueiro (10ºF), representaram a nossa escola e classificaram-se em 71º e 131º no respectivo escalão.

O Projeto Mega – fase escola foi organizado pelo nosso Agrupamento na Escola Augusto Moreno, dia 20 de fevereiro de 2013, tendo participado conjuntamente os alunos das escolas Abade de Baçal e Augusto Moreno.

Da Escola Secundária Abade de Baçal participaram 58 alunos, nas três provas: mega Km (14 alunos), mega salto (20 alunos) e mega sprinter (24 alunos). Foram elaboradas classificações por escola para cada escalão/género.

A fase distrital no dia 8 de março, em Macedo de Cavaleiros, contou com a participação de 11 alunos da nossa escola.

No dia 15 de março de 2013 decorreu o Torneio de Tag Rugby com onze equipas em competição. As equipas vencedoras de cada escalão passaram à fase seguinte, que se realizou em Macedo de Cavaleiros no dia 17 de abril, apurando-se a equipa de infantis para a fase nacional da competição que decorrerá, no dia 25 de Maio de 2013, nas Caldas da Rainha.

O Torneio GiraVolei teve lugar na ES/3 Abade de Baçal, no dia 5 de Abril de 2013, com 20 duplas participantes, representando a ES/3 Abade de Baçal e a EB 1,2,3 Augusto Moreno. Foram apuradas doze equipas para a fase distrital que decorreu no dia 13 de Abril, em Macedo de Cavaleiros. Na fase Nacional a realizar nos dias 1 e 2 de Junho, em Castelo de Vide, o Agrupamento de Escolas Abade de Baçal apresentará 2 equipas.

A MOCHE CUP realizou-se no dia 29 de Abril na ES/3 Abade de Baçal.

A equipa de Iniciados venceu a fase escola e apurou-se para a final nacional que decorrerá nos dias 15 e 16 de junho, no Pavilhão Atlântico em Lisboa.

O grupo disciplinar de educação física, o gabinete de apoio ao aluno e a saúde escolar assinalaram, no dia 15 de Maio, o Mês do Coração com uma tarde de atividade física, destinada a toda a comunidade escolar. Foi realizado um Passeio Pedestre, a Santa Rita com a distância de cerca de 8,5 km. Pretendeu-se, com a organização desta atividade, incutir que, um padrão de vida ativo, é uma necessidade para os saudáveis manterem a sua saúde; sensibilizar toda a comunidade escolar para a prática de actividade física e sua importância como fator de prevenção de Doenças Cardiovasculares; Reduz o risco de morte por doenças cardíacas ou AVC; Reduz o risco de desenvolver doenças cardíacas, diabetes Mellitus do tipo 2 e cancro do cólon; Ajuda a prevenir/reduzir a hipertensão arterial; Ajuda a controlar o peso e diminui o risco de se tornar obeso.

As atividades decorreram sempre num clima de entreajuda e camaradagem entre professores, funcionários e alunos, tendo resultado em momentos agradáveis de bom ambiente e convívio, pelo que arriscamos fazer boas previsões para as atividades que ainda se irão realizar este ano e para as do próximo ano lectivo.

Ainda, estão agendadas as seguintes atividades: no dia 25 de maio, a anual, Gala das Escolas; no dia 14 de junho o II Sarau Desportivo da ESAB e no dia 5 de junho o Torneio de Voleibol.

A todos os participantes expressamos o nosso agradecimento pela colaboração e empenho com que nos brindaram.

Desporto escolar

Durante o ano letivo os vários grupos/equipas do Clube do Desporto Escolar tiveram as suas atividades, treinos e competição.

Através do clube do desporto escolar, a escola procurou oferecer um conjunto de modalidades indo ao encontro das preferências e motivações dos nossos alunos, tendo como objectivo realçar sempre o prazer de fazer desporto e a alegria de participar, estimular e promover a prática da atividade física.

Todos os grupos equipa disputaram a competição da fase local tendo marcado presença na fase regional as equipas de badminton juvenil misto e basquetebol juvenil masculino. Nos escalões de juniores e infantis não houve outra fase além da competição local.

Procurámos que os alunos se envolvessem em todas as etapas, para tomarem consciência do que aprenderam e como o fizeram, essa tomada de consciência da sua evolução foi permitindo que fossem aperfeiçoando e melhorando o seu desempenho durante os treinos. Os bons resultados obtidos nos jogos em que participaram, foram reflexo desse trabalho.

Perante a atitude de todos os intervenientes, verificámos que houve uma grande predisposição para participar de forma entusiasta nos grupos/equipa existentes no Clube do Desporto Escolar.

Grupos/Equipa do Desporto Escolar:

- Voleibol iniciadas feminino
- Voleibol juniores feminino
- Basquetebol Juvenis Masculino
- Basquetebol Juniores feminino
- Futsal Infantis masculino
- Futsal iniciados masculino
- Badminton juvenis misto

Crónica de viagem

Por terras do Douro

Mariana Lopes, 11º A

Foi no dia de São Valentim que a turma do 11ºA se deslocou ao Porto para uma viagem cultural de dois dias, acompanhada pelas professoras Ana Isabel Oliveira, Odete Fernandes e Lúcia Rodrigues. A viagem realizou-se no âmbito das disciplinas de Português e de Biologia/Geologia, bem como de Física-Química.

Após uma subida atribulada pelas estradas da serra de Tormes, chegámos finalmente à casa fundação Eça de Queiroz, à Casa do Silvério, à Casa de Campo, localizada na freguesia de Santa Cruz do Douro em Baião, primeira paragem desta viagem de estudo. A visita começou com a visualização de um pequeno vídeo informativo acerca da vida de Eça de Queiroz, no qual ficámos a saber não só quem foi este escritor, mas o que fez e o que o liga às terras do Douro. De seguida tivemos oportunidade de fazer uma visita guiada pela antiga casa rústica que constitui a fundação e que foi remodelada mais recentemente. Passámos por quatro quartos e pela sala de estar onde conhecemos uma familiar de Eça de Queiroz, proprietária e habitante da casa, e com quem ainda tivemos a oportunidade de trocar umas palavras e sorrisos. Por fim, fomos à cozinha, ainda funcional, onde uma empregada preparava já o almoço e onde o cheiro a botelo deixou toda a turma com água na boca. Para acabar dirigimo-nos à capela onde estão os túmulos de familiares deste tão conceituado escritor.

Visitar Tormes foi um óptimo começo de viagem, não só pela parte cultural, mas pelo facto de termos podido usufruir de paisagens fantásticas e termos respirado o ar puro do campo logo pela manhã. Há de facto uma passagem do livro "A cidade e as Serras" de Eça de Queiroz que descreve exatamente aquilo que vimos e sentimos nesta casa: "Um ar fino e puro entrava na alma, e na alma espalhava alegria e força.

Um esparso tilintar de chocalhos de guizos morria pelas quebradas."

Seguindo viagem, desta vez descendo as íngremes estradas da serra, acabámos por parar para almoçar no fim desta descida, na área de serviço de Penafiel. Este momento foi marcado pelo convívio e pelo calor que se fazia já sentir. O Porto aguardava-nos, e a primeira paragem na cidade invicta foi o Museu Romântico, localizado junto ao Palácio de Cristal e com uma vista linda sobre o Douro que encantou toda a turma. Dentro do Museu sentimo-nos como habitantes de uma casa do século XIX, completamente decorada com mobiliário dessa altura, com o tão famoso estilo império, bem como com pinturas de Roquemont e Francisco José Resende, pintores românticos.

Após este enriquecimento de cultura, houve tempo para descontrair e passar algum tempo nos lindos jardins do Palácio de Cristal. Dirigimo-nos posteriormente para o centro da cidade, mais precisamente para a Livraria Lello, cuja arquitetura distinta espantou toda a gente pela positiva e cuja quantidade e diversidade de livros permitiu alguns momentos de distração.

As visitas a fazer no primeiro dia estavam acabadas, pelo que após a passagem por alguns monumentos emblemáticos, como a Torre dos Clérigos, nos dirigimos para o autocarro que desta vez nos levaria até ao NorteShopping, onde passámos algumas horas de lazer.

Ficámos alojados no Inatel de Santa Maria da Feira, e dia 15 pelas 9 da manhã estávamos já preparados para um novo dia cheio de atividades. Começámos pela Casa da Música, apontada como a melhor parte da visita pela grande maioria da turma. A verdade é que além da componente cultural, esta casa reúne uma beleza e uma capacidade de fascinar os jovens enormes. Infelizmente não foi possível visitar as duas salas interativas, uma vez que estavam a ser utilizadas. No entanto, conhecemos todos os outros espaços, desde as salas de ensaio, passando pelos bares e restaurante, até à tão famosa Sala Suggia, o coração da casa da Música. É de salientar que o que mais nos espantou foi que tudo nesta casa foi pensado até ao mais ínfimo pormenor, e que a sua construção requereu a junção de uma enorme equipa dos melhores técnicos em diversas áreas.

Após um almoço na cantina desta casa, encaminhámo-nos para a Fundação Serralves, última paragem da nossa viagem. Começámos por fazer um percurso pelos jardins, de forma a familiarizarmo-nos com o espaço e prepararmo-nos para a atividade que nos aguardava. Depois de uma pequena aula acerca de GPS, satélites e movimentos, passámos à componente prática, com a construção de um foguetão e lançamento deste mesmo, e também com uma pequena prova de orientação. No fim desta atividade sentíamo-nos realmente esgotados, porque tinham sido dois dias bastante preenchidos e ativos, combinados com pouco descanso.

Penso que falo por todos quando digo que foi uma viagem que, embora de curta duração, se tornou inesquecível pelo facto de ter estado sempre presente um espírito de união entre todos, espírito este que aliado à cultura e à diversão se transformou em mais do que poderíamos ter pedido em dois dias. Chegámos a Bragança já com pouca energia, e com necessidade de recarregar as pilhas e preparar para uma nova semana de aulas.

Momentos da visita de estudo que conduziu os alunos até diversos espaços na cidade invicta: Casa da Música; Jardins de Serralves e Palácio de Cristal

GNR - sons intemporais

Pedro Pereira, 8ºA

GNR, grupo novo rock, trouxe "Afectivamente" ao palco do Tetro Municipal de Bragança, no dia 30 de Abril.

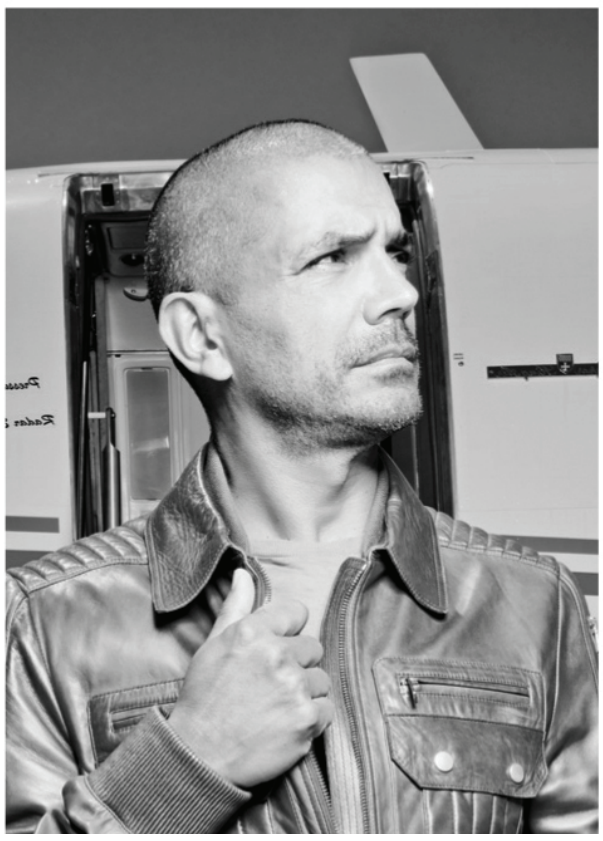
Os membros participantes foram: Rui Reininho, vocalista, Toli Machado, piano, guitarra acústica e acordeão, Jorge Romão, baixo acústico, Ianina Khmelik, violino, Rui Lacerda, bateria e Miguel Amorim, teclas.

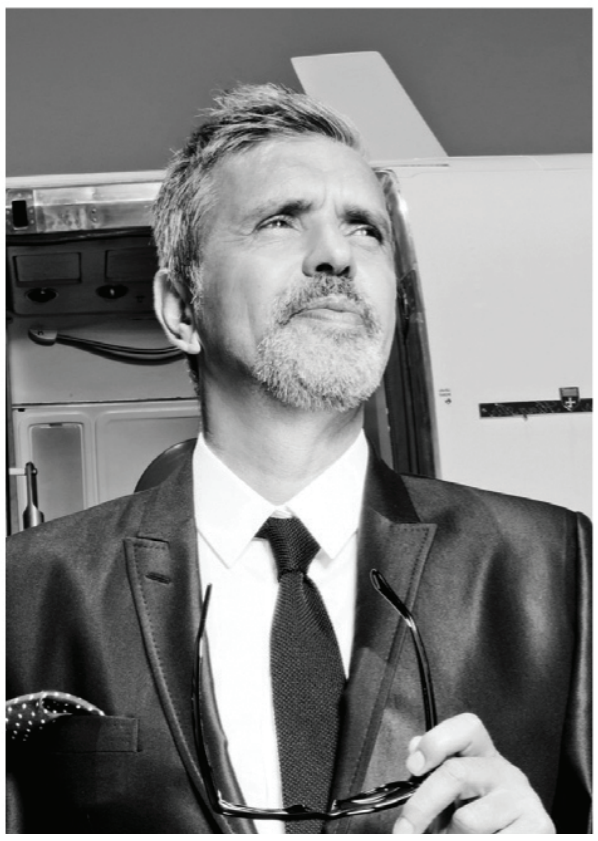
Na sala, o público interagiu com a banda, tendo cantado algumas músicas, especialmente a mais conhecida, Dunas.

Durante o espectáculo, Rui Reininho, que afirmou ter origem transmontana, improvisou algumas músicas e contou alguns episódios cómicos, fomentando a boa disposição e a interação com o público. A animação foi contagiante o que levou algumas pessoas da plateia a dançar.

A vasta discografia da banda começou em 1981 com o single "Portugal na CEE", tendo 1982 lançado o primeiro álbum "Independança". Em 2011 foi editado o álbum "Voos domésticos" e mais recentemente, no final de 2012, a coletânea "Concentrado", um best-of do Grupo Novo Rock. Publicada em 1989 pela Assírio e Alvim, "Afetivamente" é o título da única biografia do grupo.

Este espetáculo foi em homenagem a Jorge Lima Barreto, um músico, escritor e importante musicólogo, nascido em vinhais, no distrito de Bragança, que faleceu em Lisboa no dia 9 de Julho de 2011. Lima Barreto criou com Rui Reiniho em 1972, o projecto Anar Band.





V café concerto de EMRC

Pedro Pereira, 8ºA

Ocorreu em Bragança, no dia 13 de Janeiro de 2013, na escola sede do Agrupamento Abade Baçal, o V café concerto organizado pelos professores da disciplina de Educação Moral Religiosa Católica (EMRC) e pela Associação de Solidariedade Juvenil (APISB).

Dice N´Vice, Banda Larga, Navegadores, Jay Five, foram as bandas brigantinas que subiram ao palco e animaram cerca de cem jovens que se encontravam no recinto. Mas a grande surpresa foi a atuação de Maria Francisca Ferreira e Maria Luís Mazeda, que, inesperadamente, cederam aos apelos dos amigos e apresentaram dois temas sem qualquer acompanhamento instrumental.

A atividade, que vai na sua quinta edição, teve o apoio da escola Vamusica (técnico e material) e do Agrupamento de Escolas Abade Baçal. Realiza-se habitualmente em Janeiro, em diferentes espaços como o Mercado Municipal, Santo Contestável, com o objectivo de proporcionar aos alunos momentos de convívio saudável.

Escola ativa

A força da música

Gonçalo Frederico, 12ºA

Ao longo da vida podemos observar como a arte pode transformar as pessoas, dando-lhes muitas vezes uma orientação ou um objetivo na vida. De um modo particular, a música possui uma força gigantesca que pode mover as pessoas a fazer algo realmente grandioso.

Conseguimos ver, ao olhar o passado do nosso próprio país, como a música tem um papel fundamental para nós. Recuando a 1974, 25 de Abril mais precisamente, a Revolução dos Cravos foi, a meu entender, a maior revolução em Portugal que derrubou a ditadura de António de Oliveira Salazar e seus aliados e implantou a 2ª República Portuguesa. Aliada a esta revolução, há uma música, que se tornou um símbolo nacional, Grândola Vila Morena, de Zeca Afonso. Este exemplo demonstra como a música e a força que ela tem pode marcar um momento histórico, neste caso, uma revolução militar. Mas muitas foram as músicas de intervenção que espalharam mensagens de protesto e ajudaram a construir a liberdade.

Continuando ainda em Portugal e folheando agora páginas mais recentes da nossa história encontramos, no ano transato de 2012, a música como um ícone de uma nação representante de um povo que outrora dominou o Mundo desde Terras de Vera Cruz a Macau, passando por Angola e Moçambique e ainda a Índia. Refiro-me ao fado, claro está, reconhecido como património Mundial e Imaterial da Humanidade pela UNESCO. Através da música os países e povos dão-se a conhecer ao mundo.

Em síntese, podemos observar muito facilmente que, enveredando pelos caminhos do nosso próprio passado, conseguimos obter as afirmações de força que a música traz consigo. A música marca os povos e toda a sua história, ajudando e apoiando grandes revoluções determinando ainda eras culturais. Podemos assim dizer que a música é a voz do povo.

Gil Vicente na horta

Inês Geraldes, 8ºA

Os alunos das escolas de Bragança puderam assistir no Teatro Municipal de Bragança à peça "Gil Vicente na Horta", construída a partir de diversos textos do dramaturgo quinhentista, cuja atualidade foi esplorada pela companhia do Teatro Nacional D. Maria II.

O Velho da Horta é uma peça cujo tema central é o amor tardio e as consequências desastrosas desse amor de um velho, que se julga irresistível perante uma jovem inteligente e prudente.

A peça inicia com a apresentação do velho. Este apaixona-se perdidamente, deixa-se levar por um amor imprudente e obcecado por uma rapariga que entra na sua horta para comprar verduras.

São duas visões opostas da realidade: a visão idealizadora do Velho apaixonado e a visão realista da rapariga.

Uma alcoviteira, Branca Gil, ao ver o velho naquele sofrimento promete-lhe a posse da jovem amada e acabará por "roubar ao velho" toda a sua riqueza. Este, desenganado, fica reduzido à pobreza, pois gasta tudo o que tem, deixando desamparadas as suas quatro filhas. O seu arrependimento não mudará nada..

No final entra em cena a Justiça que prende a alcoviteira, mas retira do Velho a esperança de ver realizado tão louco amor. A jovem que motivou tão tresloucada paixão casa- se com um honesto e belo homem.

Sobre Rodas ... para muitas aventuras

Ricardo Silvano, 8ºA

Ocorreu nos dias 13 e 14 de Abril a já aguardada visita de estudo a Póvoa de Lanhoso/Braga. Vários alunos de diferentes escalões de idade participaram na iniciativa promovida pela disciplina de Educação Moral e Religiosa.

Diário de Viagem:

1ºDia -

Depois de uma ansiosa espera de 45 minutos, os dois autocarros partiram rumo à Póvoa de Lanhoso, onde nos esperava o maior parque aventura da Península Ibérica, Diver-Lanhoso.

Na chegada, recebemos instruções que nos indicavam o ponto de encontro e a hora a que deveríamos estar no mesmo.

Eram já duas horas da tarde e depois de pousarmos os pesados sacos de viagem, os monitores dividiram o grupo inicial em dois, um iria fazer escalada e outro faria Slide.

Depois das actividades, esperava-nos um merecido descanso até à hora de jantar, que teve de ser apressado, pois era a noite em que se disputava a final da-Taça da Liga.

De seguida, dirigimo-nos todos a uma Discoteca próxima do restaurante, foram perto de 4 horas de grande diversão.

Quando fomos para os dormitórios era já uma da manhã.

2ºDia –

Acordámos perto das 7.30 da manhã e fomos tomar o pequeno-almoço ao mesmo restaurante onde jantáramos no dia anterior.

Prontos para um novo dia, fomos todos para a principal atracção do evento: o complicado circuito de 38 pontes suspensas.

De seguida fomos almoçar e seguimos viagem de regresso a Bragança com uma pequena paragem no Braga-Parque.

Quando finalmente chegámos eram já 23 horas.

Foram dois dias que nunca esqueceremos.

MOCHECUP na Abade de Baçal

Grupo de Educação Física

No dia 27 de abril de 2013, foi realizado o apuramento para a final da Mochecup no Agrupamento de Escolas Abade Baçal, em Bragança.

Foi uma competição saudável disputada pelos alunos do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal (Escolas Abade de Baçal, Augusto Moreno e Izeda).

As equipas jogaram futebol dentro de um campo insuflável, montado no pavilhão desportivo da Escola Secundária Abade de Baçal. Com o público a apoiar as suas equipas, os nossos pequenos atletas deram o seu melhor.

As grandes vencedoras foram a Escola Augusto Moreno no escalão A (alunos nascidos em 2000/2001) e a Escola Secundária Abade de Baçal no escalão B (nascidos em 1998/199: António Vaz; Dani (Daniel); Francisco Gomes; Ruben Ferreira; Rui Dias; Alexandre Rebelo; Mª Francisca Ferreira; Mª Luís Pereira.

A final está marcada para 15 e 16 de junho, em Lisboa.

Centro Ciência Viva de Bragança

Ciência@Bragança

Robótica aplicada na reabilitação

Ana Afonso e Paulo Leitão, Instituto Politécnico de Bragança

A reabilitação consiste num processo global e dinâmico, orientado para a recuperação física e psicológica da pessoa portadora da deficiência, tendo em vista a sua reintegração social. Aplica-se na presença de sequelas neurológicas, doenças crónicas, aquando da ocorrência de lesões derivadas da gestação ou parto, de acidentes de viação ou de trabalho. Exige a disponibilidade de técnicos especialistas (fisioterapeutas) durante todo o tempo das sessões terapêuticas (em média de 45 minutos) e um técnico para cada paciente de forma a acompanhar todo o processo de recuperação.

A necessidade da realização de exercícios repetitivos e cansativos durante o tempo de recuperação leva à exaustão do fisioterapeuta. A aplicação de robótica na área da reabilitação tem, por conseguinte, como objetivo libertar os fisioterapeutas destas tarefas e delegá-las a robôs. No entanto, a aplicação de robôs requer a diminuição da velocidade máxima dos robôs, a implementação de requisitos estritos de segurança, a utilização de peças e materiais certificados e a implementação de sistemas de paragem de emergência para o paciente e para o operador.

Exemplos deste tipo de aplicações são o robô Lokomat que ajuda pacientes a recuperarem as capacidades motoras, o robô MIT-Manus que realiza exercícios que promovem o movimento das articulações do ombro, do cotovelo e do punho, o exosqueleto robótico ReWalk que auxilia pessoas limitadas a caminhar e subir escadas, e o robô Tocco, em forma de urso panda, dedicado a ajudar pessoas que precisam de fazer exercícios de locomoção ou reabilitação.

No entanto, existem algumas limitações na aplicação de robôs neste domínio. O custo dos equipamentos é elevado e obriga a que exista um equipamento para cada paciente em sessões paralelas. A altura e o peso dos pacientes também podem condicionar a utilização dos robôs, para além de o facto de o robô não possuir a vertente humanística pode provocar receio e desconfiança ao paciente.

Algumas destas limitações podem ser facilmente contornáveis através da implementação de técnicas de inteligência artificial e sistemas sensoriais neurológicos, que capturam as características físicas e psicológicas do paciente, adequando os exercícios às características de cada um. Este avanço tecnológico, associado à capacidade do sistema robotizado colecionar dados do progresso terapêutico do paciente, permite que os médicos e os fisioterapeutas dirijam melhor o tratamento, adaptando-o rapidamente às necessidades e ao progresso de cada paciente.

Curiosidades do uso do SMS

Rui Fernandes, Instituto Politécnico de Bragança

O Short Message Service, que em português significa serviço de mensagem curta, surgiu com o sistema de comunicações móvel de segunda geração e permite a transmissão até 160 carateres. É, hoje em dia, um veículo de comunicação de elevada utilização, tendo já superado as chamadas telefónicas. De acordo com os últimos dados da ANACOM, no terceiro trimestre de 2012, foram enviados, em Portugal, cerca de 7,1 mil milhões de SMSs e, no mesmo período, efetuaram-se 2,1 mil milhões de chamadas para a rede móvel. Este facto pode compreender-se pela simplicidade e facilidade de utilização, conjugada com o baixo custo e a conetividade instantânea introduzida pelo SMS.

Outra forma de olhar para a consolidação do SMS como meio de comunicação consiste em considerar o serviço do ponto de vista do operador. Ao longo do tempo, os operadores tornaram o preço do SMS atrativo, tendo promovido, inclusivamente, pacotes tarifários com um número elevado de SMSs gratuitos, por semana. Na verdade, os operadores puderam estabelecer estas campanhas de marketing agressivas, que contribuíram para a popularização do SMS, dado que, para eles, o custo de envio de um SMS é nulo. A taxação dos SMSs foi, portanto, alterada para um método de angariação/manutenção de clientes, quando inicialmente, se tratava de um serviço disponibilizado aos clientes com o objetivo de gerar receita de forma direta.

O custo de envio nulo explica-se pela forma como os dados são transmitidos nas redes de segunda geração: para além dos canais de transporte de informação (voz ou dados), existem canais de controlo para que o sistema opere convenientemente. Estes canais de controlo transmitem, por exemplo, informação que permite estabelecer corretamente uma nova chamada ou terminar uma chamada atual no sistema. Estes canais, por um lado, são transmitidos periodicamente ao longo do tempo e, por outro, podem ter uma utilização diminuta, dado que a informação de preparação/terminação de uma chamada é muito menor do que a informação relativa à própria chamada. Dessa forma, quando estes canais não têm informação para transmitir, podem ser usados para a transmissão dos SMSs. Assim, não há utilização dos canais de dados e transmitem-se os SMSs nos canais de controlo, em substituição de informação sem significado, que teria de ser transmitida aquando da inexistência da informação de controlo, para garantir a integridade do sistema de transmissão.

promotor co-financiamento
parceiros

branco

adj. 1 que tem a cor da cal, da neve ou do leite; alvo; 2 cândido 3 lívido; 4 claro 5 (cabelo) que tem madeixas brancas 6 bilhete de lotaria não premiado; 7 (literatura) diz-se do verso sem rima; s.m. 1 cor da cal, da neve ou do leite; 2 substância com que se pinta desta cor: 3 pessoa de raça caucásica; ANATOMIA ***branco do olho***, membrana conjuntiva, exterior, do globo ocular, esclerótica; ADIVINHA ***branco é galinha o põe*** - Coisa fácil de adivinhar; ***arma branca*** - Arma constituída por uma lâmina de aço cortante e pontiaguda; ***de ponto em branco*** - Impecável, muito bem apresentado; ***estar em branco*** - Não conhecer o assunto; ***ficar branco como cal*** - Ficar lívido (de medo ou susto); ***ficar em branco*** - Não entender, não pontuar num jogo; ***lição em branco*** - Lição por estudar; CULINÁRIA ***molho branco***- creme feito de farinha, leite, manteiga e limão; ***passar a noite em branco*** - Passar a noite sem dormir; pôr o preto no branco - Esclarecer o assunto; ***votar em branco*** - Colocar na urna um boletim de voto não preenchido. Do germânico blank, "brilhante; branco"

Tive uma BRANCA...

Ter uma branca é um dos maiores medos dos estudantes e este medo aumenta à medida que os anos de escoaridade avamçam e os testes adqueirem um peso cada vez maior.

Se num teste a situação é grave e angustiante, pior se torna numa exposição oral ou em situação de exame.

O que fazer? Os alunos dizem que se houvesse solução, as brancas não existiam, que não é fácil evitá-las, mas que há algumas estratégias para as minimizar:

- preparar bem a matéria;
- descansar bem antes do teste, oral ou exame;
- ensaiar as provas orais com colegas ou adultos;
- tentar descontrair um pouco antes do teste;
- ler bem as perguntas e avançar para outra quando há uma que não se compreende ou não se sabe.

Miscelâneas brancas

Guilherme Moreira, 8ºA

Na culinária, sempre que misturamos diversos ingredientes surge algo novo. Na ciência acontece o mesmo, é o caso da luz branca, do ruído branco e do cheiro branco.

A luz é uma onda eletromagnética cujo comprimento de onda se enquadra num intervalo dentro do qual o olho humano é sensível. No caso específico da luz o que a caracteriza é a intensidade (brilho) e a frequência (cor). Quando várias frequências (de várias cores) se sobrepõem formam uma única cor que é a branca (luz branca). Podemos observar as cores que constituem a luz branca através de um prisma.

O som faz parte do mundo onde vivemos e ninguém se imagina a viver num completo silencio. Usamos o som para comunicar uns com os outros e para percebermos o que se passa à nossa volta. O som é uma onda mecânica (onda longitudinal)com diversas frequências, ao contrario das ondas eletromagnéticas as ondas mecânica precisam de meios materiais para se propagarem (sólidos , líquidos ou gasosos não se propagando no vácuo) as ondas eletromagnéticas não precisam de meio material para se propagarem. Quando duas pessoas falam ao mesmo tempo o nosso cérebro consegue "escolher" qual delas é quer ouvir. Quando por exemplo 1000 frequências (neste caso , sons) se sobrepõem o nosso cérebro não consegue escolher qual quer ouvir surge assim o "Ruído Branco".

Os cientistas, baseando se nos princípios da luz branca e do ruído branco misturaram vários cheiros de forma a criar um "cheiro branco" em que não se conseguia distinguir nenhum dos seus constituintes. Após experiencias os voluntários disseram que se tratava de um cheiro que não é desagradável nem agradável era simplesmente diferente e desconhecido.

O fascínio da Lua

Adriana Pires, 12ºA

Pensa-se que a lua, astro que orbita em torno da Terra, terá tido origem num fragmento do nosso planeta que se desagregou há milhares de anos e desde então se tornou um elemento comum repleto de simbolismo e presente nas mais diversas formas de arte.

Este astro é associado a diversos fenómenos, é o causador da origem das marés por ação da força gravítica que exerce nas massas de água. Diz-se que as suas fases têm influência no desenvolvimento das crianças, dos animais, das plantas e das culturas, diz-se que influencia o humor das pessoas e é frequentemente associada a cenários apaixonados em noites românticas conferidas pela suavidade da sua luz. O fascínio por ela terá surgido devido à sua luz branda capaz de iluminar a escuridão noturna numa altura anterior à invenção da eletricidade. Este satélite natural transmite uma sensação de calma suavizando todos os contornos do que ilumina, sendo talvez essa a razão do mistério, e ao mesmo tempo da paixão, que a lua tem provocado na humanidade.

A lua deu também origem a várias expressões como aluado, lunático, andar na lua, estar com a lua, lua-de-mel. Tornou-se uma presença assídua e relevante em vários poemas, quadros e músicas, por conferir a estes a calma e o silêncio tão característicos da luz lunar.

Esta rocha que nos acompanha e ganha destaque no céu estrelado foi impulsionadora de um dos maiores sonhos da humanidade que foi concretizado em 1969 por Neil Armstrong quando pisou pela primeira vez o solo lunar.

Quando a tradição ainda é o que era

Ana Sofia Lourenço e Margarida Praça, 8ºA

Casamento é frequentemente associado ao branco e com razão, já que esta cor surge nestes eventos com bastante regularidade no vestuário da noiva, no bolo, no buquê, arroz lançado à saída da igreja…

Por isso, se coloca a questão sobre o motivo da preferência por esta cor e a origem desta tradição.

O casamento, enquanto ato oficial, apareceu na Roma Antiga, os primeiros casamentos ocorriam por livre vontade da mulher, situação que não demoraria muito tempo a mudar, pois os casamentos por conveniência familiar, patrimonial social e económica marcaram toda a Idade Média e parte da Moderna, não estando, ainda completamente eliminados atualmente.

Veja-se o que ocorre com algumas das casas reais da Europa, em que a escolha pessoal do noivo/noiva gera polémica por este/esta não se enquadra no perfil considerado adequado.

Quanto ao vestido branco, parece que a primeira vez que foi usado foi no século XIX, em Inglaterra, aquando do casamento da rainha Vitória com o seu primo, o príncipe Albert.

Já o véu é bem mais antigo. A sua origem pode ser encontrada na antiga Grécia…A idade média trouxe à noiva um novo elemento: O buquê, que em algumas culturas é lançado durante o copo de água para ser apanhado pela jovem que será, por isso a próxima a contrair matri,mónio. Os gregos acreditavam que a noiva, ao tapar a face, ficava protegida do mau-olhado das mulheres e da cobiça dos homens. Tinha ainda um significado especial para a mulher: separava a vida de solteira da vida de casada.

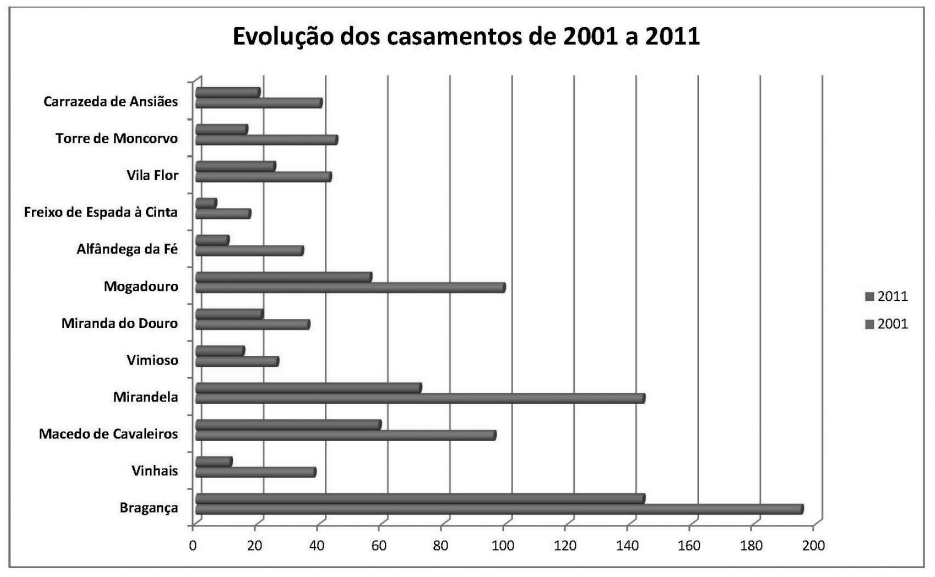
Outro objecto associado a este evento é a aliança. Esta representava para os Egípcios a eternidade, tal como o amor, que deveria ser eterno. Também os Gregos, após a celebração do casamento, utilizavam anéis de íman no dedo anelar da mão esquerda, acreditando que, por esse dedo, passa uma veia que vai direta ao coração.

O motivo da noiva ficar sempre do lado esquerdo do seu noivo parece ter origem nos anglo-saxões e em épocas mais turbulentas. Já atirar grãos de arroz sobre os noivos, após a cerimónia nupcial, teve origem na China, onde um Mandarim quis mostrar a sua riqueza, fazendo com que o casamento da sua filha se realizasse sob uma "chuva" de arroz. Nesta cultura o arroz representa a riqueza.

O bolo da noiva teve origem no tempo dos Romanos. Este é, desde há séculos, um símbolo de boa sorte e de festividade. O noivo pousa as mãos sobre as da noiva para segurar a faca, procedendo juntos ao primeiro corte do bolo o que, simboliza partilha e união.

Mas nem tudo são rosas nesta história. Esta tradição serviu também de alimento à tendência social para julgar os outros e a opção por um vestido de outra cor ou a ausência de véu conduzia a comentários e suposições relativamente à pureza da noiva, situação que o tempo se encarregou de corrigir.

O casamento nos últimos 10 anos



Fonte: Pordata

Nos últimos tempos, a liberalização dos costumes e as alterações ocorridas nos relacionamentos sociais tornaram o casamento opcional quando os casais querem partilhar a sua vida.

A crise poderá acentuar ainda mais esta tendência, face ao custo que o evento tem.

Observando a evolução do número de casamentos num período de dez anos (2001-2011) podemos constatar que os casamentos diminuiram consideravelmente no ano 2011 em relação ao de 2001, no distrito de Bragança, embora existam algumas exceções em alguns concelhos.

Destacam-se, assim, algumas regiões onde a diminuição foi mais acentuada:

Vinhais: 71,1%, seguida de alfândega da fé: 70,6%, Freixo de espada à Cinta com 64,7% e por fim Torre de Moncorvo: 64,40%, Carrazeda de Ansiães e Mirandela com 50%, depois Vimioso com 42,3%, Vila Flor 41,9% e por fim Miranda do Douro com 41,7%.

De referir que em Bragança e em Macedo de Cavaleiros, com 26,2% e 38,5%, respetivamentea diminuição não foi tão acentuada, o que poderá resultar do facto destes dois concelhos perderem menos população do que os restantes nos últimos anos.

Fumo branco: Habemus Papam!

Aquando da eleição de um papa, por falecimento ou renúncia do anterior, os cardeais reúnem-se, em conclave (do latim cum clave, que significa com chave) na Capela Sistina, sem comunicação com o mundo exterior até que um deles seja eleito o novo chefe da Igreja. Na hora da votação, cada cardeal coloca o seu voto num boletim que depois deposita numa bandeja de prata. Depois de todos terem votado contam-se os votos em voz alta para que não haja dúvidas de que os votos contados correspondem ao total de cardeais eleitores. De seguida faz-se um segundo escrutínio lendo-se, agora, os nomes inscritos em cada boletim. Finalmente, após todos os votos estarem escrutinados, os boletins de voto são furados e cosidos, um a um, com agulha e linha e, quando todos estiverem cosidos são depositados num vaso de vidro.

Para anunciar o resultado das votações aos milhares de pessoas que aguardam na Praça de São Pedro pelo novo Papa, queimam-se os boletins de voto para que os mesmos originem fumo que sairá por uma chaminé instalada na Capela Sistina para esse propósito. Se o fumo for negro significa que a votação terá de ser repetida pois ainda não se chegou a consenso. Para se conseguir um fumo negro adicionam-se aos papéis substâncias químicas como o perclorato de potássio e o enxofre. Caso a votação revele uma maioria significa que o papa foi eleito e será branca a cor do fumo a sair da chaminé. Neste caso, aos boletins são adicionadas substâncias como o clorato de potássio, a lactose e uma resina de cor âmbar.

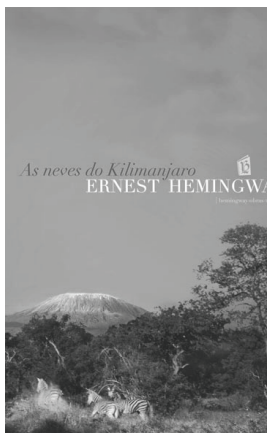
Estes e outros rituais, referentes a uma eleição papal, são descritos no livro "Anjos e Demónios" de Dan Brown. Deixamos dois excertos para aguçar o apetite de quem ainda não leu! Quem sabe não é uma boa sugestão para as férias!

"Pegou o fio com todas as fichas de voto presas, amarrou as pontas formando um anel que depositou numa bandeja de prata. Acrescentou os produtos químicos devidos e levou a bandeja até uma pequena lareira atrás de si. Ali, pôs fogo nos papéis. Quando estes se queimaram, os produtos químicos que ele utilizara criaram um fumo negro. O fumo subiu por um tubo até uma abertura no telhado, de onde se espalhou acima da capela para todos lá fora verem. O cardeal Mortati acabara de enviar sua primeira comunicação ao mundo exterior. Uma primeira votação. O Papa não fora escolhido."

"- Ao vivo da Cidade do Vaticano - anunciou Glick no momento certo -, aqui é Gunther Glick, para o noticiário da BBC. - Deu um olhar solene para a câmara, com o fumo branco da Capela Sistina subindo atrás dele. - Senhoras e senhores, agora é oficial. O cardeal Saverio Mortati, um progressista de 79 anos, acabou de ser eleito Papa na Cidade do Vaticano."

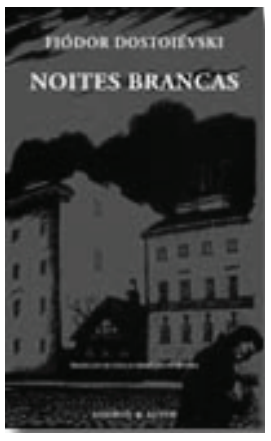
Dan Brown in Anjos e Demónios

Para quem um livro não basta



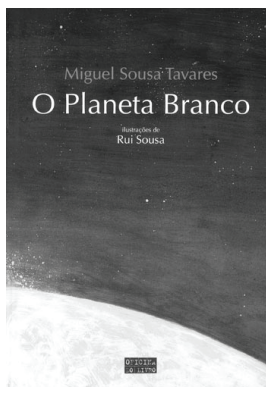
As neves do Kilimanjaro
Ernest Hemingway
Ed. Livros do Brasil

"Kilimanjaro é uma montanha coberta de neve, a 6.000 metros de altitude, e diz-se que é a montanha mais alta da África. O seu pico ocidental chama-se 'Ngàge Ngài', a Casa de Deus. Junto a este pico encontra-se a carcaça de um leopardo. Ninguém ainda conseguiu explicar o que procurava o leopardo naquela altitude." No conto que dá o título a esta obra, um escritor luta contra a morte, enquanto reconstitui, mentalmente e ao longo do diálogo com a mulher, episódios do passado. Ao fundo a montanha e a fauna que guarda e ameaça o casal, que aguarda uma camioneta que os tire do local onde uma avaria os deixou.



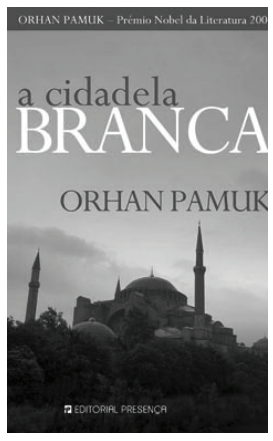
Noites Brancas
Fédor Dostoievski
Ed. Europa-América

O herói de Noites Brancas "não é só um romântico lamechas, mas uma "aberração" social, como o próprio autor (em Crónicas de Petersburgo, 1847) explica: não podendo o homem encontrar o seu lugar no mundo, "(...) nos caracteres ansiosos da actividade, mas fracos, femininos, ternos, nasce a pouco e pouco aquilo a que se chama 'sonhadorismo', e o homem deixa de ser homem, torna-se uma espécie esquisita... — o 'sonhador' (...). A pouco e pouco, o nosso rebelde começa a alienar-se dos interesses comuns e, gradualmente, imperceptivelmente, começa a embotar-se nele o talento de viver na vida real." É assim o herói de Noites Brancas, mergulhado na sua trágica solidão." (do editor)



O Planeta Branco
Miguel Sousa Tavares
Oficina do Livro

"Três astronautas partiram do coração de África na tentativa de encontrar água num outro planeta – Orizon S-3. A certa altura, uma força estranha começou a puxar a Ítaca 3000 desviando-a assim da rota correcta. Não conseguindo encontrar a rota certa, foram também perdendo o contacto com a Terra. Desorientado, Lucas ordenou que tomassem um comprimido para morrerem. Mas não resultou, acordaram mais velhos trinta anos. Estavam num planeta desconhecido e no computador de bordo dizia:"Bem-vindos ao planeta Branco, desçam pois o ar é respirável"



A cidadela branca
Orhan Pamuk
Ed. Presença

"Viajávamos de Veneza para Nápoles quando os navios turcos nos entravaram o caminho. A nossa frota contava apenas três barcos, ao passo que as galés que surgiam da bruma se sucediam sem fim. O medo e o desvario depressa se apoderaram do nosso barco, os galeotes, turcos ou magrebinos na maior parte, lançavam gritos de alegria, o que nos abalou ainda mais o ânimo"
Assim começa o livro que o prémio nobel da literatura de 2006 nos oferece e que nos conduz numa viagem pela existência humana, através do percurso de dois homens - O aprendiz e o mestre - Numa permanente procura da resposta à pergunta "Quem sou eu".

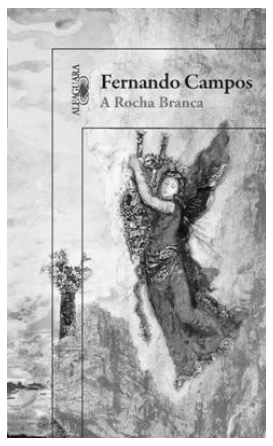
Sombras da Noite Branca
Sandra Carvalho
Ed. Presença

Livro VIII da "Halvard, o Filho do Dragão, espera ansiosamente a chegada da Noite Branca para assimilar o Conhecimento Absoluto. Quase todos os seus inimigos foram destruídos: apenas o rei Ivarr do povo viquingue, os Guardiães das Lágrimas do Sol e da Lua e os Sacerdotes dos Penhascos ainda resistem. Entretanto, a guerreira Kelda da Montanha Sagrada está pronta para se tornar mestra da Arte Obscura. Mas terá Kelda a determinação necessária para cumprir a missão que a Pedra do Tempo lhe atribuiu? Ou cederá ela à tentação do poder e abrirá o seu coração às sombras da Noite Branca?"

A cegueira branca, segundo José Saramago

"O cego ergueu as mãos diante dos olhos, moveu-as, Nada, é como se tivesse caído num mar de leite, Mas a cegueira não é assim, disse o outro, a cegueira dizem que é negra, Pois eu vejo tudo branco." (...) Chegara mesmo ao ponto de pensar que a escuridão em que os cegos viviam não era, afinal, senão a simples ausência de luz, que o que chamamos cegueira era algo que se limitava a cobrir a aparência dos seres e das coisas, deixando-os intactos por trás do seu véu negro. Agora, pelo contrário, ei-lo que se encontrava mergulhado numa brancura tão luminosa, tão total, que devorava, mais do que absorvia, não só as cores, mas as próprias coisas e seres, tornando-os, por essa maneira, duplamente invisíveis" (p. 13-16)"

E assim começa o incrível romance de Jo´se Saramago que explorando a metáfora da cegueirta transporta o leitor para uma análise contundente da sociedade contemporânea.
Uma epidemia põe à prova o homem, a sua humanidade, a sua relação com o outro, os seus valores. E ele falha. Cego, é incapaz de olhar o outro, de decidir em função de um bem comum ou de racionalmente se reorganizar numa sociedade justa e equilibrada.
E o mal alastra desesperando o único ser humano que não cegou, a clarividente mulher do médico, consolada por um cão, que, por não estar cego, é capaz de um ato de forte humanidade: a compaixão pelo sofrimento do outro e a necessidade de o compensar.
E um dia, inesperadamente como no início, os cegos voltam a ver. Mas só aparentemente: "Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem." (p.310)



A Rocha Branca
Fernando Campos
Ed. Alfaguara

Com o rigor histórico. linguístico e narrativo habitual, Fernando Campos conduz-nos numa viagem até à Antiguidade Clássica protagonizada pela poetisa Safo de Lesbos, cuja entrega ao amor só a morte interrompe. Leucade é o local onde acaba o sofrimento que o amor por Fáon provoca. É uma morte branca, sugerida pela cor das pedras que dá nome à ilha (leukós significa branco).

"quando vires a rocha a gemer e a fronte brotar água puríssima, na montanha sagrada de Mitilene, saberás, forasteiro, que aqui repousam as cinzas e estas são as Lágrimas da imortal Safo, e guarda Em teu coração para com ela um Pensamento piedoso"
(epitáfio no túmulo de Safo)

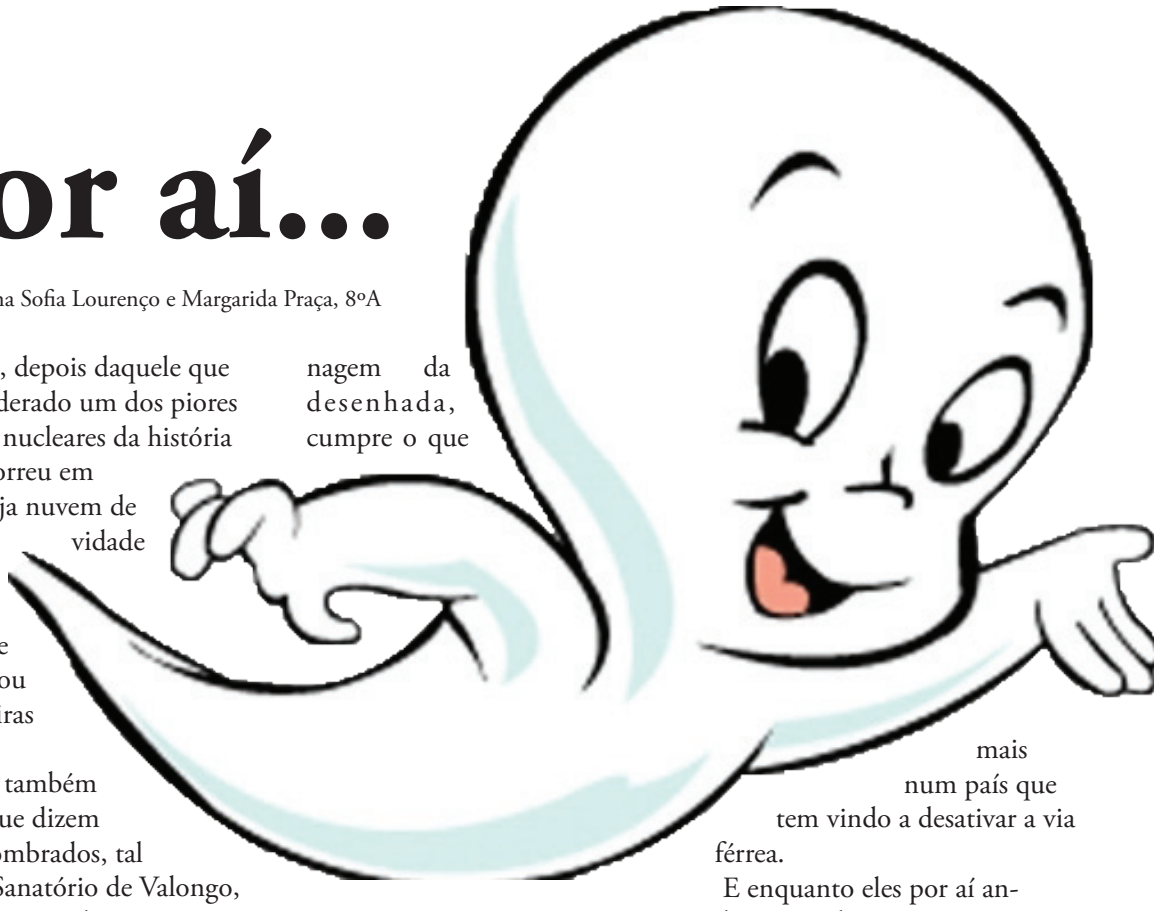
O Silêncio

Magda Marabujo, 12ºC

O silêncio não implica que se deixe de aprender; muito pelo contrário, ele incita ao conhecimento.
Hoje em dia, há casos em que, acidentalmente ou repentinamente, as pessoas perdem um dos sentidos, a audição, a visão ou, até, a fala. Estas são muitas vezes consideradas incapacitadas e, por isso, são desprezadas e ignoradas. Porém, nunca se deverá ter tal atitude, porque apesar dessa pessoa ter uma limitação, não significa que seja impotente, já que perdeu uma capacidade, mas desenvolveu outros. Já se dizia que "Há males que vêm por bens".
Há, na verdade, um músico que comprova bem o referido anteriormente. Beethoven era um compositor e músico que, numa determinada época da sua vida, ficou surdo. Após este terrível acontecimento, toda a gente pensou que a sua carreira "estaria acabada", porém, não foi, de longe, o que sucedeu. Beethoven, depois do ocorrido, tornou-se ainda mais admirado, pois continuou a compor. " A quinta sinfonia" é um exemplo de uma obra sua, criada após a perda da audição.
Segundo um estudo realizado por uma universidade portuguesa, na maior parte dos casos de perda de uma capacidade por parte de alguém é evidenciada uma grande evolução mental. Por exemplo, na América foi feita uma experiência em que foram analisados pessoas que perderam a audição e verificou-se que essas adquiriram uma capacidade acima do normal, em algumas áreas.
Em conclusão, o silêncio é uma arma que pode ser benéfica, como vimos. Por isso, devemos lutar para tirar o maior partido dele.

Eles andam por aí...

Ana Sofia Lourenço e Margarida Praça, 8ºA



Desde o início da história da humanidade que os fantasmas povoam o mundo imaginário, sendo geralmente associados ao medo, ao sobrenatural, ao inexplicável e a algo que desafia a ciência.

O fascínio que eles exercem motiva muitos criadores do mundo do teatro e do cinema, que os introduzem nas suas obras. O musical "Fantasma da Ópera", bastante conhecido, que retrata a história de um homem que sofreu um acidente, no qual ficou com a cara desfigurada e se esconde no seu teatro; o filme "O Escritor Fantasma", de 2010, dirigido por Roman Polanski, a partir do livro de Robert Harris, no qual um escritor, incumbido de escrever as memórias do presidente do seu país, aparece misteriosamente morto,; o "Submarino fantasma" de Todd Robinson, que decorre na época da Guerra Fria; "Os caça-fantasmas", de Ivan Reitman, cuja terceira parte está prevista para 2014, 30 anos depois da estreia do primeiro filme da saga, são alguns deles. Esta ideia de caçar fantasmas é antiga. Um dos primeiros caçadores de fantasmas terá sido Joseph Glanvill, que, no século XVII, investigou a atividade fantasmagórica nas Ilhas Britânicas. No mesmo século, também Friedrich Nicolai se interessou pela para-normalidade, tendo escrito o livro "Memória da Aparência de Espectros ou Fantasmas Ocasionada por Doença", que inclui várias experiências com a para-normalidade e proposta de cura desta doença. Este interesse fez surgir um grupo de estudo - Sociedade de Fantasmas, cujo nome mudou mais tarde para Sociedade para Pesquisa Psíquica, fundada em 1882, em Londres, e que ainda hoje existe, em diversos países, com o objetivo de investigar fenómenos psíquicos invulgares. Esta "caça aos fantasmas" levou ao desenvolvimento de equipamentos cada vez mais eficazes nesta área e guias de procedimento para assegurar o sucesso da missão.

Os fantasmas fascinam, ainda, os pintores e poetas. William Blake é autor do quadro "fantasma de uma pulga" elaborado entre 1819 e 1820, na sequência de uma visão fantasmagórica. Blake parece ter visto uma vez um fantasma, quando se encontrava numa noite à porta do seu jardim. Terá olhado para cima e visto uma sinistra figura manchada, escamosa e muito horrível. Esta história poderá não ser verdadeira, mas a verdade é que nas suas pinturas deu frequentemente formas humanas a coisas abstratas. Cecília Meireles invoca um fantasma num poema e pergunta-lhe para onde vai (ver caixa), e Enid Blyton presenteou os seus leitores com uma aventura "Os Cinco e o Comboio fantasma", na qual os jovens vencem o medo que inicialmente o comboio lhes provoca e desvendam o motivo daquelas viagens.

Associados a fantasmas existem também cidades, quartos, viagens, submarinos, ameaças, ciclos de cinema e até votos fantasma.

"A cidade de Chernobil", na altura pertencente à União Soviética e que atualmente faz parte da Ucrânia, é uma das cidades fantasma, depois daquele que foi considerado um dos piores desastres nucleares da história e que ocorreu em 1986, cuja nuvem de radioatividade causou um impacto que ultrapassou as fronteiras do país.

Existem também lugares que dizem estar assombrados, tal como o Sanatório de Valongo, no qual muitas das pessoas que o visitaram dizem observar figuras que saem do padrão normal, ou lendas urbanas, como a de Sintra, em que um fantasma feminino pede boleia a um grupo de jovens, que acaba por ter um acidente. Esta é uma situação comum em muitos lugares desertos, com ar abandonado, sobretudo casarões. Por isso os parques temáticos possuem habitualmente "mansões assombradas", diversão muito requisitada, apesar do medo que causa.

O quarto fantasma, também conhecido por "quarto escuro" é uma brincadeira, no qual uma pessoa fica a contar do lado de fora do quarto e os outros com as luzes apagadas escondem-se, mas é também o nome de uma banda lisboeta, cujo lançamento do primeiro álbum "A Sombra", foi assinalado por um concerto na Associação Fantasma Lusitano, no Bairro Alto em Lisboa.

Apesar do seu caráter lúdico, a brincadeira provoca algum receio, sobretudo nas crianças que, através dela, desafiam o próprio medo. Menos assustador é o famoso Gaspar, personagem da desenhada, cumpre o que os seus amigos.

Divertido é também o famoso "jogo do copo", no qual se convocam fantasmas para obter respostas (habitualmente SIM/NÃO), que atravessa gerações e mostra o fascínio que a presença dos fantasmas cria

A palavra é ainda muitas vezes usada em sentido metafórico para designar a ausência de alguma coisa, o que remete para a ideia de invisibilidade associada a estas figuras: voto fantasma, quando as falsificações permitem que até os falecidos votem; viagem ou negócio fantasma, uma forma de obter dinheiro sem que o fim ao qual se destina exista; a dor do membro fantasma, criada no cérebro após a amputação; "publicidade fantasma" produzida apenas com a intenção de vencer concursos/ festivais e sem nenhum vínculo oficial com a marca utilizada; linhas e comboios fantasma, cada mais num país que tem vindo a desativar a via férrea.

E enquanto eles por aí andarem, podem sempre ser captados por um olhar, uma câmara…

Fantasma

Para onde vais, assim calado,
de olhos hirtos, quieto e deitado,
as mãos imóveis de cada lado?

Tua longa barca desliza
por não sei que onda, límpida e lisa,
sem leme, sem vela, sem brisa...

Passas por mim na órbita imensa
de uma secreta indiferença,
que qualquer pergunta dispensa.

Desapareces do lado oposto
e, então, com súbito desgosto,
vejo que teu rosto é o meu rosto,

e que vais levando contigo,
pelo silêncioso perigo
dessa tua navegação,

minha voz na tua garganta,
e tanta cinza, tanta, tanta,
de mim, sobre o teu coração

Cecília Meireles

Anjos - a procura do bem

Marta Genésio, 8ºA

Anjos são criaturas espirituais que servem como ajudantes ou mensageiros de Deus e que também podem ser considerados Seus escravos.

São representados geralmente com asas de pássaro e uma auréola e a eles se associa uma beleza delicada e um forte brilho. Por vezes, são representados como uma criança, por estarem associados à inocência e virtude.

Os relatos bíblicos contam que os anjos muitas vezes foram autores de fenómenos miraculosos, e a crença corrente nesta tradição é que uma de suas missões é ajudar a humanidade no processo de aproximação a Deus.

Os muçulmanos ,espíritas, hindus e budistas, todos aceitam a sua existência, dando-lhes variados nomes, mas às vezes são descritos como tendo características e funções bem diferentes daquelas apontadas pela tradição judaico-cristã.

Existem vários tipos de anjos, entre eles os serafins que são os anjos que se encontram mais perto de Deus, os querubins que são guardiões do Jardim do Éden desde que Eva e Adão foram expulsos , os Tronos são os símbolos da autoridade divina e da humildade, e da perfeita pureza, livre de toda contaminação, os anjos da guarda são anjos que são enviados por Deus no nosso nascimento para nos proteger durante toda a vida, entre outros.

Mais terrenos e materiais são grupos musicais, que adotaram o nome de Anjos, filmes e livros que os incluem como personagens ou que comparam a bondade e beleza das suas personagens a estes seres: "os Anjos de Charlie"- as belas detetives que usam as suas artes no combate ao crime; "Anjos e demónios" - metáforas de bem e mal; "A cidade dos Anjos"- em que um anjo é colocado no dilema de decidir entre a imortalidade e o amor, "Auto da Barca do Inferno", em que GilVicente apresenta um Anjo com a função de dar ás almas que o procuram o veredicto final que determina a sua última morada.

E ainda uma cidade: Los Angeles.

Toponímia Branca

Guilherme Moreira, 8ºA

Dar nomes seja a pessoas, lugares ou animais, é uma atividade inerente ao homem, que individualiza os elementos, apesar de os nomes se poderem repetir. O nome é uma parte fundamental do bilhete de identidade de cada um e raramente é escolhido ao acaso. Por isso, se pode falar em laços afetivos entre a pessoa e o objeto nomeado. Uma espécie de topofilia.

O lugar transporta, por isso, consigo as características do nome que tem e/ou daquele que lho atribuiu. Estas incluem a sua especificidade, a relação que estabelece com outros espaços, povos e a sua própria história, a sua localização no espaço e, até, a ligação a lendas relacionadas com ele ou com elementos a ele associados.

Topónimo é o termo que, hiperonimicamente, designa estes nomes. Um topónimo (topos + ónimo) identifica um lugar, bastando a sua citação para que imediatamente um indivíduo ou coletividade crie uma visualização mental associada. A transmissão de um nome, de uma geração a outra, figura como uma transmissão de valores culturais, históricos e geográficos, configurando-se como uma tradição que vem do passado e influencia o presente.

Rios, mares, montanhas, promontórios, cidades, lugares, casas são definitivamente ligados ás características que um nome lhes fornece. Foi o que aconteceu com o Nilo Branco, o Mar Branco, o Monte Branco e o Cabo Branco, topónimos que têm em comum a cor que os individualiza, contribuindo para a sua unicidade.

O **Nilo Branco** é um dos três grandes afluentes, que em conjunto com o Nilo Azul e o rio Atbara formam a bacia hidrográfica do rio Nilo. A sua bacia hidrográfica possui uma área de 3 349 000 km2 passando pelo Uganda, Tanzânia, Ruanda, Quénia, República Democrática do Congo, Burundi, Sudão, Sudão do Sul, Etiópia e Egito. A sua nascente é em "Nyungwe National Park" do Rwanda . O Nilo Branco situa-se entre Malakal e Cartum, este recebe as águas do Nilo Azul, oriundo dos altos planaltos da Etiópia, e a 322 km a Norte de Cartum o Nilo recebe o seu último grande afluente, depois, a partir de Assuão o vale alarga até se atingir o Delta, desaguando no Mar Mediterrâneo.

Antes de passar no Sudão, onde recebe sedimentos pretos que o escurecem, a cor das suas águas é cinzento claro, o que se deve ao sedimento claro que transporta. Deste facto advém o seu nome, distinguindo-se do Nilo Azul, cujo nome advém da cor escura provocada pelos sedimentos.

O **Mar Branco** é um braço do mar de Barents na costa noroeste da Rússia. É rodeado pela Carélia a Oeste e pela península de Kola ao Norte. O golfo de Kandalaksha forma o canto noroeste do mar Branco, sendo um dos quatro grandes golfos e baías deste mar, em conjunto com a baía de Onega (sudoeste), a baía do Dvina (sul), e a baía de Mezen (sudeste).

O mar Branco e o mar Báltico estão conetados pelo canal Mar Branco-Mar Báltico (em Belomorsk há a junção do canal e do mar Branco). O maior arquipélago do mar é o das Ilhas Solovetski.

A totalidade do mar Branco encontra-se sob soberania russa, isto é, as suas águas são consideradas internas à Rússia. O seu nome parece dever-se ao gelo que o rodeia e que sugere a presença de um enorme manto branco.

O **Monte Branco** é a mais alta montanha dos Alpes e da União Europeia, atingindo uma altitude de 4810 m, embora possa variar um pouco de ano para ano, em função das condições atmosféricas, e é o primeiro dos cumes dos Alpes com mais de 4000 m.

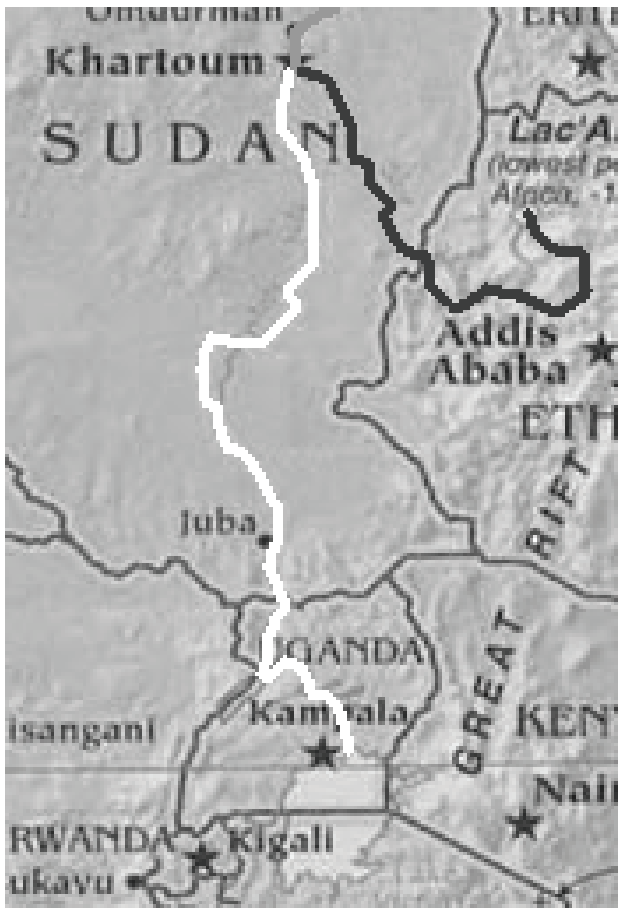
O monte Branco é a maior montanha do maciço do Monte Branco e faz parte da divisória de águas entre o mar Adriático e o mar Mediterrâneo.

A altitude máxima do Monte Branco estava de há muito estabelecida em 4807 m, mas medições feitas através do Sistema de Posicionamento Global em 2001 e 2003 mostram uma variação de vários metros de ano para ano, devido às flutuações, provocadas por diferentes condições atmosféricas, na espessura do glaciar que cobre o cume. Essa espessura das neves eternas que recobrem o monte desde a sua meia encosta até ao cimo varia de 15 a 23 metros.

De notar que o Monte Branco é o mais alto pico da Europa Ocidental. Se se considerar que a Europa se estende até ao Cáucaso, conforme a visão geopolítica do Conselho da Europa e as definições das fronteiras dos continentes, aí se encontram oito picos de altitude superior, sendo o Monte Elbrus, na Rússia, com os seus 5642 m, o mais alto de todos.

O **Cabo Branco** fica situado na costa atlântica do Norte de África, na fronteira entre a Mauritânia e o Saara Ocidental, a aproximadamente 21º de latitude Norte. O cabo, que dá nome à península da qual é a extremidade, deve o seu nome aos rochedos brancos que foram avistados pelo seu descobridor, cujo nome se desconhece apesar de se saber que é português, em 1441.

A dúvida em relação ao nome resulta da variedade de informações existente: Gomes Eanes de Zurara, na Crónica da Conquista e Descobrimento da Guiné, refere ter sido Nuno Tristão a descobrir o cabo; Diogo Gomes, na Relação do Descobrimento da Guiné, aponta como autores Gonçalo de Sintra e Dinis Dias; para outros ainda, teria sido Antão Gonçalves. O historiador Vitorino Magalhães Godinho propôs que Nuno Tristão teria apenas avistado o cabo, mas a tarefa de o dobrar teria sido efetuado pelos dois últimos navegantes, ainda no mesmo ano ou no seguinte.



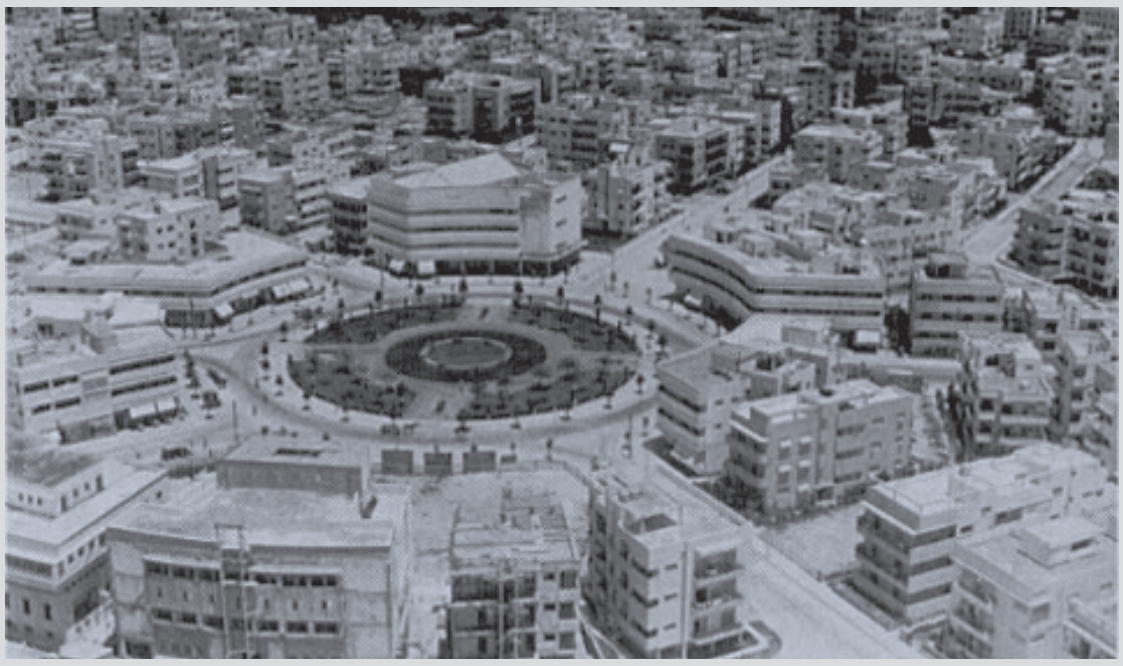
Cidade Branca

Parte de Tel Aviv foi, na primeira metade do século XX, construída segundo o estilo arquitetónico designado por Bauhaus - estilo criado na Alemanha após a primeira guerra mundial.

Esta área recebeu o nome de "cidade branca"e devido à sua arquitetura tornou-se um grandioso museu Bauhaus ao ar livre, fez com que a cidade entrasse na lista das cidades históricas a visitar e se tornasse património mundial declarado pela UNESCO.

Os prédios são simples, brancos e quadrados, com janelas amplas e uma conjugação agradável de várias formas geométricas nas janelas e varandas.

Bem mais próxima, acessível e bela está a cidade branca portuguesa - Lisboa, que deu título a um filme, de 1982, realizado pelo cineasta suiço, Alain Tanner, e produzido pelo português Paulo Branco, no qual se evidencia, através da câmara da personagem - um marinheiro recém chegado à capital portuguesa - o fascínio que a cidade exerce sobre os estrangeiros e para o qual contribui a sua brancura e luz.



Vista da parte de Tel Aviv designada por Cidade Branca, com o estilo arquitetónico que a caracteriza, Bauhaus.

Esta designação integra o título escolhido pela Time, em 2012, num texto que sugere Lisboa como destino turístico: "cidade branca imponente". Esta classificação, apesar de usada em muitos sítios e textos está longe de ser consensual, sobretudo por apagar a variedade cromática que é uma testemunha da história da cidade desde a influência muçulmana e da romana à reconstrução pombalina ou, mais recentemente, à ousadia da .arquitetura contemporânea. O artigo "A cor da Lisboa", publicado em http://www.arcadedarwin.com/2012/12/28/a-cor-de-lisboa/, mostra de forma clara e sucinta esta evolução.

Capa do DVD do filme "A cidade Branca", que tem como cenário Lisboa

Minas de Talco

Marta Genésio e Duarte - 8ºA

No mundo mineral encontramos um vasto número de elementos brancos. São exemplos de minerais desta cor, a moscovite (mica branca), a prata, a halite (sal-gema), a ortóclase ou feldspato, a barite, o quartzo leitoso, a celestite, a anglesite, a epsomite, a carnalite, a dolomite, a caulinite, a albite e o talco.

Este último, também conhecido por esteatite, é um filossilicato de brilho nacarado a gorduroso, risca branca e de baixa dureza (1 na escala de Mohs), pelo que é conhecido também por pedra sabão. Esta característica permite-lhe ser um mineral muito usado na manufatura de objetos de arte. O talco é ainda utilizado no fabrico de materiais de isolamento térmico e elétrico, cerâmicas, lubrificantes, tintas, papel, borrachas, plástico, produtos farmacêuticos e cosméticos e, claro, pó de talco.

No distrito de Bragança existem quatro minas de talco. A saber: mina das sete fontes (Gondesende - Bragança), mina da Pena Maquieira (Soeira – Vinhais), mina de Mourisqueiro (Macedo de Cavaleiros) e mina de Vale da Porca (Vale da Porca). Contudo, a baixa cotação destes minerais e a ausência de renovação tecnológica dos processos de exploração que se baseavam, essencialmente, na mão de obra, foram ditando, ao longo dos tempos, o encerramento e abandono destas explorações.

Minas de Talco das Sete Fontes, em Gondesende, no Concelho de Bragança

Fósforo Branco

Marta Genésio, 8ºA

O fósforo branco é uma forma alotrópica (*) do fósforo. É uma substância muito venenosa e que deve ser mantida sob a água devido à sua propriedade de inflamar-se espontaneamente em contacto com o ar. A utilização indevida do fósforo branco pode causar queimaduras graves na pele e intoxicação, caso seja ingerido. É ainda extremamente perigoso inalar os fumos provenientes da sua combustão.

O fósforo branco é usado regularmente no fabrico de fogo de artifício e bombas de fumo para camuflar os movimentos de tropas em operações militares.

(*) fenómeno em que um mesmo elemento químico pode originar substâncias simples diferentes

Buraco Branco

Marta Genésio e Duarte - 8ºA

Do ponto de vista da astrofísica, que é o ramo da Astronomia que estuda a parte Física do Universo, um Buraco branco é um objeto teórico que consta na teoria da relatividade. Apesar de não existirem provas da sua existência os cientistas dizem que é o inverso de um buraco negro. Na Física existe uma tendência em crer que sempre existe uma reversão de algo. Teoricamente, um buraco negro é capaz de sugar tudo o que existe, logo, os cientistas pensam que possa existir algo que expulse tudo o que possua tendo assim surgido a teoria dos Buracos Brancos.

Ouro branco

Como o ouro puro não suporta grandes deformações, acabando por partir facilmente, a joalharia desenvolveu técnicas para que tal não aconteça. Assim, diferentes ligas são usadas para conferir as propriedades desejadas para este metal. Por exemplo, adicionando cobre ao ouro obtém-se um material mais avermelhado. Já a mistura de ouro e ródio confere um maior brilho ao produto final. De igual modo, o ouro branco é nada mais nada menos que uma liga composta por ouro e outros metais brancos, como a prata, o paládio e o níquel.

Chá Branco

Pedro Pereira, 8ºA

O chá branco é a infusão de chá com folhas jovens (novos botões que cresceram) e que não sofreram efeitos de oxidação; os botões podem estar protegidos da luz do sol para prevenir a formação de clorofila.

O chá branco contém alegadamente propriedades que ultrapassam o chá verde na prevenção do cancro do cólon e maior quantidade de antioxidantes que outros chás. Em experiências feitas por investigadores do Linus Pauling Institute da Universidade do Estado de Oregon, ao testarem as capacidades dos dois tipos de chá em prevenir o desenvolvimento dos pólipos do cólon, o chá branco revelou-se 10% mais eficaz.

Entre todos os chás, o branco é o que apresenta maior concentração de poli fenóis, entre outros antioxidantes. Essas substâncias ajudam a neutralizar os radicais livres, responsáveis pelo envelhecimento celular.

O chá branco também é usado com propósitos dietéticos.

Chocolate Branco

Pedro Pereira, 8ºA

O chocolate branco, é um tipo de chocolate que para ter esta cor precisaram de lhe adicionar a essência de baunilha. O chocolate branco também é feito com manteiga de cacau, leite em pó, açúcar (59,4%)

Foi criado pela Nestlé, na Suíça, após a segunda guerra mundial, mas só foi divulgado nos anos 80.

Existem várias receitas de chocolate branco mas as mais conhecidas são: pavê, pudim, bolo, torta, mousse, trufa, sorvete.

As propriedades antioxidantes e psicoativas não são as mesmas, uma vez que estão ausentes a cafeína e a teobromina, que exercem uma acção estimulante sobre o sistema nervoso central. O chocolate branco é mais rico em cálcio do que o chocolate preto.

Quando a melanina falha
Albinismo

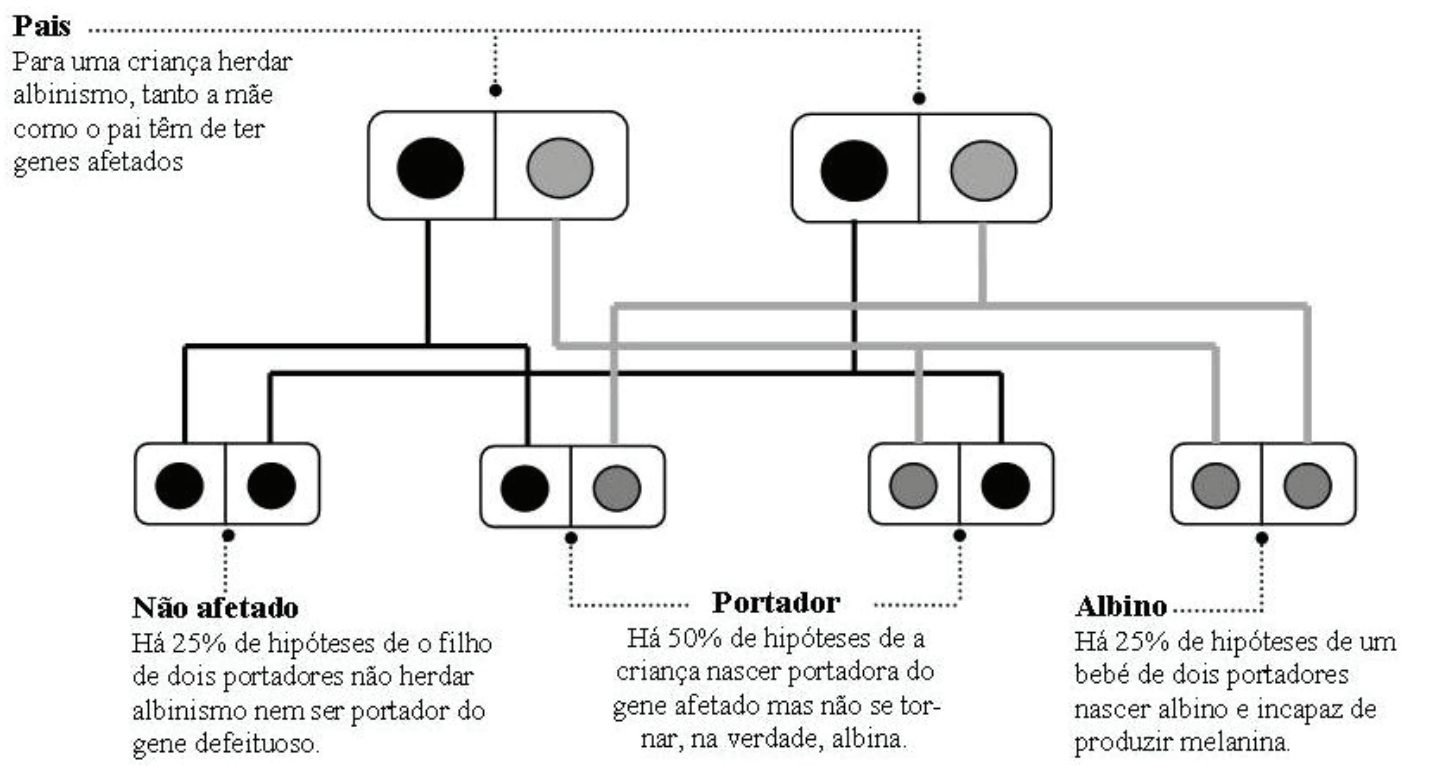
Micael Pires Gomes, 9ºC

O albinismo (do termo em latim albus, "branco", também chamado de acromia, acromasia ou acromatose) é um distúrbio que nasce com o indivíduo, no qual a pessoa afetada não produz melanina, um pigmento responsável, por exemplo, pelo bronzeamento da pele quando exposta ao sol. Registe-se que o albinismo é conhecido por afetar, não só o homem, mas todos os vertebrados em geral. É uma doença hereditária que se manifesta através da combinação de genes recessivos de ambos os progenitores, sendo que a probabilidade de um casal portador destes genes ter um filho albino é de 25%, isto é, 1 em cada 4.

(Imagem herança recessiva)

O albinismo não se manifesta sempre da mesma maneira. Existem três tipos diferentes de albinismo: total, ocular e parcial. No primeiro caso todo o corpo é afetado. No albinismo ocular apenas os olhos sofrem de falta de pigmentação e, finalmente, no albinismo parcial o organismo produz melanina na maior parte do corpo mas noutras partes isso não acontece, como é o caso das mãos e braços.

A pele de alguém com este problema é branca, frágil e muito sensível à radiação solar, razão pela qual os albinos não devem expor-se ao sol. Estes indivíduos não bronzeiam, pelo contrário, podem sofrer queimaduras muito graves. Esta é também a razão pela qual são estas pessoas as mais suscetíveis de desenvolver cancro de pele.



Fonte: Revista *Quero Saber* (Abril 2013)

Cabelos brancos
a falta que a melanina faz

Marta Genésio, 8ºA

Os cabelos brancos são o terror de muita gente. Estes devem-se à existência de um gene, que produz melanina. Este composto é o pigmento que dá cor ao cabelo e à pele.

Com a idade a produção de melanina nos seres humanos reduz-se e, com ela, ocorre uma descoloração do cabelo. Os cabelos brancos também podem surgir devido ao stress e a um trauma.

Uma superstição, a respeito dos cabelos brancos, diz que se arrancarmos um cabelo branco nascem sete igualmente brancos no seu lugar. No entanto, é mesmo apenas superstição, pois o desagrado relativamente aos cabelos brancos deve-se ao envelhecimento a ele associado e, muitos recorrem à pintura, mas afinal, inevitavelmente, todos teremos cabelos brancos, mais ou menos camuflados.... Ou talvez não.

Isto porque, recentemente, um grupo internacional de cientistas descobriu um processo que devolve a cor aos cabelos.

Este processo consiste num cocktail antioxidante, em que as pessoas tomam um medicamento denominado pseudocatalase que é ativado por ação da luz do sol, observando-se um regresso da pigmentação da pele e das pestanas.

Projeto Aula Aberta no Agrupamento de Escolas Abade de Baçal

Uma escola sem muros

O Agrupamento de Escolas Abade Baçal vai participar, no próximo ano letivo, no projeto "aula aberta", uma iniciativa da responsabilidade da Fundação Gulbenkian que visa colocar aulas e materiais pedagógicos on-line, para que escolas e alunos tenham acesso a boas práticas pedagógicas.

A concretização deste projeto acontecerá numa turma do ensino secundário, ainda por definir, na disciplina de Português, área onde o Agrupamento se tem destacado ao nível dos resultados em exames nacionais, nos últimos anos, critério que originou a escolha do Agrupamento, dentro das instituições escolares de todo o País.

Durante um mês, a turma selecionada será filmada de forma ininterrupta, na disciplina de Português, sendo que essas filmagens serão, depois, colocadas na Internet, a fim de proporcionar aos alunos e escolas de todo o País um exemplo de prática pedagógica capaz de originar resultados escolares acima da média nacional.

Além dos vídeos das aulas filmadas, o Agrupamento colocará também on-line outros materiais pedagógicos que os professores disponibilizam ao longo do ano aos seus alunos, no sentido de tornar visível para todos os interessados o trabalho estritamente pedagógico que o Agrupamento faz e que tem colocado este Agrupamento nos primeiros lugares dos rankings nacionais, na disciplina de Português.

Escadaria principal da escola

Oferta Formativa 2012/2013

Ensino BÁSICO

- Pré Escolar
- 1º ciclo
- 2º ciclo
- 3º ciclo
  (opções de lingúa estrangeira II (espanhol/ Francês)

- Cursos de Educação e Formação - TIPO II / III

Diploma de 9º ano de escolaridade
Certificação de Qualificação profissional de nível II

OFERTA DE ESCOLA

- Assistente Comercial
- Eletricista de instalações
- Instalador e Operador de Sistemas Informáticos
- Operador de Pré-impressão, Audiovisuais e produção dos média

Ensino SECUNDÁRIO

- Cursos Científico-Humanísticos (3 anos)
  - Ciências e Tecnologias
  - Ciências Socioeconómicas
  - Línguas e Humanidades

- Cursos de Educação e Formação - TIPO VI (1 ano)

Diploma de 12º ano de escolaridade
Certificação de Qualificação profissional de nível III

OFERTA DE ESCOLA

- Assistente Administrativo

Cursos PROFISSIONAIS

- Cursos Profissionais (3 anos)

Diploma de 12º ano de escolaridade
Certificação de Qualificação Profissional de nível III
Certificação de Qualificação Tecnológica de nível VI
(possibilidade de acesso ao ensino superior)

OFERTA DE ESCOLA

- Técnico de Multimédia
- Técnico de Energias Renováveis
- Técnico de Instalações Elétricas
- Técnico de Serviços Jurídicos

Dia da escola e dos finalistas

No dia 10 de Abril comemorou-se o dia do Agrupamento de escolas Abade Baçal, com atividades variadas, organizadas pelos grupos disciplinares do agrupamento e que animaram diversos espaços da escola sede com contribuições de diversos grupos disciplinares.

O corpo docente, funcionários, alunos e família dos educandos do agrupamento reuniram-se às 10.30 horas da manhã na Catedral de Bragança para se celebrar a missa dos finalistas. Esta eucaristia foi celebrada pelo padre José Carlos, um dos professores de moral do agrupamento, que contou com a colaboração de outros professores de moral e de alunos, acompanhada com um coro formado por alunos e professores de música do agrupamento, durante a qual a directora da escola, Maria Teresa Sá Pires, fez um pequeno discurso direcionado especialmente aos finalistas e discursou também uma aluna finalista, Teresa Aguiar, que, em nome de todos, agradeceu a todos quantos colaboraram com eles durante o seu percurso escolar.

A partir das 12 horas os alunos dispersaram-se por várias das atividades a decorrer na escola: na sala multimédia, foram reproduzidos filmes e músicas; nos claustros, um concerto dos Dice n' Vice, uma banda formada por alguns alunos do agrupamento; na biblioteca procedeu-se à entrega dos prémios da área disciplinar de Geografia; nos laboratórios foram feitas actividades experimentais de física, química e biologia; no pavilhão desportivo, uma demonstração de kickboxing e um jogo de basquetebol, entre as equipas formadas por alunos da escola que integram o clube de basquete e que teve a colaboração de um jogador profissional de basquete, Daniel Caluíco, que depois do jogo deu uma sessão de autógrafos.

Este foi um dia muito especial para o agrupamento de escolas Abade Baçal, foi um dia festivo que animou todas as pessoas que o integram.

Colegas finalistas, chegámos à Escola Abade de Baçal há seis anos e aproxima-se já a hora de partir. Como passou tão rápido? Parece que ainda ontem éramos alunos recém-chegados de 7º ano: pequeninos, inseguros, a correr incessantemente pelos corredores… Nessa altura, olhávamos para os alunos de 12º ano com admiração pois irradiavam experiência e confiança. Creio que posso falar por todos nós quando digo que agora, no lugar deles, não nos sentimos tão experientes e muito menos tão confiantes quanto pensámos que seríamos, principalmente perante a grandiosidade e complexidade do mundo já à espera de nos receber.

Com a proximidade de tão importante mudança é indispensável parar por um momentos para recordar o que nos trouxe até aqui.

Durante os anos passados nesta escola crescemos intelectualmente e fisicamente, tornámo-nos pessoas mais fortes, mais cultas, mais conscientes e adquirimos valores que nos acompanharão toda a vida. Progredimos, em parte, pelo nosso próprio trabalho e esforço, porém, nada seria possível sem as pessoas que sempre nos acompanharam e apoiaram. Não haverá momento mais oportuno que este para agradecer aos nossos professores, por partilharem connosco o seu conhecimento e pelo esforço que fizeram por nós, nem sempre reconhecido ou recompensado; aos nossos pais, por nos proporcionarem as melhores condições para termos sucesso e por nunca deixarem de acreditar em nós; aos funcionários, por assegurarem a limpeza e segurança da escola e a todos os restantes membros da comunidade educativa, com especial destaque para os membros do conselho executivo, por manterem o bom funcionamento da escola. Mais uma vez, um enorme e sincero agradecimento!

Neste caminho, não foram menos importantes os nossos colegas pois foi com eles que, lado a lado, o percorremos e partilhámos experiências memoráveis. Seguramente, levaremos daqui grandes e fortes amizades.

Já contamos imensos sucessos no caminho que nos trouxe até aqui, dignos de serem relembrados e celebrados nesta comemoração, independentemente da incerteza do futuro. Daqui em diante, enfrentaremos inúmeros desafios e adversidades mas sabemos o suficiente para os enfrentar de cabeça erguida, sem medo. O mais importante, como nos foi ensinado nestes anos, é dar o melhor de nós e nunca desistir.

Teresa Aguiar (aluna do 12º ano)

Nas asas da imaginação

“Do azar se fez sorte” – a fantástica história de uma aventura artística

Ana João e Adriana Pires, 12ºA

Um rapaz, um gato e pulgas, combinados com muito trabalho e imaginação foram os ingredientes que deram o terceiro lugar na V edição do PRÉMIO CONTO INFANTIL ILUSTRADO CORRENTES D’ ESCRITAS / PORTO EDITORA à turma M03 do 4º ano da Escola Augusto Moreno e que foi entregue na Póvoa de Varzim, durante a Correntes d’Escritas, que decorreu entre 21 e 23 de fevereiro.

A notícia deste prémio foi recebida em grande euforia porque “é bom sentir que a imaginação vale alguma coisa e é valorizada pelos outros” e porque, apesar de ter sido o terceiro lugar, foi muito bom “havia escolas de todo o país e ainda de Angola, Moçambique… muitas, eram mais de 80, o terceiro prémio foi muito bom, parecia um sonho”. Por isso, recordam bem o momento em que a professora lhes anunciou a novidade: “Chegou à sala com uma cara séria, como se não tivesse acontecido nada – era para nos enganar! – mas depois disse “Ganhámos um prémio com o conto OLX (como ficou conhecido no grupo o conto porque o rapaz vendia as pulgas do gato no OLX)” e nós gritámos “EH! EH! EH!””.

O PRÉMIO, instituído no dia 01 de Setembro de 2008, destina-se a galardoar, anualmente, um Conto Infantil Ilustrado inédito, em língua portuguesa, realizado por alunos – conto e ilustração – que frequentem o 4º. ano de escolaridade do 1º. Ciclo do Ensino Básico e visa estimular a criação literária, especialmente o desenvolvimento da comunicação escrita e criativa e destina-se a trabalhos coletivos (realizados por todos os alunos de uma turma).

Este foi o desafio que a professora Fernanda Costa colocou à sua turma, que de imediato se lançou ao trabalho. É fácil adivinhar a alegria com que o realizaram pelo entusiasmo com que recontam tudo, desde a escrita de poemas, a realização de ilustrações, a representação à concretização do livro ilustrado que foi premiado.

Este, intitulado “Do azar se fez sorte”, foi construído e ilustrado pela turma. Houve muita discussão e um desses momentos foi a escolha do nome do rapaz. Timóteo acabou por agradar a todos e, dado o nome ao dono do gato, as peripécias começaram. Era preciso limar as palavras, ver qual ficava melhor “escrevíamos no quadro alguns sinónimos, escolhíamos o que soava melhor, o que era mais adequado. Depois havia ainda a ilustração, cada menino ilustrou uma quadra e depois escolhiam-se as que se enquadravam melhor.

O final foi recebido com entusiasmo pela turma. Deu muito trabalho, mas nunca quiseram desistir, “quando acabava a tarefa todos diziam Oh!”.

Mas este não foi o único conto escrito e premiado nem é aquele que lhes agrada mais. “O Diário de um menino em vésperas de Natal”, que ganhou o prémio do conto de natal, instituído pela Câmara Municipal de Bragança, é a menina dos seus olhos e aquele ao qual gostariam de dar continuidade.

No momento estão encantadas com outra história, que estão a ensaiar no clube de teatro: a de “Romeu e Julieta”, uma edição juvenil que se encontra entre muitos dos livros que o prémio recebido lhes permitiu obter. “Quando a Porto Editora permitiu que escolhêssemos os livros, entrámos num universo fantástico. Descobrimos livros maravilhosos. A nossa biblioteca e aulas ficaram muito mais ricas”, confessou a docente.

A apropriação desta história fê-las questionar as opções do autor. Por isso, mudariam, se pudessem, o final da tragédia de Shakespeare, que “é muito triste porque morrem os dois. O Romeu disse-lhe que continuasse a viver, mas ela com a tristeza não conseguiu suportar a ausência do seu amado”.

Uma das propostas era um final menos trágico, “ela podia beber o veneno e ir logo para o hospital, depois as famílias apercebiam-se do erro que estavam a cometer e faziam as pazes”. Outra sugestão dada foi que “ela poderia ter recebido a carta” ou “terminar com um milagre: quando ela começava a chorar, ele renascia” ou “magia: as lágrimas batiam-lhe no coração e ele renascia”.

Depois do entusiasmo na recriação do final, a Lara Silva conclui que talvez a opção do autor tenha sido a melhor, pois “Se Julieta existiu na realidade lá em Verona, o fim não podia ser irreal…”.

Foi breve o silêncio que esta conclusão provocou. Rapidamente regressam aos livros e não têm dúvidas do bem que eles fazem: com eles aprendem, tornam-se mais criativas e até influenciam o comportamento.

Verdade irrefutável, para a Soraia Silva “aqueles que se portam mal não leem muito”. E fazem questão de mostrar que vivem no meio destas histórias que a professora partilha com elas na aula e no clube de teatro. Uma é o “som das cores” e a mensagem do livro surge a propósito do comportamento dos meninos “há meninos que têm os cinco sentidos e não os usam bem e há outro que não têm todos e gostariam de os ter”. A sua solidariedade com estes é evidenciada na saudação que nos fazem em língua gestual.

É uma sorte conhecer jovens assim.

República Portuguesa · NOVAS OPORTUNIDADES APRENDER COMPENSA · Ministério da Educação · ANQ Agência Nacional para a Qualificação · POPH Programa Operacional Potencial Humano · União Europeia Fundo Social Europeu · QREN Quadro de Referência Estratégico Nacional Portugal 2007-2013